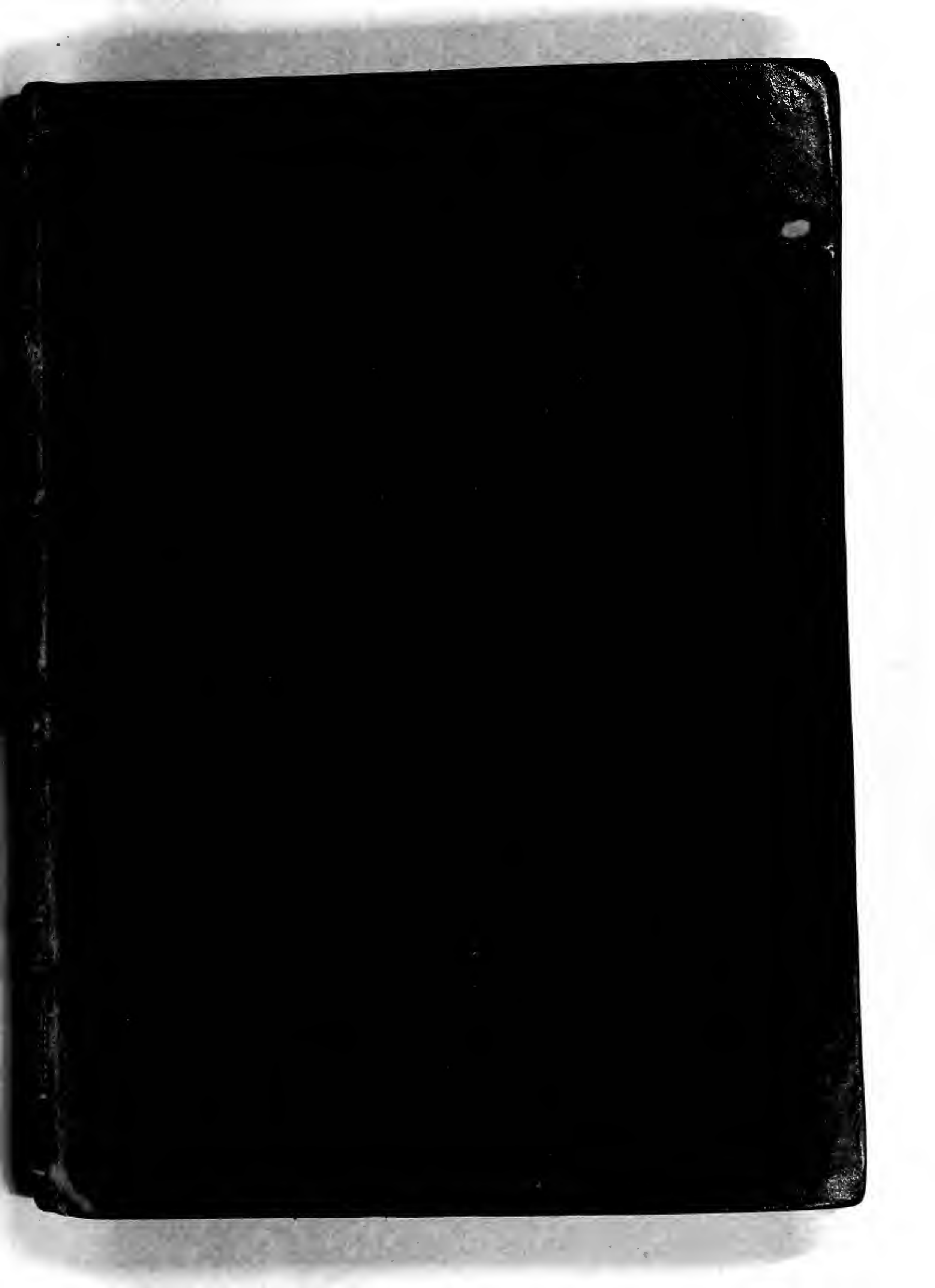



GAUDEO.

APOLOGIA

A FAVOR DO

P. ANTONIO VIEYRA

DA COMPANHIA DE JESU

DA PROVINCIA DE PORTUGAL.

APOLOGIA
A FAVOR DO R.
P. ANTONIO VIEYRA
DA COMPANHIA DE JESU
DA PROVINCIA DE PORTUGAL,

Porque se desvanece, e convence o Tratado, que com o nome de Crisis escreveu contra elle a Reverenda Senhora Dona Joanna Ignes da Crus, Religiosa de S. Jeronymo da Provincia de Mexico das Indias Occidentaes.

ESCREVEU-A

A M. SOR. MARGARIDA IGNACIA,

Religiosa de Santo Agostinho no Convento de Santa Monica de Lisboa Oriental,

QUE A CONSAGRA, E DEDICA

AO MUYTO REVERENDO

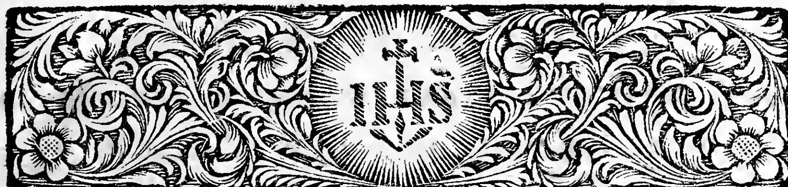
P. PROVINCIAL,
E MAIS RELIGIOZOS

Da Companhia de JESU da Provincia de Portugal.



LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de BERNARDO DA COSTA, Anno de 1727.

Com todas as licenças necessarias.



DEDICATORIA
AO M. REVERENDO
P. PROVINCIAL,
E MAIS RELIGIOZOS
Da Companhia de JESU da Provincia de Portugal.



FFERECO a V. Reverendissima, e aos mais Religiozos desta Provincia o

 pre-

prezente livro, em que certamente dou a ler ao Mundo as minhas payxões, e os meus affectos para com esta Religião Sagrada; jà notou o Padre Vieyra que os corpos se retratavão com o pincel, as Almas com a penna, queyra Deos não seja ella tão tosca, como mostra o retrato; gastey muyto tempo para me resolver a compollo; nenhum para dedicallo; nos mesmos rios, e nos mesmos rayos encontrey esta lição, que a correspondencia tambem tem lugar nos insensiveis; não para o rayo se n reflectir ao Sol, menos o rio sem que volte ao Mar, a venerarem ambos o seu oriente, e o seu berço: não posso encobrir que da Sagrada Companhia de JESU, como Mar da sabedoria derivado por tantos regatos, quantos livros, ou como Sol de todas as luzes trasladadas a tantos rayos, quantos tomos, participey a noticia do pouco, que chego a alcançar; por isso agradecida pago na offerta quanto recebi de doutrina, correndo affectuosa como o rayo ao Sol, o regato ao Oceano: o sexo me difficultou ouvir em

voz

voz nas cadeyras os Oraculos da Companhia, mas na falta das vozes consolaramme os escritos; achey nas Theologias hum Suares, hũ Vasques, hum Molina, nas Filozofias hum Fonseca, e os famozos Conimbricenses; sobre as Escrituras admirey os Mendonças, os Maldonados, os Cornelios, os Pereyras; nos Moraes vi com assombro os Sanches, os Palaos; nas Controversias os Bellarminos; na Historia os Estradas, nas Politicas os Cotzẽs, na erudiçaõ os Peturios; na Mathematica os Clavios, e em tudo, e para tudo achey o grande Vieyra, cuja discriçaõ foy milagre, e na sciencia abysmo; posso affirmar a V. Reverendissima que só hum Anjo pudera bastantemente explicar o conceyto, que tenho formado deste grande Homem, se reparo na elegancia das vozes, e no natural das palavras, esquecem-me os Tullios, e os Demosthenes: se para o methodo, com que expõe os lugares mais difficultozos da Escritura, pasma-me o engenho; sobre tudo o literal, o solido, e o agudo; se para as noticias,

ticias, ſempre encontro as mais raras, ſe para as Theologias, o mais fino; naõ ſe acha nas ſuas obras palavra alguma, que naõ ſeja conceyto; em tudo reparou com ventura, e tudo reſolveu com acerto, diſſe o que quis, mas provou o que diſſe; tudo isto, e o mais, que naõ pondèro, me convence que o Padre Antonio Vieyra foy daquella maſſa, de que Deos formou os Agostinhos, os Chryſoſtomos, os Nazianzenos, os Baſilios, e outros Oraculos da Igreja; permitta Deos que com o famozo Clavis Prophetarum vejamos outras obras, que tem ſepultado o ſilencio, para acabarmos de conhecer quem foy o Padre Vieyra, e a quanto pòde ſubir a natureza com os auxilios da graça: confeço a V. Reverendiſſima que quando a Companhia naõ viera ao Mundo mais que para produſir este famoſiſſimo Soldado, ſe pudera ella dar por muyto glorioſa, e que ſerà tendo outros taõ famozos, e taõ illustres em todo o genero de ſciencias, e virtudes? Deos, que tanto tem tomado à ſua conta os ſeus

aug-

augmentos, ſe ha de dignar de comprirme os dezejos, que da ſua grandeza eſpera o meu affecto, e entre tanto conſidere voſſa Reverendiſſima ſe he melhor ſer do Mundo Paſtor, ſe de tal gente, e aceytando com aquella benevolencia, que me ſegura o ſeu genio, eſta pequena obra eſcrita a favor do P. Antonio Vieyra com mais affeyçaõ que juiſo, deſculparà os erros, e eſtimarà a vontade; naõ pretendo que V. Reverendiſſima, e os mais Religiozos, a quem venero com profunda humildade, ſe empenhem na defenſa deſtes eſcritos, porque nas emprezas ſeguras naõ ſe temem os riſcos, e ſendo a doutrina do Padre Vieyra taõ canonizada pelo applauſo univerſal, q̃ perigo póde haver na ſua defenſa? Naõ he eſta a cauſa, porque ſe dirige a V. Reverendiſſima a prezente Dedicatoria, nem tenho outra mais que fazer publica ao Mundo

Clem. X. em hum Breve do P. Vieyra que começa: *Religionis zelus, &c.*

to-

todo a minha veneraçaõ com o Padre Vieyra, e com esta Religiaõ Sagrada; cujos augmentos correm por conta de Deos, que guarde a V. Reverendiſſima, e a todos os que por affecto, ou profiſſaõ nos confeçamos ſeus ſubditos.

Encommendome muyto nos Sacrificios de voſſas Reverendiſſimas

Soror Margarida Ignacia.



AO LEYTOR.

NOVA, e naõ esperada resoluçaõ sahe hoje a publico: desafiando justamente a curiosidade dos doutos, e a attençaõ dos curiozos; mas nem o insperado lhe tirará o acerto, se o tiver; nem a novidade o applauso, se acaso o merecer: da folha, que fica atràs, se terá entendido a primeyra causa de emprender esta obra; porque me criey com tal veneraçaõ aos escritos do Padre Vieyra, que se me fes insoffrivel a mais leve censura; e chegandome à noticia que D. Joanna havia criticado o Sermão do Mandato, que anda na setima parte dos seus Sermões, foy tal o empenho na leytura do Crisis, que em breve tempo o passey pelos olhos, sentindo summamente encontrar contra o P. Vieyra proposições taõ duras, que ainda na penna de D. Joanna, sendo taõ doce, ficáraõ asperas.

Confeço que o grande brado, que deu no Mundo o felis engenho desta suave Musa, me conciliou a primeyra attençaõ aos seus escritos, mas reflectindo nelles com a veneração, que costumo, achey que foy muy differente a penna, com que tocou a cithara, e escreveu a prosa; com este conceyto pus de parte o livro, não me vindo ao pensamento censurar o Crisis, ou defender Vieyra; os motivos, que entaõ me occorreraõ, depois me embaraçáraõ, sendo o mayor de todos não haver até nossos tempos quem tentasse semelhante

empreza: porque, ainda que algum curiozo offereceu reposta aos argumentos da Reverenda Senhora, como esta naõ sahisse a publico, ficáraõ os argumentos na sua reputaçaõ. Aqui me occorreu ser o Padre Vieyra esclarecido alumno da Sagrada Religiaõ da Companhia de Jesus, dos quaes parece falou S. Paulo quando disse: *Divites facti estis in omni verbo, & in omni sciencia, vocati in Societatem Jesus*; e assim devia julgar Providencia, e naõ a caso que, achando se na mesma Companhia tantos soldados, e taõ illustres justamente empenhados nos escritos alheyos, naõ houvesse algum, que por parte de Vieyra nos désse a ler os escritos proprios.

1. ad Corin. cap. 1.

Escreveraõ os Theofilos em desaggravo dos Lessios, e com o esplendor da verdade se confundio a malicia: discorreraõ os Suares, Vasques, e Valenças em attençaõ dos Molinas, e formando á intelligencia da verdade facil caminho á nossa percepçaõ, o que pareceu erro, foy sciencia: defenderaõ os Lusitanos a Magestade Filozofica dos seus Conimbricenses, e ficou graduada no nosso respeyto a sua veneraçaõ: gloriozos todos, ou se considerem defensores, ou defendidos; em fim no sagrado, e no profano apenas se achará escrito entre a immensidade de volumes, com que esta Sagrada Religiaõ soube graduar a Minerva com inveja de Marte, que não seja hum forte escudo de aço, e luz, que igualmente sirva para rebater os contrarios, e illustrar os defendidos.

Não teve esta felicidade o nosso Vieyra, pois não achamos que Soldado algum desta illustre Companhia formando da penna espada, com os rasgos, e com os riscos cortasse pelos contrarios de tão grande General, vencendo sem susto, e triunfando sem custo das oppo-

siçoes

ficções, e encontros, que em lugar de fazerem duvidozos os acertos, servem de boato aos seus triunfos. Bem sey que as resoluções do Padre Vieyra por si mesmas vão defendidas, por isso com estudo particular mendigàmos nos seus escritos as nossas repostas, que para tudo deyxou materia nos seus escritos; e esta foy sem duvida a causa, porque nesta materia suspendeu a Companhia a sua penna; claro està que escusa patrono quem se acha defendido.

Mas, ainda que nesta consideraçaõ nos pareceu acertado o silencio, e superfluo o discurso, o grande affecto ao Padre Vieyra nos foy inquietando de sorte, que bastou a persuadir com toda a ansia o prezente empenho, porque nas materias, em que vota o amor, sempre he mais perspicás a vontade, q̃ o juiso: sobre tudo o applauso, que na inveja dos estranhos achou a referida censura, chegando-se tal ves a dizer que naõ tinha reposta, foy a causa mais urgente desta minha resoluçaõ; e procedendo com o papel o mais rigorozo exame, ponderando com toda amiudeza as soluçoens, os fundamentos, as consequencias, os argumentos, e as censuras, achey que nelle atè o que parecia substancia, saõ accidentes, e o que parecem vivezas, saõ cadaveres.

Diga muyto embora o Padre Morejon, e quem o refere, que a Reverenda Senhora na prezente Crisis convence com evidencia quatro, ou sinco vezes, mas fiquem advertidos os seus sequazes de porem à margem os lugares convencidos, e as proposiçoens, que convencem. O Padre Heredia seu dignissimo Censor busque termos muyto embora, para louvar na Rev. Senhora a formalidade syllogistica; porque examinada aos preceytos da arte parece, como se verà nesta obra,

que naõ acertou nas consequencias: desfaçam-se em fim os outros em grandes louvores de engenho, contemplando aquelle tratado, que eu bem sey naõ bastar hum erro para destruir hum artifice.

Reconheço que a Senhora Dona Joanna, foy dotada de singular engenho, viveza, e discriçaõ; mas na combinaçaõ dos talentos vou com ella prefirindo a Vieyra: naõ ignoro que alguns seguiráõ o contrario, vendo que a dita Senhora entra a compararse com Debora, e a desculparse com Judith, mas neste conflicto, ainda que calumnia de soberba a nossa Nação nas proposiçoens de Vieyra, tambem acho que he muyto menor a nossa soberba que a sua vaidade.

Comparações saõ alheas do meu genio, antes vou com o Padre Vieyra dissentindo, que com a Reverenda Senhora comparando-se; desviarme do parecer de alguns naõ he o mesmo que fazer escola particular; cada hum, como dis o Apostolo, abunda no seu sentido, deyxe-se a abundancia, e examine se a razaõ.

O entendimento humano he huma das cousas mais superiores, que Deos creou, obrigallo à authoridade das pessoas he tirar os privilegios à Fè, aonde para a formalidade da crença só se olha a authoridade Divina: nas materias opinativas só a razaõ está primeyro que tudo, e se na ponderação de cada huma pòde haver variedades, que muyto que no sequito haja tambem differenças; empenhar na razaõ he acerto, fazer razão do empenho he delirio.

As obras do Padre Vieyra saõ o argumento melhor daquella veneração profunda, com que respeytava os Agostinhos, os Chrysostomos, os Thomases, e os mais Doutores da Igreja; intentar adiantallos seria loucura, dissentir de alguns, alguma ves póde ser com acerto

certo, o primeiro, que se retratou a si mesmo, foy o meu grande Agostinho, e se Agostinho por attenção á verdade muda do seu mesmo parecer, quem deyxará de seguir a verdade? Ninguem conhece melhor a Agostinho, dis Vieyra, que quem o ve retratado, que até os Gigantes naõ se medem pelo original, senaõ pela sombra: não me meto em differenças, ou parallelos, só digo que quem se fundar em melhor razaõ, terá comigo a melhor authoridade, assim o aconselha o meu grande Agostinho, e o manda expressamente o Emperador Justiniano na l. 1. C. de veter. jur. enucleand. *Sed nec ex multitudine Authorum, quod melius, & aequius est, judicatote, cùm possit unius forsan, & deterioris sententia multos, & maiores in aliqua parte superare.* Vieyra p. 3.

Tenho-te dado conta, curiozo leytor, até dos pensamentos, em que teve origem esta minha Apologia; da Crisis acharas que forão as bacharilices de huma grade, na qual como theatro tal ves das Florindas, mal podiaõ ter lugar os Vieyras: não te quero encarecer o trabalho, que pus nesta obra, só te confeço que o naõ tive mayor, que em adaptar ao intento as doutrinas de Vieyra, que se achaõ dispersas nas suas obras, isto me precizou a emprender toda a sua leytura, com lucro sim, mas com gosto.

O methodo, q̃ sigo, he propor em primeyro lugar as authoridades dos Santos Padres na parte, a que tocaõ; cuja defensa deu lugar à Crisis; depois o parecer do Padre Vieyra, que às vezes corroboro, respondendo em ultimo lugar, mas com toda a distincçaõ, aos argumentos da Reverenda Senhora; fazendo huma exacta anatomia das suas proposições: se tiver no que digo algum acerto, protesto que naõ he meu; se erro, que se podia esperar de mim?

Par-

AO LEYTOR.

Parte dos pensamentos do Reverendo Padre reconhece a Madre Filothea serem do nosso Illustrissimo Arcibispo D. Sebastiaõ Cesar de Menezes, cujos lugares transcrevemos no §. 1. tirados do livro, que intitulou: *Sugillatio Ingratitudinis*; mas reparo que escritos por Cesar o puzeraõ no grao dos melhores Engenhos de Portugal, e explanados por Vieyra o fizeraõ emulaçaõ dos Engenhos de Castella; mas o rayo sempre busca o monte, a setta sempre vay ao alto.

Algumas noticias te dera da minha vida, curiozo Leytor, se a caso fosse tal, que te servira de exemplo; mas jactarme de habilidades pòde-te ser escandalo: a ociosidade, em que nos achamos neste nosso Convento ácerca da vida activa, pois bem sabes que naõ ha que governar, nem que comer, nos levou a todas à contemplaçaõ, que he justo tratemos sómente da Alma; digo-te isto, paraque saybas que esse pouco, que alcanço, foy a puro trabalho na leytura dos livros, sem aquelle fruto da Senhora D. Joanna; porque essa graça foy especial daquelle singularissimo Engenho: basta de narrativa, que sou pouco dada a communicar com o Mundo; o que deves approvar, pois morri para elle; só te peço que quando ouvires que a cabey de todo, te lembres de mim para me encomendares a Deos, a quem peço te guarde.

LICEN.

LICENCAS

DO SANTO OFFICIO.

CENSURA DO M. R. P. M. Fr. BOAVENTURA de São Gião, da Ordem de São Francisco da Provincia da Soledade, Mestre na Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, e Examinador Synodal do Arcebispado de Braga.

EMINENTISSIMO SENHOR.

HA tempos se esperava neste Reyno reposta ao papel, que escreveu, e fes estampar a Religiosa de Mexico D. Joanna Ignes da Crus em opposição a hum dos Sermoens do Mandato do grande Padre Antonio Vieyra: e havendo na Nação tantos sugeytos com capacidade para responder, nenhum atègora se resolveu a expor em publico, e prezentar aos olhos do Mundo hum Manifesto, em defensa do discurso, e abono da resoluçaõ do grande Padre; naõ como satisfaçaõ aos doutos, e professores da Concionatoria, que com evidencia percebem a debilidade das objecções, e incoherencia dos argumentos da Opoente; mas para desvanecer o juiso daquelles, em cujo conceyto ficaria em opiniaõ o Talento do dito Padre, vendo se lhe atrevera Arguente taõ desigual, e de taõ inferior cathegoria.

Mas, como naõ tarda quem chega, sem o cuydarmos, appareceu o dezejado para se fazer publico no theatro do prelo; cujo parto dilatou o destino, e o reservou para tempo, em que fosse mais estimavel, e

mais

mais plausivel pela circunstancia da idéa, que o concebeu, e deu a luz. E he o papel Apologetico, de que a Petiçaõ trata, e V. Eminencia me manda ver; composto por Soror Margarida Ignacia Religiosa no Convento de Santa Monica desta Corte. E com felicidade conseguio o intento, dezempenhando-se no assumpto, que fabricou a sua idéa; porque defende com singular engenho, e rara subtileza a opiniaõ do insigne Vieyra, com razões naturaes, e argumentos bem fundados dedusidos da Sagrada Escritura, dos Santos Padres, do Direyto Canonico, e Civil, e ainda das Humanidades; valendo-se tambem da doutrina do mesmo Vieyra, que tras em muytas partes das suas obras: mostrando ao mesmo passo igual noticia, que intelligencia.

Naõ se pòde negar a discrição, e clareza do entendimento da Religiosa Mexicana, como consta dos seus escritos, e obras Poeticas, e muyto mais para louvar no feminino sexo; mas nota-se a temeridade de querer transcender a sua esfera, e voar mais alto do que premittiaõ as suas ázas; e o desvanecimento de arguir a hum Homem taõ grande, e Sujeyto tão famigerado, que deyxou nos Annaes nome perduravel, e nas Estatuás memoria eterna; Heroy, que naõ cabe no conceyto, quanto mais na expressaõ das gentes, sendo assumpto a toda a vòs da Fama; cujas obras se lem com admiraçaõ, e reverencia, e saõ originais sem copia, exemplares sem imitação: porque em semelhante genero de Escritura ninguem o excedeu, nem ainda o igualou.

Devia pois a Hespanhola venerar natural mysterio, o que não alcançava o seu juiso, em obzequio do pregaõ universal, que soou no Mundo, e darà ainda mayor brado, o que se espera ver deste Salamaõ Portuguez

naquella grande obra *Clavis Prophetarum*, onde (segundo relação veridica) lançou a barra àlem da Baliza, deu mais liberdade à sua penna, e soltou os diques ao seu discurso. E assim contra os escritos deste famozo Heroe todo o juiso he temerario, todo o escrupulo sem fundamento, e toda a critica, filha da sem razão, ou da inveja; mas há olhos, que daõ olhado à luz, e Barbaros que a pedrejaõ o Sol.

Foy notavel a fantasia da Indiana arguente, arrojarse a subir ás nuvens, e tomar o Ceo com as mãos para fazer celebre o seu nome; porem em tanra altura se lhe foy o lume dos olhos, e ficou a perder de vista; confundio-se, e perdeu o tino, como os da Torre de Babel, cuja loucura, e presumpção quis subir aonde naõ podia chegar; mas frustraraõ-se os intentos de seu desatino, ficando a obra no ar, e elles por terra tendo pensamentos de chegar ao Ceo.

Foy arrojo de Icaro, e temeridade de Faetonte pertender voar com azas de cera, e remontar-se sem saber governar as redeas do discurso, sendo precipicio o que havia de ser luzimento. Naõ ficaria despojo da chamma a inconsiderada Borboleta, se senaõ attevera a assombrar, e fazer acintes á luz com a debilidade de suas àzas, e com a fraqueza de seus voos.

Aspirou a sua ambiçaõ a conseguir o applauso da pedra de David na vittoria do Gigante, e a gloria da pedra do monte no triunfo da Estatua; enganouse porem no pensamento, por que naõ prostrou o Gigante, nem derribou a Estatua, naõ empregou o tiro, nem executou o golpe, por lhe faltar a destreza daquelle braço, e a quèda, ou cadencia daquella pedra: ficou a Estatua como dantes, o Gigante como sempre, e ella peyor do que estava.

Cuydou se achava no tempo das Amazonas, em que se armavaõ as mulheres, e sahiaõ a campo prezentar batalha aos homens, ficando por fortuna algumas vezes vencêdoras; mas ja lá vay esse tempo das victorias das armas, nunca porèm o houve dos triunfos nas letras. Emprendeu o Certame com a vaidade de ter nome no Mundo, mas succedeulhe ao contrario, como ao Incendiario do templo de Diana, que pretendeu renascer com lustre das cinzas daquelle incendio, e porque se oppoz a huma das Maravilhas do Mundo, ficou sem nome no templo da Fama.

Foy presumpçaõ demasiada pretender empatar as vazas, e apear a tão elevado Talento, e dar unhada em taõ acclamada opiniaõ, em que não podia meter dente, nem fazer mòça: foralhe melhor pegar da almofada, e meterse na bainha, do que sahir à contenda, e tratar antes dos pontos da agulha, que dos de Theologia; porque expor a Sagrada Escritura he emprego mais sublime, que a occupaçaõ da Poesia; não he o mesmo medir os versos, que pezar os Textos, porque aquelles tem conta, estes naõ tem medida.

Dizem que o papel, ou Crisis da Religiosa chegára, naõ só à noticia, mas às mãos do Padre Vieyra; a que naõ respondeu, nem quis opporse em defensa da sua opiniaõ, por ver a debilidade das objecções, que deyxavaõ em pè a sua resoluçaõ, sendo argumentos superficiaes, que naõ chegavaõ à profundidade dos seus; naõ lhe pareceu a obra cousa da India, por ser mais a liga que a prata, mais as fezes, que o ouro: nem lhe embargava o seu lusimento semelhante exhalaçaõ; antes as nuvens na opposiçaõ do Sol fazem brilhar os rayos, e as sombras na perspectiva dos quadros fazem realçar as luzes.

Naõ

Naõ era pois decente a tão grande Homem darſe por achado da ouſadia feminil, nem a tão deſmarcado Gigante aceytar o deſafio de hum Pigmeo, porque a grandeſa do Elefante naõ fas caſo dos piques de hum moſquito; naõ convinha a tão decantado Heroe medir a eſpada com huma roca; e em tal deſproporção de talentos a melhor repoſta foy naõ a dar, porque os Alexandres ſó contendem com oppoſitores da meſma esfera, e que poſſaõ com elles correr parelhas; e os oraculos naõ daõ repoſtas a quem irreverente lhes falta com a attençaõ, e com o reſpeyto.

Eſcreveu a Heroina Portugueza a preſente Apologia em deſpique, e reverente obzequio do grande Padre, para na arithmetica do dezejo fazer eterno o culto, e perduravel a veneraçaõ, caſtigando a ouſadia, e deſvanecida preſumpçaõ da Mexicana por ter ázas para voar mais alto o ſeu penſamento: e bem prova ſer filha legitima da grande Aguia Africana, e herdeyra da ſua perſpicacia, por ſe remontar tanto nos voos a ſua intelligencia, eſcrevendo com penna taõ fina, que moſtra foy tirada daquellas azas, ſendo naõ ſó de Aguia por ſublime, mas de Fenis por rara.

O credito da Naçaõ lhe aparou a penna, e lhe apurou o diſcurſo para o Certame, qual Hebrea de Bethulia, a quem o amor da patria miniſtrou o valor, e affiou a eſpada para o conflicto: ambas igualmente vittorioſas, e triunfantes, huma com o golpe da eſpada, outra com o raſgo da penna. Seria tal ves diſpoſiçaõ da Providencia para juſto caſtigo da vaidade da Heſpanhola a oppoſiçaõ da Portugueza, arguindo-a, e convencendo-a ſujeyto do meſmo ſexo, e da meſma profiſſaõ, para q̃ cedeſſe à valentia do entendimento de outra mulher, aquella, que preſumia exceder ao mayor Homem na comprehenſaõ, e ſubtileza do juiſo. E

E porque naõ contem cousa alguma, que desdiga da pureza de nossa Santa Fè Catholica, ou dissonante dos bons costumes, merece esta obra sahir a lus, e apparecer em publico por beneficio da Estampa, para satisfaçaõ do grande alvoroço, com que o dezejaõ os curiozos, e a espera impaciente o prelo. He o meu parecer: V. Em. mandará o q̃ for servido. Lisboa Occidẽtal no Hospicio do Duque 18. de Fevereyro de 1727.

Fr. Boaventura de Saõ Giaõ.

VIstas as informações, pòde-se imprimir o papel intitulado Apologia a favor do Padre Antonio Vieyra, Autora a Madre Soror Margarida Ignacia, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 18. de Fevereyro de 1727.

Fr. Alencastre. Cunha. Teyxeyra. Sylva. Cabedo.

DO ORDINARIO.

VIsta a licença do Santo Officio, damos licença para que se possa imprimir a Apologia, de que esta Petiçaõ trata, e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença que corra, e sem ella não correrá. Lisboa Oriental 8. de Março de 1727.

D. M. Bispo de Tagaste.

DO PAÇO.

CENSURA DO M. R. P. M. D. JOZE BARBOZA Clerigo Regular, Chronista da Serenissima Caza de Bargança, e Academico da Academia Real da Historia Portugueza, e Examinador das Tres Ordens Militares.

SENHOR.

ESta Apologia, que em obzequio do Padre Antonio Vieyra escreveu a Madre Soror Margarida Ignacia, he hum dos mais excellentes papeis, com que

se

ſe pòde illuſtrar a republica literaria, tanto pela materia, como pela penna. Pela materia, porque com eſta Apologia ſe defende o delicadiſſimo diſcurſo de hum Homem, que em tudo foy grande, e que para chegar ao mayor heyperbole da grandeza, era preciſo que tiveſſe adverſarios. Nada fes taõ illuſtre ao Sol, como haver pòvos taõ barbaros, q̃ o apedrejavão, porque neſta acçaõ moſtravaõ que eraõ ingratiſſimos, pois armavaõ as maõs contra o bemfeytor, de que recebiaõ as luzes. Foy o Padre Antonio Vieyra Meſtre da ſubtileza, e para ſer venerado como tal, era neceſſario que houveſſe quem lha fizeſſe mais celebre, pretendendo impugnalla. Todo o fim deſta invectiva contra o Sermaõ do Padre Antonio Vieyra entendo que foy para merecer no Mundo a ſua diſcretiſſima Autora hum grande conceyto pela grandeza da idéa, e pela elevaçaõ do penſamento, porque muytas vezes ſe procura a ruina pelo intereſſe da opiniaõ. Pela penna, porque he da Madre Soror Margarida Ignacia Religioſa de Santo Agoſtinho no Convento de Santa Monica de Lisboa Oriental. Naõ pòde haver mais proporcionada contenda. A MadreSoror Joãna Ignes daCrus era filha de hum Patriarca taõ illuſtre como São Jeronymo, que deſde a cova de Belem com os ſagrados trovões das ſuas vozes confundio a arrogancia de atrevidos herejes, e a M.Soror Margarida Ignacia he filha daquelle môſtro de Africa, que com a fulminante agudeza das ſuas palavas convenceu a obſtinada rebeldia de muytos Hereſiarcas. Com ſuavidade, e com delicadeza compos a Madre Soror Joanna a ſua invectiva contra o Meſtre do pulpito; com delicadeza, e com ſolidos fundamentos o defende com eſta Apologia a Madre Soror Margarida Ignacia. Vendo a razaõ injuſtamente offendida do abra-

zado

zado espirito, e do elevado juiso de seu grande Patriarca, participou taõ felismente a Madre Soror Margarida Ignacia, que com prodigiosa fecundidade lhe administrou tão profundas razões, taõ claros argumentos, e tão seguras Conclusoens, que esta Apologia se contarà por huma das grandes felicidades do Padre Antonio Vieyra, e por hum dos melhores papeis, que poderaõ ler os curiozos. Nelle se estaõ vendo tambem defendidas as opiniões do Padre Antonio Vieyra, que agora se conhece com evidencia a profundidade do seu discurso revelada, e descuberta nesta doutissima Apologia. Se a Madre Soror Joanna previra futuros, poderà ser que naõ sahisse a campo com a sua invectiva, mas naõ se queyxarà da inconstancia da fortuna em perder a batalha, porque lhe ganhou a vitoria outro espirito, se menos versado na divina arte da Poesia, mais fecũdo nos incomparaveis segredos da sciencia sagrada. Neste papel naõ só naõ vejo clausula alguma, por onde naõ mereça a licença, que se pede para se dar á estampa, mas antes me parece dignissimo de que saya à luz, para que veja o Mundo que, se o Padre Antonio Vieyra soube ensinar, soube defender agudissimamente a sua doutrina a Madre Soror Margarida Ignacia. V. Magestade mandará o que for servido. Lisboa Occidental nesta Caza de N.S. da Divina Providencia a 8. de Mayo de 1727.

Dom Jose Barboza C. Reg.

QUe se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Meza para se conferir, e taxar, e sem isso naõ correrá. Liboa Occidental 12. de Mayo de 1727.

Marques P. Teyxeyra. Bonicho. Tavares.

APOLO-



APOLOGIA

A FAVOR
DO R. P. ANTONIO VIEYRA,

Porque se desvanece, e convence o papel, e Tratado, que com o nome de Crisis escreveu contra elle a Reverenda Senhora D. Joanna Ignes da Crus.

PROPOEM-SE OS TERMOS DA QUESTAÕ.

Qual foy a mayor fineza do amor de Christo nas ultimas horas da sua vida?

§. PRIMEYRO.

Propõe-se a opiniaõ de Santo Agostinho, e o sentimento do P. Vieyra sobre a mesma opiniaõ, que se defende, & corrobora.

1. DNTRA o Padre Antonio Vieyra a ventilar o ponto da sua principal questaõ, que he descobrir a mayor entre as finezas de Christo no fim de sua vida santissima, e propõe em primeyro lugar o parecer de Agostinho, meu grãde Patriarca, cujas luzes escurecerão as luzes todas; teve este para si que a mayor fineza do amor de Christo

para com os homens foy o morrer por elles, o que parece se prova com o Texto do mesmo Christo, dizendo que naõ havia mayor acto de caridade, nem mayor
Joan.15.n.13 valentia de amor, que dar a vida pelo amado: *Maiorem hac dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis.*

2 A este parecer embarga com a devida attençaõ o Reverendo Padre fundado sem duvida em dizer o mesmo Agostinho que naõ queria se tivessem por dogmas as suas opinioens, no que foy visto dar liberdade ao nosso discurso para seguir sem aggravo o que lhe parecesse mais solido: *Nolo authoritatem meam*
August. *sequaris, ut ideo putes aliquid esse verum, quia à me dicitur.* Supposto porèm que foy grande fineza de Christo o morrer pelos homens, diz o Padre Vieyra que não foy esta a mayor fineza, porque ausentando-se Christo dos homens andou mais fino, que morrendo por elles: logo mayor fineza foy em Christo ausentarse, que morrer, prova-se primeyramente com a razaõ.

3 Christo Senhor nosso amou mais os homens, que a vida; pois deu a vida por amor dos homens; o morrer era deyxar a vida, o ausentarse era deyxar os homens: logo muyto mais fez em ausentarse, que em morrer, porque morrendo deyxava a vida q̃ amava menos, ausentando-se deyxava os homens, que amava mais; provado este parecer com a razaõ, entra o Reverendo Padre a provallo com o Evangelho: *Sciens quia*
Joan.13. *venit hora ejus, ut transeat ex hoc Mundo ad Patrem;* fala o Evangelista Aguia do amor de Christo naquella hora do seu amor, e diz que era chegada a hora de partir para o Pay; e sendo a partida o mesmo, que a morte, pois por meyo da morte he que Christo partia,

notou o P. *Vieyra* que, devendo dizer o Evangelista ser chegada a hora de morrer, disse sómente que era chegada a hora de partir: *Ut transeat*; acujo reparo deu em reposta que, como o intento desta Divina Aguia era encarecer a fineza do amor, entendeu, que a encarecia mais, dizendo que Christo partira, do que dizendo que Christo morrera, porque mais fino andou o Verbo ausentando-se, que morrendo: *Ut transeat ex hoc Mundo, dilexit*.

4 Do entendimento da Aguia passou o Reverendo Padre ao Coraçaõ da Fenis a prodigiosa Magdalena, por cujas lagrymas, ou congeladas, ou liquidas, sem desfazer na morte acreditou a ausencia; reparou que estando a Magdalena ao pè da Crus vendo morrer a mesma Vida às mãos da crueldade, e que sendo certo havia de resolver em perolas quanto concebia em penas, nenhuma advertencia fizessem os Evangelistas das suas lagrymas ao pè da Crus; sendo que quando a Magdalena à porta do sepulchro por não achar o cadaver de Christo desfeyta em suspiros se resolvia em prantos, de sorte se empenhàraõ os Evangelistas na ponderaçaõ destas lagrymas, que entrando a referillas naõ acabaõ de escrevellas; e porque motivo (pergunta) chorou mais a Magdalena no sepulchro, que na Crus? A este reparo responde com Origenes que quando a Magdalena vio morrer a Christo na Crus, chorava-o defunto, e quando o achou menos no sepulchro, chorava-o roubado, e eraõ aqui mais as lagrymas, porque era aqui mayor a dor: *Et hic dolor maior erat*.

5 Mayor a dor! Replica, por ventura he mayor dor a dor de considerar a Christo roubado, que a dor de ver a Christo defunto? Sim, porque a dor de o ver, ou naõ ver roubado, era dor da ausencia, e supposto que

taõ morto estava Christo roubado, como defunto, defunto estava menos ausente, que roubado, porque a morte foy mea ausencia, levoulhe a Alma, e deyxoulhe o Corpo; o roubo era ausencia total, levoulhe o Corpo depois de estar levada a Alma, e como o roubo era mayor ausencia do amado, por isso foy mayor a dor do amante.

6 Naõ obstante esta decisaõ, considerando tal ves a Magdalena por força da sua dor descuydada nas suas lagrymas, argumenta com a Magdalena sobre a repartiçaõ dos seus prantos: O q̃ vos matou a morte (dis falando com ella) foy Christo vivo, o que vos roubou a ausencia foy Christo morto; o bem, que vos levou a Crus foy todo o bem, o que vos falta na sepultura he a menor parte delle, o corpo: pois porque haveis de chorar mais a perda do morto, que a perda do vivo, a perda da parte, que a perda do todo? A esta objecçaõ responde que daqui mesmo se infere ser muyto mayor o mal da ausencia, que o da morte, porque chora menos a Magdalena a morte de hum vivo, que a ausencia de hum morto, a morte do todo, que a ausencia da parte: e passando da Magdalena a Christo, que he o sugeyto do seu argumento, prova a verdade desta conclusaõ na differença de remedios, e sentimentos, com que Christo remediou, e sentio a ausencia, e a morte.

7 Que seja menor a dor da morte, que a da ausencia, e que Christo sentisse mais a sua ausencia, que a sua morte, prova-se, porque na morte entregou a Alma com muyto socego, e na ausencia que fes no Horto, apartando-se dos Discipulos; foraõ taes as demonstrações de sentimento, que o Evangelista havendo de dizer que Christo se apartàra, para affinar o sentimento, disse que se arrancou: *Avulsus est ab eis*; e aquellas ago-

nias

nias, que Christo havia de sentir na Crus quando morria, sentio-as no Horto quando se ausentava: *Factus in agonia*: porque foy mayor o sentimento da ausencia no Horto, que o da morte na Crus.

8 E não dando o Reverendo Padre por bastantemente advertida a differença destes sentimentos, entra a notar o que era em Christo o ausentarse, e o que era em Christo o morrer; e porque o morrer era apartarse a Alma do corpo, e o apartarse era deyxar Christo os homens, concluhio que mais soffrivel se fes a Christo a morte, que era apartamento de si para comsigo, que a ausencia, que era apartamento de si para comnosco, e que muyto mais sentira dividirse Christo de nòs, que dividirse de si: e levando, ou elevãdo ao ultimo termo esta grande reflexaõ, notou finalmente que, deyxando Christo de ser Christo pela morte, e deyxando os homens pela ausencia, mais sentio o amorozo Senhor deyxar de estar com quem amava, que deyxar de ser quem era, mais sentio a perda da companhia, que a destruiçaõ da essencia: he aonde pode chegar a ponderaçaõ da dor no tormento da saudade.

9 Isto quanto aos sentimentos, quanto aos remedios, prova a mesma conclusaõ de que he mayor dor a ausencia que a morte, porque se houve Christo muy remisso em remediar a morte a respeyto da pressa, com que remediou a ausencia, porque à morte como dor a mais moderada deulhe remedio três dias depois ressuscitando, e à ausencia como dor excessiva, deu-lhe remedio hum dia antes Sacramentando-se.

10 Ainda nesta mesma differença, com que Christo se portou no remedio destas duas penas, descobrio o R. Padre mayores motivos para abonar o seu pensamento: pois ausentando-se Christo huma sò ves,

assim como huma só ves morreu, he de reparar que ressuscitando huma só ves Sacramenta-se infinitas vezes; mas assim havia de ser, (responde) que como Christo sentia menos a morte, que a ausencia, contentou-se com remediar huma morte com huma vida: mas, como sentia mais a ausencia, que a morte, naõ se contentou com remediar huma ausencia se naõ com infinitas prezenças: coroa-se todo este discurso com o Sacramento da Eucaristia, que juntamente he Sacramento, e sacrificio como Sacramento he prezença, como sacrificio he morte: donde se infere que tantas vezes morre Christo naquelle sacrificio, quantas se fes prezente naquelle Sacramento, fineza verdadeyramente excessiva, pois cada prezença, que Christo alcança pelo Sacramento, lhe custa huma morte pelo sacrificio, e quem compra huma prezença com huma morte, já se vè que menos lhe custa morrer, que ausentarse.

11 A esta reflexaõ verdadeyramente grande, e que parece naõ admitte mayor, ajuntou este singularissimo Engenho outra tanto mais superior, que provou de todo em si o talento, em Christo o affecto: nota que o Sacramento da Eucaristia naõ sò he continua reprezentaçaõ da morte, mas continuo remedio da ausencia; mas entre a ausencia, e a morte ha huma differença notavel, que a morte por hum sò instante pareceu pequeno sacrificio ao amor de Christo, e a ausencia por hum instante sò pareceu-lhe muyta ausencia, e dando-se engenhozo a traçar o remedio, em que igualmente se visse satisfeyto o dezejo da morte, e o remedio da ausencia, instituhio a Eucaristia, que he juntamente morte continua, e prezença continua; morte continua para morrer naõ sò por hum instante, mas por muyto tempo, prezença continua para se naõ ausentar

sentar naõ sò por muyto tempo, mas nem ainda por hum instante.

12 De que tudo se vem a concluir ser a ausencia mayor dor que a morte, e porisso comparada com a morte mayor fineza: e se alguem quizer saber a razaõ, porque foy em Christo mayor fineza ausentarse, ouça o mesmo Padre Vieyra no Sermaõ do Mandato, que anda no tomo 1. e se prègou em Roma, no qual parece que alludindo ao que havia dito neste Sermaõ, que defendemos, dis assim, que a razaõ, porque apartarse o amante do amado, e Christo dos homens he a mayor fineza do amor, vem a ser: porque o amor do que se ama prova-se pelo amor do que se deyxa, e naõ pòde deyxar mais o amante, que deyxar o amado pelo mesmo amado.

13 Contra o dito nada fas o Texto de Christo asima ponderado: *Maiorem hac dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis*: porque conforme S. Bernardo citado por Vieyra, e Caetano, e outros muytos naõ fala Christo das suas finezas, senaõ das finezas dos homens, o que o Reverendo Padre comprovou depois no Sermaõ allegado do tomo 1. aonde combinãdo o *Nemo* deste Texto com o do outro: *Nemo te condemnavit? Nec ego*, conclue que assim como este segundo *Nemo* naõ comprehende a pessoa de Christo, que se singulariza pelo demõstrativo: *Ego*: assim tambem no primeyro se naõ comprehende a pessoa do mesmo Christo: e da mesma sorte que no Texto de Paulo o *Omnes* naõ fas argumento contra a pureza da Mãe; assim o *Nemo* naõ fas argumento para o amor do Filho; e finalmente quando Christo falasse de si, e do seu amor, provava-se ser a morte a mayor fineza entre as grandes, mas naõ a mayor

Joan. 15. n. 13

D. Bern. S. 4. de fer. 4 Hebdom. Sanct. Caetan. in Joan. ibi.

Joan. 8. n. 11.

yor entre as mayores, que he o assumpto do Sermaõ, que defendemos.

14 Esta he a prova, e estes os fundamentos, com que o Reverendo Padre sustenta a proposiçaõ de que a ausencia he mayor fineza que a morte, o qual discurso com mayor, e incomparavel erudiçaõ se pòde ver expendido nos Sermões referidos: porque, ainda que fizemos muyto por lhe imitar atè as palavras, naõ podemos negar que a concisaõ, com que procedemos, cede em detrimento da viveza, e energia, com que se costuma explicar a sua elegancia.

15 Mas antes que entremos a discorrer por parte do Reverendo Padre contra a Reverenda Senhora, advirto que nem eu, nem o Padre Vieyra encontramos o parecer de Agostinho, porque o Santo Doutor falou da mayor fineza de Christo entre as grandes, como o mesmo Vieyra reconheceu, e nòs falamos da mayor fineza de Christo entre as mayores; pelo que nenhuma das nossas razões pòde militar contra Agostinho, antes, como se verà neste discurso, nos valeremos muyto da sua authoridade para a nossa defensa: o que supposto, vamos ao caso.

EXPENDEM-SE,

e refutam-se os argumentos da Reverenda Senhora.

PRIMEYRO ARGUMENTO.

16 ENtra a Reverenda Senhora a defender a proposiçaõ contraria, isto he, que a morte foy fineza mayor que a ausencia, e dis que se prova primeyramente por discurso nesta fórma: as cousas de

mayor preço, e estimaçaõ no conceyto do homem saõ a vida, e a honra; Christo deu hũa, e outra cousa na sua morte affrontosa: logo em quanto homem naõ tinha mais, que dar, que a vida.

17 Para responder a este argumento, noto em primeyro lugar a incoherencia do Syllogismo para o caso, de que tratamos; naõ versa a nossa questaõ à cerca do mais, que Christo podia darnos, senaõ à cerca do mais, que podia fazer por nòs, ou isto consista em dar, ou consista em padecer; e voltando ao Syllogismo, nego a mayor: porque no conceyto de Christo amante mais estimaçaõ tinhaõ os homens, que a vida, e que a honra, pois deu hũa, e outra cousa pelos homens: logo ausentando-se fes mais que morrendo, porque morrendo dava a vida, que amava menos, e ausentando-se deyxava os homens, que amava mais: este discurso, como asima vimos no numero 3. he do Padre Vieyra, e o que mais he que o naõ nega, antes o confeça expressamente no seu papel a Reverenda Senhora por estas palavras: *Vamos a las razones del Autor, pues ya le concedemos que Christo amò màs a los hombres, que a su vida, pues la diò por ellos.*

18 Confirmo este discurso; Christo estimou a vida por amor dos homens: logo estimava mais aos homens, que a sua vida; funda-se este argumento no Proloquio de Aristoteles: *Propter quod unum quodque tale, & illud magis*; a verdade delle constarà agora da Escritura: veyo o Divino Verbo ao Mundo para dar pelo Mundo a vida em preço da Redempçaõ; a poucos dias de nacido intentou Herodes tirarlhe a vida por certa payxaõ particular, que tocava na coroa; foje Christo para o Egypto em ordem a salvar a vida, e pasmaõ neste caso os Interpretes; de sorte que por salvar aquella

mes-

mesma vida, que prodigamente ha de dar no Calvario, foje agora para o Egypto? Se no Calvario a ha de perder sem reparo, porque a estima com tanto custo? Por isso mesmo para a dar no Calvario, estava definido pelo Eterno Pay que a vida deChristo fosse preço da Redempçaõ dada na Crus; e como por virtude deste decreto só podia ser util aos homens a vida de Christo dada no Calvario, e naõ em Belem, por isso estimou a vida em Belem, e a deu na Crus: altamente S. Pedro Chrysologo, q̃ na elegancia, na subtileza, e no estylo parece incomparavel: *Nam qui mori venerat, quare fugeret mortem?* Se Christo vinha morrer, pergunta o Santo, porque fugio à morte, porque estimou a vida? *Christus*, responde, *totam causam nostræ salutis occideret, si se parvulum permisisset occidi.*

Vieyra part. 6. S. da Conc.

Chrys. Serm. 185.

19 Como se dicesse o mesmo Christo: Naõ estimo a vida por amor da vida, estimo a vida por amor dos homens, e porque aos homens, segundo os meus decretos, só pòde ser util no Calvario, naõ em Belem, por isso a estimo em Belem para a dar no Calvario; de tudo isto se infere ser menos verdadeyra aquella proposiçaõ de que Christo em quanto homem estimava sobre tudo a vida, e a honra, pois, como dèsse tudo por amor dos homens, claro està que estimava os homens mais que tudo: *Ubi enim*, dis Santo Thomàs, *est unum propter alium, ibi est unum tantùm.*

Div. Thom.

SEGUNDO ARGUMENTO.

20 PAssa a Reverenda Senhora a corroborar com a authoridade a sua asserçaõ, e confeçando q̃ o Texto: *Maiorem hac dilectionem, &c.* naõ fas argumento neste caso por se entender de outros affectos,

argu-

argumenta com o Texto do mesmo Christo no cap. 10. de Saõ Joaõ, aonde o Senhor dis de si que he bom Pastor, e que dá a vida pelas suas ovelhas: *Ego sum Pastor bonus; bonus Pastor animam suam dat pro ovibus suis:* neste Texto, dis ella, fala Christo de si mesmo, e qualifica as suas finezas com a sua morte, e sendo Christo quẽ só podia saber qual era a mayor das suas finezas, claro está que a haver outra mayor que a morte, a dicera. Joan. 10.

21 Esta he a primeyra prova textual da sua conclusaõ, mas a nosso parecer, não só naõ prova o pertendido, mas he alhea totalmente do caso, em que estamos, e naõ só por hum, mas por muytos motivos; o primeyro, porque nos termos deste Texto naõ fala Christo das suas finezas, e suppõe falso a Reverenda Senhora em que Christo trata dellas: o segundo, porque caso negado que tratasse o Senhor das suas finezas, he certo que o morrer pelas suas ovelhas naõ foy a mayor fineza do Pastor Divino; mostremos isto distinctamẽte.

PRIMEYRA CONCLUSAM.

Christo no cap. 10. de S. Joaõ naõ trata das finezas do seu affecto, senaõ das obrigações dos Pastores.

22 Consta isto do que ensinaõ sem discrepancia os Theologos com S. Thomás, e os dous Corifeos da sagrada Companhia Suares, e Vasques, que cita, e segue o nosso grande Agostinho Barbosa no seu erudito tratado de Offic. & Potest. Paroch. os quaes dizem todos que o Pastor, ou Parocho saõ obrigados a arriscar, e perder a vida, se for necessario, pela saude espiritual das suas ovelhas: logo, se o dar a vida pelas suas ovelhas he obrigaçaõ do Pastor, e Christo se intitula

D. Thom. 1. 2. q. 185. a. 5 Suar. tom. 3. in 3 p. disp. 72. s. 3. Vasq. Sá, Sayr Machad. Henr. & alii apud Barbos. de Offic. & Potest. Par. p. 2. cap. 17. n. 1. & c.

tula Pastor neste Texto: *Ego sum Pastor bonus*; claro està que a morte naõ vem a servir de prova ao affecto; mas à bondade do Pastor: muyto me engano eu, se o naõ dis o mesmo Texto, para o què quero reparar na contextura, e formalidade delle.

23. Primeyramente dis Christo que he bom Pastor: *Ego sum Pastor bonus*; aqui termina a oraçaõ; passa à outra, e dis: O bom pastor he aquelle, que dà a vida pelas suas ovelhas: *Bonus pastor animam suam dat pro ovibus suis*; aquella indefinita: *Bonus pastor*: segundo os Filosofos, e Juristas *æquipollet Universali*: e o mesmo he dizer: o bom Pastor, que dizer todo o bom Pastor; de sorte que no primeyro caso quando dis que o Pastor he bom, fala sómente de si. *Ego* no segundo, quando dis que o bom Pastor dà a vida, fala naõ só de si, mas de todos *Bonus Pastor*: logo como aquella clausula: *Animam suam dat*: se refira naõ só a Christo, mas a todos os Pastores, segue-se que naõ quis Christo provar por ella a sua fineza como amante, mas a sua bondade como Pastor; e como seja da obrigaçaõ de todos os Pastores, mal podia o mesmo Christo com huma obrigaçaõ commua, provar huma affeyçaõ extremosa.

L. Si Servitus! D. de Serv. Urb. præd L. Si ita relictum. L plurib 44. D de legat; L. Si plures 98. D de leg. 3. L Julian. D. eod L si. quis filio §. 1. D de testam. tut. L. 2. D de liber. & Posth. L. Cæsar. D de Public. cap. solit. de Maior. & obed. c. Quia circa de Privileg.

24 Confirma-se tudo com reflexaõ ao mesmo Texto, no qual, como já dissemos, fala Christo de todos os Pastores, dando aos mesmos huma doutrina commua, em a qual lhes declara a obrigaçaõ de darẽ a vida pelas suas ovelhas; o q̃ supposto, argumento assim; Christo como Pastor vendo as suas ovelhas perdidas, e derramadas, tinha obrigaçaõ, como dizem os Theologos, de dar a vida pela saude dellas, caindo aqui o preceyto natural, que obrigava o Pastor Divino a sacrificarse à morte por nos salvar a todos, pois tendo detreminado

Theolog. apud Suar. de Incarn. disp. 43. f 3.

o Pay

o Pay naõ aceytar pela culpa outra satisfaçaõ, que a vida do Filho, resultava no mesmo Filho obrigaçaõ de dar a vida; e ainda que esta obrigaçaõ no Filho simplesmente considerado era: *Ex precepto naturali charitatis*; como Pastor, nos termos do Texto era obrigaçaõ de justiça.

Valenz. Filiucius Suar. Palao, Trulenc. apud Barbosam supra.

25 Logo, se o Divino Pastor falava da sua morte em satisfaçaõ do preceyto, naõ se deve interpretar que fala della em satisfaçaõ do amor: que morresse amante, e que a sua morte fosse hum claro testimunho do seu affecto, bem està; mas que nos termos do Texto, em q̃ só trata de mostrar a sua obrigaçaõ dezempenhada, se queyra persuadir que nos inculca finezas, he alheyo naõ só do Texto, mas da razaõ: porque supposta a necessidade, que Christo tinha de morrer como Pastor que era, naõ se fazia lugar à ostentaçaõ da fineza, por mais que o fosse.

Vide optimè Cajetanum D. Thom. 3. p. q. 47. a. 1

26 Naõ he menos que de Plinio esta grande Filosofia: *Ea sunt nostris officiis gratiora* (dis no Panegyrico de Trajano) *quæ cùm liceret non impendere, causâ dilectionis impendimus.* Aquellas se devem chamar finezas, que, sendo licito omittillas por falta de obrigaçaõ, se executaõ com tudo a excessos do amor: de maneyra, que achou este grande Filozofo naõ ser coherente para a prova do affecto o dezempenho da obrigaçaõ; naõ porque esse mesmo dezempenho deyxe de ser fineza, senaõ porque naõ intenta provar finezas de amor quem trata das finezas em satisfaçaõ de preceyto.

Plin. & refertur in Glossa cap. Firmiter verbo Conjugati de Sum. Trinit. & Fide Cath.

27 O amor naõ ha de ter causa, e a fineza só ha de ter o amor; pintou-o a Antiguidade com os olhos fechados, e as azas abertas, que a cegueyra dos olhos naõ lhe embarga a liberdade dos voos; fello menino, e entregou

tregou-lhe as settas, acerto foy do engenho tirarlhe a razaõ, e entregarlhe as armas; aonde naõ ha razaõ, naõ cabe preceyto, porque o amor naõ pòde ser obrigado; o caminho que fas a setta he livre, que o amor naõ pòde ser violento.

28 Se pois naõ vem coherente o dezempenho da obrigaçaõ para a prova do amor, como se ha de dizer que Christo no prezente Texto quis fazer ostentaçaõ das mayores finezas, se trata sómente da obrigaçaõ dos Pastores? Se o Divino Mestre no caso, de que tratamos, falàra do seu affecto, sem duvida que a mesma morte era do seu affecto huma prova illustre: mas, se trata da morte como obrigaçaõ do Pastor, naõ se segue que aponta a morte como mayor fineza; abonemos o discurso, ouvindo primeyro a Aguia entre os Doutores Agostinho, e ouviremos depois o Anjo entre os Doutores Santo Thomàs: naõ se podia contentar a piedade deste discurso com menos fiadores, que dous Santos, nem a sua delicadeza com menos luz que de dous Soes.

29 Entra pois o meu grande Agostinho a comparar o Sangue de Christo derramado na Crus com o mesmo Sangue derramado na Circuncisaõ, e dis assim, com pensamento profundissimo: *In Passione pretium, in Circuncisione amorem, & voluntatem ostendit.* Com o Sangue da Crus satisfes Christo o preço, com o da Circuncisaõ ostentou o amor. Grande dizer de Agostinho! He certo que na Crus derramando Christo o seu Sangue à violencia dos cravos, ostentou a fineza do mesmo Sangue, pois em q̃ acha Agostinho que para a demonstraçaõ do affecto naõ vinha tanto a proposito o Sangue da Crus, como o Sangue da Circuncisaõ?

D. Aug.

30 Porque na Crus satisfazia Christo o preceyto, e

na Circuncisaõ o preceyto não comprehendia a Christo, na Crus quem abrio as portas ao Sangue para se derramar, foy a obediencia, na Circuncisaõ quem lhe abrio as veas para sair foy o amor; e achou Agostinho que o Sangue como preço, e satisfação do preceyto do Pay, não vinha tanto a proposito, como o Sangue da Circuncisão, para ostentarse o amor do Filho, porque não hà duvida, dis o nosso Sylveyra, que se ostenta mais illustre o amor com o Sangue da Circuncisão derramado unicamente a impulsos do affecto, que com o Sangue da Crus, para que tambem concorreu o preceyto: *Christi dilectio*, dis o P. *dum in Cruce pendens pro nobis vitam profudit, magna fuit, at haec in Circuncisione multò videtur maior; cùm non ex praecepto, sed ex gratuita suum dat sanguinem liberalitate; & quis ignorat quòd amor in opere liberalitatis illustrior, quàm obligationis appareat?* Sylv. tom 1 in Evãg. lib 2. cap. 3 q. 7 n. 29

31 Entre agora Santo Thomàs, que imitou a Agostinho atè nos pensamentos; compara elle o Sacrificio da Crus com o Sacrificio do Altar, e supposto que em hum, e outro Sacrificio considera a Christo não só amante, mas extremozo, com tudo dis que no Sacramento amou Christo por amar, na Crus que amou por satisfazer: *In hoc dilexit ut diligeret, in illa dilexit ut satisfaceret.* Bem dito, em ambos os Sacrificios, dis o grande Thomàs, andou extremozo o amor de Christo, mas com esta differença, que na Crus, em que obedecia ao Pay, o amor foy prova da obediencia, no Sacramento porèm, em que não houve preceyto, o Sacrificio foy prova do amor: concluamos logo que a morte de Christo, que he o sacrificio, de que falamos, então vem coherente para provar finezas, quando se considera satisfação do amor, não do preceyto. D. Thom

32 Agora pergunto, quando Christo no nosso Texto dis que dà a vida pelas suas ovelhas, ou intenta provar a fineza do seu amor, ou a observācia do seu preceyto? A Reverenda Senhora dis que a fineza, mas Christo dis que a observancia: *Hoc mandatum accepi à Patre meo.* Bem digo eu logo com os Santos referidos que, ainda que a morte de Christo seja grande prova do seu affecto, naõ foy o seu intento provar agora com a mesma morte a sua fineza, porque a morte de Christo como Pastor antes se deve julgar principalmente por acto da obediencia, que por fineza da Caridade; assim o resolve o Padre Vieyra, ponderando o Texto do Apostolo: *Factus obediens usque ad mortem; em que he muyto de notar,* dis Vieyra, *que se naõ attribue a morte de Christo principalmente à Caridade, senaõ à obediencia.*

Joan. 10.

2. ad Philip. 2. n 8.

Vieyr. p. 4. f. mihi 456.

33 Para intelligencia do que dizemos supponho com os Theologos, a quem segue o Padre Vieyra, que quando o Padre Eterno deu aos homens effectivamente o Filho, que foy na Encarnaçaõ, logo no mesmo instante lhe pos a obediencia, ou preceyto de morrer pelos homens, o qual preceyto não podia ser anterior à mesma Encarnação por então não ser o Verbo sugeyto ao Pay, e por isso mesmo incapàs de preceyto; isto declarou o mesmo Filho antigamente por David, depois por si mesmo, como se vè do capitulo decimo quarto, e decimo quinto de S. Joaõ, vigesimo seisto de S. Mattheus, e naõ deyxou de o advertir S. Paulo: supposto este preceyto, do qual fas o Senhor memoria no caso, em que estamos: *Hoc mandatum accepi à Patre meo,* não se póde duvidar que muyto melhor que a Reverenda Senhora havia de inferir S. Paulo: importarà logo bem pouco que ella conclua a fineza do amor, se o Apo-

Vieyra p. 4. fol. 360.

Joan. Matth.

o Apostolo infere a obediencia do preceyto *Factus obediens usque ad mortem.*

34 Que claramente o deu a entender o mesmo Christo para ser testemunha em causa propria: entràra elle no Horto a prepararse para a tremẽda batalha da sua Payxaõ, e he consequencia do Texto que alli ponderou o Senhor miudamente quanto tinha que padecer por amor dos homens, as mesmas flores, que na solidaõ triste daquelle bosque lisonjeavão os sentidos, figuravão os tormentos, as rosas figuravão a purpura, os espinhos a coroa, as cannas o cetro, os malmequeres o odio, as açucenas os desmayos, as esponjas o fel, os cravos os cravos, as chagas as chagas, e os troncos a crus: nesta angustia verdadeyramente grande, em que se vio perplexa a Humanidade, olhava o Senhor para a vontade humana, e para a vontade do Pay, se para a vontade humana, pedia ao Pay que o eximisse das penas: *Transeat à me Calix iste.* Se para a vontade do Pay, que era a Divina, conformava-se com os martyrios: *Non mea voluntas, sed tua fiat.* Seguindo a Divina võtade abracava a morte, segũdo a vontade humana repugnava o caliz. Matth. 16. n. 39. Luc. 22. n. 41.

35 Eu bem sey, como depois de S. Bernardo notou Vieyra, que foy industria do amor expressar a repugnancia para encarecer a fineza, mas a resoluçaõ verdadeyramente heroyca, com que Christo hydropico de tormentos abraçou constante o caliz dos martyrios, antes, quis o Senhor que se attribuisse principalmente à satisfaçaõ do preceyto, que da vontade: *Non mea voluntas, sed tua fiat*, e se de satisfazer a vontade do Pay quis Christo que se inferisse a sua obediencia; como dizendo Christo que satisfas o preceyto: *Hoc mandatum accepi*, quer a Reverenda Senhora inferir principalmente o amor? D. Bernard. tom. 2. f. de Pas. Vieyra p. 4. fol. 457.

36 Naõ nego que neste caso deu o amor huma grande prova, mas o intento principal de Christo não foy provar por este caminho a fineza do amor; porque, se bem repararmos, suou neste conflicto sangue, e naõ agua: *Factus est sudor ejus, tanquam guttæ sanguinis*, e deyxada a Filozofia de alguns, que dizem ser natural no homem o suor sanguineo; a mesma quantidade mostra que foy sobrenatural este suor de Christo; assim o tem os Padres communmente com S. Thomàs, Santo Hilario, Lyra, e outros: mas porque motivo, pergunto eu, naõ seguio Christo os affectos da natureza, suando agua? Porque estavaõ primeyro as obrigações de Redemptor em suar sangue; com o sangue mostrava Christo que acodia à obrigaçaõ, com a agua que servia à natureza, por isso a pezar da natureza dezempenhou a obrigação com suores de Sangue: *Factus est sudor ejus tanquam guttæ sanguinis.*

Luc. 22.

D. Thom. in Caie Hilar. Lyr. Vega. &c.

37 Assim provou Christo que abraçava a morte principalmente por apurar a obediencia, naõ o affecto; e por isso Paulo, suppondo em Christo o preceyto de morrer, naõ inferio que a morte era principalmente acto do amor, senaõ da obediencia *Factus obediens*; paraque se veja que a morte de Christo considerada como obrigaçaõ de Pastor naõ he prova *primariò* conducente para a fineza do affecto.

38 Sò poderà perguntar alguem porque motivo morrendo Christo sobre obediente amante, naõ chama o Apostolo à morte acto da vontade pelo que teve de voluntaria, senaõ acto de obediencia pelo que teve de precisa? Porque os actos tomaõ a sua denominação do fim principal, q̃ os dirige, como ensinaõ os Jurisconsultos, e Filozofos; e como o fim principal de Christo offerecendo a vida foy, como jà mostràmos, satisfazer a vonta-

D. Thom. 1. p. q 18. a 6. in corp &q. 1. a 3. L Siquis nec in p inc. D. Si cert. pet.

vontade do Pay, naõ a sua: *Non mea voluntas, sed tua fiat*; como atençaõ primaria fas satisfazer o preceyto, naõ o amor: *Non sicut ego volo, sed sicut tu vis*; por isso Paulo como tão grande Theologo chamou à morte prova naõ do amor, mas sim da obediencia, como se dicesse o grande Doutor das Gentes.

39 He verdade que a morte de Christo foy fineza da vontade, mas porque o intento principal de Christo foy a satisfaçaõ do preceyto, naõ do affecto, por isso a julgo acto da obediencia, naõ do amor; naõ he isto aggravar o amor, he dizer o que sinto, naõ he offender o affecto, he dizer o que entendo: assim he, porque em todo o rigor das Escolas aquella acçaõ, que naõ tem o amor por causa principal, dado que envolva hum grande affecto, naõ se pòde dizer: *Primariò* fineza do amor; inferio de semelhante discurso Theologicamente o famozo Pontevel da minha venerada Religiaõ dos Pregadores.

40 *Quia nemo*, dis, *amorem suum erga alium demonstrat in eo, quod in ejus gratiam primariò non facit, sed alio quocunque fine*. O Irmaõ do Prodigo não reputou por seus os amigos de seu pay, pois, como dis Chrysologo, por attençaõ do pay o amavaõ a elle: *Extraneos credit à quibus vidit in patris gratiam se amari*. Neste mesmo papel confeça a Reverenda Senhora que a mercê, que se fas a hum em attençaõ a outro, prova o amor daquelle em cuja attençaõ se fas, que como dis o Doutor Angelico: *Ubi est unum propter alium, ibi est unum tantum*; ambos os Direytos confeçaõ que a doaçaõ feyta à mulher por cõtemplaçaõ do marido se adquire por elle, naõ por ella, e os bens, que se doaõ ao filho por contemplaçaõ do pay, pertencem ao peculio profecticio: infira pois muyto embora a Reverenda

Bald. ibi. L. 1. D. de Auth. Tut. L. is qui D. de liber cauf. L. qui exceptionem D. de cond. ind. L. 1. C. ad L. Cornel. de ficar. Gonz. Cov. Gom. Tiraq. &c.

Pontevel. in Matth. tom. 2. ad cap. 8. v. 2. n. 22.

Luc. Chrys S. 4. Diu. Thom.

Amar. in Magn. V. 1. n. 51. Gutier. Sanch. Garcia Cancer, Giur Dian. apud Oleam de Cess. jur. T. 4 q. 11. n. 13. Valasc. de Part. cap. 13. a n. 4.

verenda Senhora à vista do preceyto, e obrigaçaõ, que tinha de morrer o Pastor Divino, que a morte foy a mayor fineza; que Agostinho chamalhe preço, Santo Thomàs satisfaçaõ, e S. Paulo obediencia: *Factus obediens.*

41 Sò resta satisfazer o escrupulo, que pòde resultar de que, sendo a vida de Christo vida de Deos, como dis com os Theologos o Padre Vieyra, em razaõ da uniaõ hypostatica, e como tal de valor infinito; parece que naõ cabia nelle o preceyto de preferir a vida espiritual das ovelhas à sua vida temporal, à qual duvida porèm se responde com o nosso Texto, de que consta naõ se privar Christo da sua vida temporal para sempre, senaõ por breve tempo: *Et potestatem habeo ponendi eam, & potestatem habeo iterum sumendi eam;* e, como se privava por taõ breve tempo da sua vida, fazia-se a vida espiritual das ovelhas, digna causa daquella privaçaõ: *Quanvis*, dis o grande Suares, *illa vita esset Dei tamen non amittebatur simpliciter, sed ad breve tempus, propter aeternam proximorum salutem.* E temos dito sobre a primeyra conclusaõ, passemos à segunda.

Vieyra part. 6. fol. mihi 269.

Ioan. 10.

Suar. de Incarn. disput. 43. q. 30. Colligitur ex capit. 1. ad Hebr. n. 9. ubi Alapid.

SEGUNDA CONCLUSAM.

Perder a vida pelas suas ovelhas não foy a fineza mayor de Christo; e arriscar a vida temporal pelas ovelhas proprias não he a mayor fineza dos mais Pastores.

42 PAra melhor entendimẽto desta Cõclusaõ havemos de suppor, como já dissemos, q̃ Christo no prezente Texto naõ só fala de si, mas dos mais Pastores;

res; logo perder a vida temporal pelas ſuas ovelhas não póde ſer a mayor fineza nem a reſpeyto de Chriſto, nem a reſpeyto dos mais Paſtores: a reſpeyto de Chriſto naõ, porque ſuppoſto fes muyto dando a vida pelas ſuas ovelhas, muyto mais fes dando a meſma vida pelas ovelhas que naõ eraõ ſuas: a reſpeyto dos mais Paſtores tambem naõ, porque ſuppoſto ſeja muyto dar pelas ovelhas a vida temporal, muyto mais fas quem renuncia a eterna.

43 Provo a primeyra parte da Concluſaõ com hum Texto expreſſo do Apoſtolo S. Paulo; eſcreve aos Romanos, e dis: *Ut quid Chriſtus pro impiis mortuus eſt?* Para que morreu Chriſto pelos impios? *Vix enim pro juſto quis moritur, nam pro bono forſitan quis audeat mori*: Creſce mais eſta admiraçaõ, dis o Apoſtolo, ver que apenas ha quem morra por hum juſto, donde ſe infere que entaõ ficou totalmente recommendada a fineza do amor Divino, quando a deſpeyto da noſſa ingratidaõ, e da noſſa infidelidade, como dis Jeronymo, deu a vida pelos ſeus contrarios: *Commendat autem charitatem ſuam Deus in nobis, quoniam cùm adhuc peccatores eſſemus, Chriſtus pro nobis mortuus eſt*: para mayor viveza deſte Texto havemos de ſuppor primeyramente que as ovelhas do Rebanho de Chriſto naquelle tempo eraõ os do povo Hebreo, a reſpeyto dos quaes dizia o meſmo Paſtor que tinha outras ovelhas, que naõ eraõ da ſua manada: *Et alias oves habeo, quæ non ſunt ex hoc ovili*: taes eraõ os Gentios, que então como ovelhas erradas: *Eratis ſicut oves errantes*; adoravamos os Planetas, as pedras, e os metaes. Supponho em ſegundo lugar que Chriſto não ſó morreu pelos Iſraelitas, que erão as ſuas ovelhas, mas tambem pelos infieis, e idolatras, que naõ erão ovelhas

Ad Rom. 5. n. 7.
Ibi n. 8.
Matth 10. n. 6. & 15. n. 24.
Joan. 10. n. 16.
1. Petri cap. 2. n. 25.

Vieyr. tom 5. fol. mihi 164. suas; assim o notou com S Paulo o Padre Vieyra: *Pro omnibus mortuus est Christus.* E em outro lugar: *Pro omnibus gustaret mortem.*

2. ad Cor 5. n. 15. Ad Hebr. 2. n. 9.

44 Agora ao ponto, olhava Paulo para o Divino Pastor Christo sacrificado como Cordeyro no Altar da Crus; via de huma parte a Pedro, a Joaõ, e aos mais Discipulos ovelhas obedientes, ovelhas rectas, e ovelhas racionaes; da outra parte via os Fariseos presados da ley, e inimigos do Legislador; estendia outra ves os olhos por todo o Mundo: via huns, aindaq̃ peccadores, fieis, outros naõ só peccadores, mas idolatras; e reparãdo que a morte do mesmo Pastor abraçava naõ só as suas ovelhas, mas as estranhas, naõ só as obedientes, mas tambem as errantes, e a todas no estado vil da escravidão do demonio por occasiaõ da primeyra culpa; aqui ficou assombrado o grande Apostolo, concluindo que este era o acto mais fino do amor, e a fineza mais sublime da caridade: *Commendat autem charitatem suam Deus in nobis, quoniam cùm adhuc peccatores essemus, Christus pro nobis mortuus est.*

45 Sobre o lugar do Apostolo ouçamos o Doutor Angelico, que no commento das Epistolas creyo exceder a tudo: *Quæsitum est, quare Christus pro impiis mortuus est? Et ad hoc est responsio, quia per hoc Deus suam charitatem commendat in nobis, id est, per hoc ostendit se nos maximè diligere:* perguntarà alguem, dis este grande Oraculo naõ só de Theologia, mas da Igreja; porque morreu Christo pelos impios? E responde-se que para ostentar o mais fino, e o mais heroyco do seu amor; naõ se prova a singularidade deste em dar a vida pelos seus, senaõ pelos estranhos; he o que tambem glozou Titelman, a que muytos chamaõ propriamente Titelmagno, que

Div. Thom in Ep. 5 ad Rom. lect. 2.

ſem duvida o foy na interpretação das Letras ſagradas, herdeyro em fim daquella reconhecida bençaõ, que Deos lançou à familia Franciſcana para illuſtrar o Mundo naõ ſó nas virtudes, mas nas letras: *Deus verò*, dis o Padre, *ſuam erga nos charitatem magnificè commendatam nobis, & confirmatam fecit, in eo quòd ipſe pro injuſtis ſecundùm tempus (quia nondum erant ablata peccata Mundi) ad tempus mori dignatus eſt.* Titelmagñ. in Ep. ad Roman. 5. n. 8.

46 Santo Ambroſio o Tullio da Igreja, que com lhe dar por Filho a Agoſtinho meu Padre lhe ficou ella devendo mais que a todos, como dis Vieyra, lançou eſta glóſa ſobre o Texto do meſmo Paulo: *Sic cōmendat ſuam charitatem dum adhuc inimicis benevolus eſt; & mittit qui ſalvet eos, cùm adhuc non merentur*: em outro lugar pergunta diſcretamente o eloquentiſſimo Doutor que preferencia podiamos dar a Joſé, ſe paraſſe o ſeu amor ſómente nos amigos? Em amar os contrarios ſe apura a fineza, porque na pedra de huma ingratidão, dis Vieyra, affia o amor as ſettas: *Quid autem eſſet quòd Joſeph præferri mereretur cæteris, ſi diligentes dilexiſſet? Sed illud mirabile, ſi diligas inimicum, quod poſt Evangelium omnes didicimus*: vejam-ſe ſobre o lugar de Paulo o ſeu grande commentador Chryſoſtomo, Caetano, que tanto illuſtrou as Eſcrituras, e as Eſcolas com eſpeculaçaõ profundiſſima, o Alapide oraculo famozo das Eſcrituras, Nicolao de Lyra nunca aſſás louvado, Pereyra ſempre doutiſſimo, Toledo, Salmeyraõ, e outros muytos. D. Amb. ſi ejus eſt opus in Epiſt. ad Rom. cap. 5. Vieyr. t 3. D. Amb lib. de Joſeph. cap. 1. Vieyr. tom. 2. f. D. Chryſ. Caiet. Alap. Lyr. Pereyr. Toled. Salm.

47 S. Gregorio em tudo Magno, que na diſciplina de Bento mereceu a tiara, com notavel penſamento diſſe tambem que a mayor fineza do coraçaõ he amar os contrarios: *Una, & ſumma eſt probatio charitatis, ſi ipſe diligitur, qui adverſatur*: S. Bernardo naõ ſó, D. Gregor. Hom. 27. in Evang.

Vieyr Prol. à Hist. do Futur. dis Vieyra, singular no nome, mas de nome singular,
Div. Bern. Serm fer. 4. Hebdom. sanct. escreveu o mesmo: *Tu Domine maiorem habuisti charitatem, ponens animam tuam etiam pro inimicis.* Finalmente Agostinho meu Patriarca, por tantos titulos
Vieyra no Prologo à Hist. do Futuro. grande, do qual porèm naõ digo nada, por dizer tudo, notou profundamente, e com elle o Padre Vieyra, que em todas as Escrituras Sagradas senaõ achava preceyto nem mais admiravel, nem mais difficultozo, que o
D. Aug. in Psalm. 118. preceyto de amar os inimigos: com Agostinho con-
Vieyr. tom. 4. fol. mihi 77. cordaõ os Doutores sem a minima discrepancia; e se passa assim no amar, que serà no morrer?

48 Amar os inimigos he a mayor façanha, e morrer por elles he a mayor fineza; aquillo coube em preceyto, isto trãscende a tudo; he aquelle preceyto, sendo de amar, naõ sò difficultozo, mas tambem admiravel; como admiravel assombra o entendimento, como difficultozo arrasta a vontade: quãdo o amar fora morrer seria muyto morrer por quẽ me ama, mas morrer por quem me mata que seria? O mesmo Agostinho, e com elle o Padre Vieyra notàraõ delgadamente que na
Vieyr. tom. 7. neste Sermão. Crus olhava Christo para os algozes, não como inimigos que lhe davaõ a morte, senaõ como amados, por quem dava a vida; como se fosse impossivel executar a mayor fineza, sem desattender à mayor crueldade:
D August. Tr. 31. in Joan. circa med. *Non enim attendebat quòd ab ipsis moriebatur, sed quia pro ipsis moriebatur.* Isto sem duvida provaõ aquellas palavras, com que o mesmo Senhor rogando pelos algozes lhes chamou ignorantes: *Dimitte illis non enim sciunt quid faciunt*; quem ignorando ama, em rigor
Luc. 13. n. 34. naõ he amante, quem offendendo ignora, em rigor não
Vieyr. tom. 2. he delinquente; tudo he de Vieyra, a ignorancia no amante diminue a fineza, no delinquente a culpa; por isso naõ obstante morrer Christo por quem o mata,

parece

parece necessario prescindir da tyrannia para executar o excesso, ou desculpar o delicto para empregar o amor.

49 Eu creyo que o primeyro Expositor desta Filozofia amorosa foy o Evangelista, naõ só amante, mas amado; quis encarecer de huma ves o amor do Verbo, e disse notavelmente que amava os seus, que estavaõ no Mundo, ou jà para os distinguir dos Anjos, como tem Cyrillo, ou dos Patriarcas, como quer Chrysostomo: *Suos, qui erant in Mundo.* Notavel proposiçaõ por certo! Mas, se Christo (pergunto agora) igualmente amava os Anjos, e os homens, os Patriarcas, e os Discipulos, como entendeis, Fenis Divino, que para acreditar o amor de Verbo antes o deveis medir pelos homens, que estaõ no Mundo, que pelos Patriarcas, q̃ estaõ no Limbo! Ora perdoayme, Secretario amante desse Peyto amorozo, que já sey que os Patriarcas eraõ Justos, e Santos, e naõ podiaõ desmerecer o amor; pelo contrario os que estavaõ no Mundo, eraõ desleaes, e ingratos, e por isso dignos de odio; sim, com razaõ encareceis o amor do Verbo por estes, que estaõ no Mundo, e naõ por aquelles, que estaõ no Limbo; pois chegou a dar a vida pelos mesmos, que lha tiravaõ, querendo a morrer por quem lhe quis a matar: he intelligencia do nosso Sylveyra honra de Portugal, e fermosura do Carmelo: *Cognoscebat enim*, dis o Padre, *quales erant homines in Mundo, proditores, inimici, ingrati, & cùm tales apertè sciret, eos sic amoris æstu vehementer diligebat.*

Cyril. Chrysost. apud Alap. in Joan. 13.

50 Eu bem sey que a todos igualmente amava aquelle Senhor, que morreu por todos, amava os Anjos, que estavaõ no Ceo Empyreo, os Patriarcas, que estavão no Seyo de Abrahaõ; mas ainda que huns eraõ do Seyo, e outros do Ceo, os do Mundo erão os seus:

Sylv. ibi q. 12. n. 74.

Suos,

Vieyr. tom. 2. fol. mihi 383. & tom. 7.

Suos, qui erant in Mundo: que outra cousa foy chamar Christo naquella hora amigo a Judas: *Amice*, senaõ, como dis Vieyra, buscar circunstancias á fineza, naõ motivo ao affecto; mas ainda que o affecto naõ inquirio motivos, parece que os suppoz, havendo que as difficuldades do coraçaõ reprimiaõ o amor com quem se mostrava ingrato; por isso o ama, como senaõ fora ingrato, mas amigo; como senaõ fora traidor, mas leal, subornou a vontade para empregar o amor, como se fora impossivel amor taõ fino em odio taõ refinado: *Amice*.

51. De tudo o que fica dito se conclue que mais fes Christo, dando a vida pelas ovelhas naõ suas, isto he, pelos seus contrarios, que pelas suas ovelhas, isto he, pelos seus amigos. Desta fineza achamos exemplos nas letras profanas, daquella nem nas sagradas: foy celebre na Antiguidade a resolução de Nise em obzequio de Euryalo, refere o caso o Principe dos Poetas com toda a elegancia.

Simul ense recluso.
Ibat in Euryalum, tum verò exterritus, amens
Conclamat Nisus, nec se celare tenebris
Ampliùs, aut tantum potuit perferre dolorem:
Me, me, (adsum qui feci) in me convertite ferrum,
O' Rutuli, mea fraus omnis: nihil iste, nec ausus
Nec potuit: cælum hoc & conscia sidera testor:
Tantum infelicem nimium dilexit amicum.

Virg. Ænei. lib. 9. ℣. 423. & seqq.

Naõ menos ficou memoravel a toda a posteridade o raro exemplo de Pilades, e Orestes, cujas memorias deyxou Ovidio no segundo livro, que intitulou do Ponto.

Ire jubet Pylades charum moriturus Oreſtem: O vid. lib. 2. de Pont. Eleg. 3.
Is negat, inque vicem pugnat uterque mori.
Extitit hoc unum, quod non convenerat illis,
Cætera pars concors, & ſine lite fuit.

De ſorte que no entendimento dos Poetas, e na valentia do amor naõ pòde caber mais que dar a vida por quem amo; mas morrer por quem me mata, querendo a morrer por quem me quer a matar! Couſa he taõ encarecida, que naõ cabe no coraçaõ, nem ainda no entendimento: logo neceſſariamente havemos de concluir que no prezente Texto dado que Chriſto fale das ſuas finezas, naõ falou da mayor de todas, pois, como ſe vè do Texto, fala da ſua morte padecida pelas ſuas ovelhas: *Pro ovibus ſuis*; ſendo que o morrer pelas ovelhas naõ ſuas foy muyto mayor fineza, e exceſſo muyto mayor.

52 Pareceme que naõ encontra a verdade deſta minha propoſiçaõ a Reverenda Senhora, antes a confeça, ſenaõ me engano, porque tendo para provar que Joan. 15. a morte he a mayor fineza, o Texto referido: *Maiorem hac dilectionem nemo habet, ut animam ſuam ponat quis pro amicis ſuis*, voluntariamente o rejeyta, dizendo que ſe pòde interpretar de outros affectos; contra iſto porèm eſtá que a propoſiçaõ do Texto he indefinita, e aſſim como abraça outros affectos, comprehende tambem o amor de Chriſto; porque naõ uſa logo do tal Texto para provar a ſua aſſerçaõ? Sem duvida porque naõ fala nem de Chriſto, nem da ſua mayor fineza, como o Vieyra pondera; prova-ſe, porque o Texto diz q̃ à mayor demonſtraçaõ do affecto he morrer por quẽ me ama: *Pro amicis ſuis*: logo, dizem os Padres, naõ

fala

Apud. Sylv. tom. 5 lib. 7. cap. 15. q. 16. n. 43.

fala Christo das suas finezas, senão das dos homens; pois elle ainda fes mais que morrer pelos amigos, morrendo pelos contrarios; de sorte que na rejeyçaõ do Texto veyo a contradizerse a Reverenda Senhora, porque vendo que mayor fineza fora em Christo morrer pelos seus adversarios, entendeu bem que o referido Texto naõ fala de Christo, pois reputava em mayor fineza dar a vida pelos amigos.

53 Combinem-se agora as palavras: *Pro amicis suis* do Cap. 15. com as outras: *Pro ovibus suis* do Cap. 10. aquelle Texto naõ prova, porque fala dos seus amigos; logo este tambem naõ prova, porque fala das suas ovelhas: morrer pelos amigos he grande excesso, mas naõ he a mayor fineza, por isso Christo executando a fineza de morrer pelos contrarios, naõ entra naquelle Texto: morrer pelas suas ovelhas fineza he, mas naõ he a mais excessiva: logo Christo, que morreu pelas ovelhas naõ suas, não fala do seu amor.

54 Procedo com tanto escrupulo nesta materia, que quizera occorrer a toda a objecçaõ, e porque disse naõ haver exemplo nas Escrituras de dar a vida pelos contrarios; parece que obsta o excesso de David, que naõ reparava em morrer por seu filho Absalaõ ao mesmo tempo, que Absalaõ seu filho intentava tirarlhe a vida, e a coroa: *Fili mi Absalon, quis mihi tribuat ut ego moriar pro te?* Exemplo temos logo na Escritura de coraçaõ taõ fino, que naõ reparava em morrer pelos seus adversarios: seja, mas se no coraçaõ de David coube realmente essa fineza, foy sem duvida, porque o mesmo Deos o fes semelhante ao seu coraçaõ: *Inveni David filium Jesse virum secũdùm cor meũ:* além de que David parou no dezejo, e tal ves que parasse o dezejo à vista da execuçaõ; o mesmo Helias,

Lib. 2. Reg. cap. 18. n. 33.

Act. Ap. cap. 13. n. 22.

como notou Vieyra fundado em Chryſoſtomo, com a morte á viſta fugia della, e fóra della dezejava a morte; à ſombra do Terebintho dezejava morrer, ſe o queriaõ matar, fugia de Jezabel, porque nos perigos ha muyta variedade entre a previſaõ, e prezença, viſtos parecem invenciveis, previſtos parecem ſuperaveis. Vieyr. tom. 6. f. mihi 348

55 Sobre tudo David, ſegundo o Alapide, falava como pay, e naõ como amante: *Paternus affectus urgebat Davidem*; iſſo meſmo innuem as palavras: *Fili mi*; e como eſte dezejo de morrer por Abſalão tinha em David outra cauſa, naõ fas argumento contra a noſſa Concluſaõ; póde-ſe dizer q̃ queria q̃ o Filho naõ morreſſe, mas não morria por ſeu filho, ſim lhe dezejava a vida, mas tambem tratava da ſua, por iſſo ſahio da Corte fugitivo, por iſſo pos em campo os ſeus exercitos; mas de qualquer modo que ſe interprete eſta reſoluçaõ de David, ſempre fica certa a noſſa Concluſaõ de que mais fes Chriſto morrendo pelas o velhas naõ ſuas, que pelas ſuas ovelhas; e por conſequencia que o Texto ponderado, caſo que fale das finezas de Chriſto, naõ fala da mayor fineza. Alap. in lib. 2 Reg. ibi.

56 Quanto á ſegunda parte da noſſa concluſaõ; que a reſpeyto dos mais Paſtores dis não ſer a mayor fineza dar pelas ovelhas a vida temporal, mas privarſe da eterna, he verdade que naõ entra em queſtaõ: aquelle meſmo exceſſo, que fás o eterno ao temporal, o Ceo à Terra, a Gloria ao Mundo, fas eſta fineza á outra fineza; perder a vida por ſalvar as ovelhas, e por livrallas dos perigos meterſe nelles, acçaõ he, de q̃ ſe preſava David no ſentir de Bernardo, dizendo: *Factus ſum tanquam vas perditum*; mas que comparaçaõ póde ter o exceſſo de arriſcar a vida caduca ao outro de renunciar a eterna? Na morte achava Narcizo a conveniencia Pſ 30. v. 14. Div. Bern. S. de S. Bened.

de

Ovid. Metamorph. de se poupar às dores: *Nec mihi mors gravis est posituro morte dolores*; mas sujeytarse às dores do inferno, não pela conveniencia propria, mas alhea, he fineza tão estranha, que só achamos dous exemplos na Sagrada Escritura, hum em Moysés, que foy o Paulo da Ley escrita, e outro em Paulo, que foy o Moysés da Ley da Graça: vamos a Moysés.

57 Tinha Deos determinado, acabar de huma ves com os Hebreos pelo peccado da idolatria, em que sempre foy constante a sua reincidencia, oppõemse-lhe Moysés, e dis-lhe: *Aut dimitte eis hanc noxam, aut si non facis, dele me de libro tuo, quẽ scripsisti*: Senhor, hũa de duas, ou perdoar ao Povo a pena deste peccado, ou quando não riscayme do vosso livro; o livro, de que falava Moysés, como dizem os Theologos, e notou Vieyra, he o livro, a que chamão da vida, em que estaõ escritos todos os predestinados; e chegou Moysés a quererse privar da Gloria sómente por salvar os Hebreos: passemos agora ao Apostolo S. Paulo; sentido o Apostolo de ver como os da sua naçaõ se precipitavaõ no inferno pela sua perfidia, resolveu-se a hum sacrificio taõ heroyco, que renunciou a vida eterna, e vista de Deos, com tanto que a goza sem elles crendo em Christo: *Optabam enim ego ipse anathema esse à Christo pro fratribus meis*, assim entéderão estas palavras, e as de Moysés S. Joaõ Chrysostomo, Theofilato, Eumenio, Ruperto, Cassiano, Origenes, S. Bernardo, e todos os Theologos, e Interpretes, que cita, e segue o P. Vieyra; com o quál porèm se deve advertir que nem Paulo, nem Moysés nesta sua resoluçaõ se eximiaõ de amar a Deos, e ficarem na sua graça, antes de tamanha fineza em seu obzequio provavaõ heroycamente o seu amor.

Exod. 32. nn. 31. & 32.

Vieyr. tom. 5. f. mihi 377

Ad Rom. 9. n. 13.

Chrys. Theophil. Ecum Rup. Cassian Orig. Div. Bern. Theolog. Vieyr. p. 5. f. mihi 378.

58 Se Deos aceytasse hum, e outro offerecimento destes dous Heroes, creyo que por ver o inferno se podia descer da Gloria, que seria ver no meyo daquellas chammas duas Almas taõ conformes? Verse-hia constante a paciencia, apurado o soffrimento, sem queyxa a tolerancia, e entre as penas activas de dano Deos amado; o fogo de amor daquellas innocencias venceria o mesmo fogo; perderia o inferno aquelle horror, a q̃ fas mais horrivel a impaciente dissonancia dos condenados, resultando desta harmonia pouco menos que celeste suspenderse melhor q̃ à cithara de Orfeu o mesmo inferno; que bem o cuydou a doçura do Mellifluo Bernardo: *Ipsam denique*, dis o Santo, *si necesse est intrare gehennam, securus non timeat, & medias penetrans flãmas læta decantet conscientia: Si ambulavero in medio umbræ mortis; non timebo mala, quoniam tu mecum es.* Div. Bern.

59 O Padre Vieyra proseguindo este discurso, duvidou com razaõ, se era possivel o inferno com este pacto; padecer os tormentos, o fogo, e gemer maniatado entre confusões de horror, pasmo, e assombro? Sim, mas louvando, e engrandecendo sempre a Deos com aquella letra de David: *Justus es Domine, & rectum judicium tuum.* S. Bernardo porèm, que teve por impossivel o pacto, engrandece o sacrificio com estas vozes: *Nonne quadam mentis bene affectæ sana quædam videtur insania, cùm impossibile sit effectu habere fixum in affectu pro Christo anathema velle esse à Christo?* Pòde haver loucura mais discreta, nem fineza mais extremosa, que, emprender o impossivel de ser rejeytado de Christo por amor de Christo? Muyto mais se pudera dizer nesta materia, se com penna de ouro a não deyxàra escrita o grande Vieyra naquelle discurso verdadeyramente do Ceo tratando do inferno.

Vieyr. no 4. disc das Ped. de David.

Psal. 118. n. 137.

Div. Bern. de Natur. & Dign. amor. Divin. cap. 3. Vieyr. p. 8. f. 310.

Vieyra supra nas Pedras de David disc. 4.

Atè

60 Atè qui pòde chegar naõ solicita, mas heroyacamente a fineza de hũ bom Pastor; e como seja fineza mais extremosa renunciar a vida eterna, que a temporal, a vista de Deos, que a vida humana; segue-se que nem a respeyto dos mais Pastores se pòde dizer mayor fineza a fineza de dar a vida: quando Job considerava na sua morte, vede, dis Vieyra, qual era a espinha, que mais lhe picava o coração: *Nec aspiciet me visus hominis*, morrerey, e naõ me veraõ mais os olhos dos homens; o dezejo de ser visto he vaidade, a ansia de ver a Deos he virtude, e renunciar a vista de Deos, para que o vejaõ os homens, he fineza: que aquelle exemplar da paciencia, e trofeo da constancia em huma, e outra fortuna sentisse na morte o não ser visto foi vaidade; mas que haja coração tão fino, e Pastor tão amante, que, despresando a vista dos homens, renuncie a vista de Deos, para que gozem da mesma vista as suas ovelhas, he o mayor excesso, a que póde chegar o amor; a salvaçaõ propria, como pondera o Padre Vieyra, tem preferencia a tudo quanto ha no Mundo; de sorte, que posta de huma parte a salvaçaõ do Mundo todo, e da outra a salvaçaõ propria, posso licitamente preferir a minha salvação à salvação de todos; estes são os privilegios da salvação de cada hum, por todos porèm corta o amor heroycamente fino, antepondo a salvação das ovelhas á felicidade propria de estar vendo a Deos por toda a eternidade; esta he a fineza mais excessiva, que pòde executar o bom Pastor; logo, ainda que o Texto: *Animam suam dat pro ovibus suis*, fala-se das finezas, não fala nem da mayor, nem da mais heroyca.

Vieyra p. 7. f. mihi 132.
Job 7. n 8.
Vieyra tom. 4.

PRO-

PROPOEM-SE

O terceyro argumento.

61 INsiste a Reverenda Senhora em que a morte foy a mayor fineza de Christo, e dis assim: Dous termos tem huma fineza, que a podem constituir grande; o termo *à quo* de quem a executa, e o termo *ad quem*; de quem a logra; o primeyro termo fas grande a fineza pelo custo que tras ao amante, o segundo pela utilidade que tras ao amado; nesta consideraçaõ foráo grandes aquellas finezas, que por Raquel fes Jacob, e Assuero por Esther; as de Jacob foráo grandes pelo que custárão ao amante, as de Assuero foráo grandes pela utilidade que se seguio à amada; mas, como nas de Assuero faltou o termo *à quo*, que são os custos de quem as fes, e nas de Jacob faltou o termo *ad quem*, que saõ as utilidades de quem as logrou, por isso humas, e outras não chegàrão àquelle grao de finezas excessivas, que esse excesso só se achou na morte de Christo, que igualmente foy custosa ao amante, e util aos amados, pois della se seguio a redempção, que foy a mayor utilidade dos homens.

62 Este foy o motivo, porque, tratando Christo das suas finezas, nos não repete a Encarnação, senaõ a morte: *Hoc est corpus meum, quod pro vobis tradetur, hoc facite in meam commemorationem*: porque a Encarnação não foy penosa ao Verbo, nem della se seguio logo a redempção do Mundo; na morte porém concorreu hum e outro extremo, igualmente se viraõ alli as nossas utilidades, e as suas penas, e como nesta fineza entràraõ os dous termos, que elevaõ huma fineza ao

summo grao, por isso, ainda que a Encarnação foy a mayor maravilha, naõ foy tão grande fineza; prova-se por discurso, porque a morte foy fim, e a Encarnação meyo, e sempre o meyo he mais apreciavel que o fim, por isso ao espirar disse Christo: *Consumma tum est*, porque a morte foy o complemento das suas finezas.

63 Atèqui a Reverenda Senhora, a quem considero não só alhea do caso, mas fóra do assumpto, mostrar, ou para dizer melhor, querer mostrar que a morte foi mayor fineza, q̃ a Encarnação, por se naõ acharem na Encarnação aquelles dous termos que ella considera na morte, naõ he provar que a morte he fineza mayor q̃ a ausencia, e que se naõ achaõ na ausencia os mesmos termos; nem menos a considero inadvertida em suppor confirmado o intento com a reflexaõ, que fas sobre as palavras, com que Christo espirou: *Consummatum est*; pois, ainda no caso de ser a morte a fineza ultima, se naõ segue ser a mayor, nem aquellas palavras se entendem das finezas, senaõ das Escrituras.

64 E deyxando para depois esta reflexaõ, entremos a decifrar aquelle enigma, ou a tentar aquelle labyrintho mais sofistico, que filozofico, para cuja repulsa não será preciso revolver muytas Escrituras, ou Filozofias: assenta a Reverenda Senhora q̃ só he fineza summa aquella fineza, em que entraõ os custos do amante, e utilidades do amado, a cujo proposito inventou a extravagancia daquelles termos *à quo, ad quem*, muyto mais proprios dos litigios no grao de Appellação, que das finezas na Filozofia do amor; e paraque a reposta, que dermos a este argumento, não deyxe lugar a alguma duvida, dividillahemos para mayor clareza em tres Conclusoẽs: na primeyra mostraremos que se não devem medir as finezas pelos custos do amante; na se-

gunda

gunda se mostrarà que se não pòdem medir pelas utilidades do amado: na terceyra proporemos por onde se devem medir as finezas.

PRIMEYRA CONCLUSAM.

As finezas do amor não se devem medir pelos custos do amante.

65 SE pelos custos do amante se houvessem de medir as finezas, como pertende a Reverenda Senhora, seguirsehia que a execuçaõ das finezas traria ao amante custos, e grandes difficuldades; assim o suppõe ella na sua asserçaõ, e este mesmo supposto he o que se nega: porque a quem ama de veras nunca lhe he custosa a execução das finezas; he sentença expressa de todos os Santos Padres, Doutores, Filozofos, e Poetas. Primeyramente o meu grande Agostinho, falando desta materia em muytos lugares, defende constantemente a nossa proposição: no livro: *De Natura, & Gratia* dis assim commentando o Verso do Psalmista: *Propter verba labiorum tuorum ego custodivi vias duras*: *Duræ sunt timori, leves amori*; nem he menos celebre, e repetida aquella sua sentença: *Quæ dura sunt laborantibus, eisdem ipsis mitescunt amantibus; omnia suavia, & propè nulla facit amor*: concorda o grande Doutor da Igreja, a quem vem curto o nome de grande por ser maximo: *Nihil amantibus durum est, nullus difficilis cupienti labor*; mas não nos apartemos do grande Africano, que não contente do que fica dito accrescenta que o amor troca engenhozo os trabalhos em alivios, a pena em gosto, a dor em divertimento: *Nullo modo sunt onerosi labores amantium*

Ps. 16. n. 4.

Aug. de Natur. & Grat. tom. 7. cap. 69.

Serm. 9. de Verb. Dom.

D. Hier. ep. ad Eustoc.

Aug. lib. de bon. vid. cap. 21.

 sed

sed & ipsi delectant, sicut aucupantium, venantium, piscantium: interest ergo quòd ametur, nam in eo, quod amatur, aut non laboratur, aut & labor amatur.

Chrys. S.40. 66 He o que tambem disse com penna de ouro a elegante subtileza de S. Pedro Chrysologo. *Fortem faciat vis amoris, quia nil durum, nil amarum nil grave, nil lethale computat amor verus; quod ferrum? quæ vulnera? Quæ pœna, quæ mortes? Amorem prævalent separare perfectum? Amor impenetrabilis est lorica, respuit jacula, gladios excutit, periculis insultat, mortem ridet, si amor est, vincit omnia.* Nestas ultimas palavras parece que Chrysologo commentava a Agostinho, naõ só affirma que tudo he facil ao amor, mas accrescenta que nos perigos zomba, na morte ri: sem duvida porque lhe tras taõ pouco custo a execução dos seus excessos, que atè lhe ficaõ as difficuldades faceis, e os impossiveis possiveis: não pareça encarecimento do S. Doutor, pois, como advertio com elle mesmo o P. Vieyra, ao amor verdadeyro naõ o pasma a difficuldade, nem o rende o impossivel: *Amor non suscipit de impossibilitate solatium, nec de difficultate remedium.*

Vieyr. nas Ped. de David, Disc. 1.

Chrys. S. 147.

67 O mesmo Santo Agostinho, commentando aquellas palavras: *Simon Joãnis, amas me, &c.* dis o mesmo: *Interrogatur amor, & imperatur labor, quia ubi est amor, non est labor*; e sobre o Psalmo: *Posuisti in loco spatioso pedes meos*, dis tambem com reflexaõ notavel: *Certè angusta est via, laboranti angusta est, amanti lata est*; outros muytos lugares puderamos referir deste Fenis Africano, mas por ora tem preferencia a multidaõ, e não a singularidade. Segue-se S. Thomás, aquelle fiel discipulo do grande Agostinho, parece que saõ deste as suas palavras: *Non sunt graves molestiæ, quia condiuntur condimento amoris: quia quando aliquis amat aliquem,*

Aug. tr. 4. in Joan.

Ps. 39. n. 9. Aug. ibi

D. Thom.

quem; non gravat eum quidquid patitur pro illo; unde omnia gravia, & impossibilia levia facit amor: O grande Pontifice S. Leaõ Papa, em cujas obras contendem à primasia a elegancia, e a piedade, falando do amor invenssivel dos dous Apostolos Pedro, e Paulo, proferio a mesma Sentença: *Nunquid aut judicio Pilati, aut sævitiâ Judæorum minor erat vel in Claudio potestas, vel in Nerone crudelitas? Vincebat ergo materiam formidinis vis amoris, nec æstimabas terrori cedendum dum horum saluti consulis, quos susceperas diligendos.* Leo Pap. S. in Natali Apostol. Petr. & Paul.

68 S. Gregorio Papa, observando como Agostinho o verso de David: *Statuisti in loco spatioso, &c.* e o outro: *Ambulabam in latitudine, quia mandata tua exquisivi*; rompeu na mesma sentença: *Via & inchoãtibus angusta est, & perfectè viventibus lata est ita, ut pro amore ejus & persequutio placeat*; em outro lugar dis o mesmo: *Quid levius, aut unquam gratius, quàm amor fertur? Quid grave non leviter tolerat qui amat! Quidquid enim diligitur, cum magna devotione portatur.* Saõ Bernardo, aquelle grande Santo, que nos Peytos virginaes de Maria bebéu não só a piedade, mas a doçura, ferio este ponto com discreta reflexaõ nas palavras da Esposa: *Fasciculus myrrhæ dilectus meus mihi: Non fascem,* dis o Santo, *sed fasciculum dilectum dicit, quòd leve præ amore ipsius ducat quidquid laboris immineat, & doloris*; e accrescenta mais, reparando no *mihi*: *Nec enim levis passionis asperitas, sed levis amanti, unde & dilectum nominat, monstrans dilectionis vim omnium amaritudinum superare molestiam; quia fortis est ut mors dilectio*; este mesmo discurso prossegue o Santo Doutor na celebre Epistola ao Abbade Ramaldo. Ps. 30. n. 9. Ps. 118. n. 4. D. Greg. Hom. 17. in Ezech. Idem lib. 5. cap. 2. in 1. lib. Reg. cap. 12. D. Bern. S. 43. in Cant. Idem Ep. 72.

69 Que outra cousa foy, dis Chrysostomo, o Mat

 da

da eloquencia, chamar Christo à sua Payxaõ gloria; Joan. 17. n. 5 *Clarifica, id est, glorifica me*, senaõ inculcar o amor, que lhe fes deliciosa a Payxaõ, suave a morte, e gloriosas as penas: Chrys. ibi. *Ad Crucẽ cum latronibus, ac prædonibus ducendus, maledictorumque necem subiturus, deinde consquendus, & virgis percutiendus es, atque alapis; & ista vocas gloriam? Utique inquam, nam pro dilectis ista patiar.* O mesmo disse o grande Alexandrino gloria do Carmelo, cuja Terceyra Regra profeço ha tempos, posto que indigna: Cyril. lib. 10. in Joan. cap. 21. *Cruciatus, & opprobria delicias sibi esse putabat, ut voluntatem Patris impleret, & salutem hominum operaretur*; isto mesmo, se me naõ engano, quis dizer em algum sentido o Apostolo, quando disse de Christo que gostára a morte: *Ut pro omnibus gustaret mortem.*

70 Não prova menos esta certa Conclusaõ aquella alegria, e aquelle gosto, com que na prezença dos tyrannos appareciaõ os Apostolos, estimando os martyrios pelo objecto amado: Act. 5. n. 41. *Ibant gaudentes à conspectu concilij, quoniã digni habiti sunt pro nomine Jesu contumeliam pati*; he intelligencia do Angelico Doutor: Div. Thom. apud Pontevel in Matt. tom. 2. ad c. 10. ℣. 18. n. 93. *Ducemini ad Reges, sed magnam debetis habere consolationem, quia propter me scilicet quem diligitis*, assim commentou o Santo aquellas palavras de Christo: *Ducemini propter me*; de que fas memoria S. Mattheus: pois o chamar David a seis centas e treze leis, ou preceytos, de que se constituhia a ley de Moysés, hum só preceyto, e huma só ley: Psal. 118. n. 97. *Dilexi legem tuam*; que outra cousa foy, como dis Oleastro insigne Portugues da sempre insigne Ordem dos Prègadores, senaõ dizernos q̃ o amor tudo fas suave, redusindo a hum só preceyto muytos preceytos: Oleast. in c. 3. Genes. *Nunquid*, (saõ palavras do insigne Doutor taõ famozo nas Escrituras, como metido na letra)

tra) *nunquid non ſexcentæ tredecim leges erant, quas ſervare tenebaris, bone Rex? Cur ergo legem vocas ſexcenta tredecim præcepta? Quoniam dilexi legem tuam, Domine*; he tambem o que notou o Padre Vieyra nas palavras de Chriſto: *Siquis diligit me, ſermonem meum ſervabit; qui non diligit me, ſermones meos non ſervat:* Vieyr. tom. 14. S. 1. §. 6. em que ſe vè, dis elle, que a reſpeyto dos que naõ amaõ chama Chriſto aos ſeus preceytos muytos preceytos; e Joan. 14. n. 23. a reſpeyto dos que amaõ, chamalhe hum preceyto ſó: *Sermonem, ſermones*; eſta foy tambem a fraſe, porque falou o Evangeliſta amante; como quem ſabia taõ bem Joan Ep. 1. cap. 2 n. 4. as condições do amor: *Qui dicit ſe noſſe eum, & mandata ejus non cuſtodit, mendax eſt... Qui autem ſervat verbum ejus, verè in hoc charitas Dei perfecta eſt.*

71 Hugo ſempre Eminente, e que na ſciencia das Eſcrituras creyo que naõ tem ſuperior, reparando com agudeza no Texto de Salamaõ, em que dis que ao juſto lhe naõ acontece couſa, que lhe cauſe triſteza: *Non contriſtabit juſtum quidquid ei acciderit*, Prov. 12. n. 21 para abono da noſſa ſentença lançou eſta gloſa: *Sicut accidens* Aug. ibi. *eſt quod abeſt, vel adeſt ſine ſubjecti corruptione, ita præſens tribulatio adeſt, & abeſt præter juſti contriſtationē, & conturbationem*; o accidente, conforme a Filozofia, dis Hugo, he aquillo, q̄ ou eſteja, ou naõ eſteja no ſujeyto, ſempre he ſem detrimento delle; d is pois Salamão que tudo quanto ſuccede ao juſto, he accidente: *Acciderit*: porque a reſpeyto de quem ama naõ ſaõ contriſtantes as deſgraças, nem infauſtos os infortunios, tudo facilita o amor, porque tudo vence; a tudo ſe atreve, Chryſ. S. 147. porque não olha o que pòde: *Quid poſſit non reſpicit jus amoris.*

72 A El-Rey Saul, que intentava deſvanecer em David os penſamentos de cazar com Micol, parecia-

Vieyr. tom. 7. fol. 487. lhe impossivel vencer David cem Filistheos, por isso lhe pedia cem cabeças; mas, porque David, dis Vieyra, entrou com amor na batalha, trouxe duzentas; facilitou o affecto o que Saul discorria impossivel; porém em Saul prevalecia o discurso, em David o amor, aquelle media a David pelo braço, este media-se a si pelo coração, entrou amante, triunfou valente; vem natural a este proposito a grande authoridade do sabio Idiot. cap. 1. Idiota: *Inclinat amor amantem, neque in hoc laborat; amor difficultatem non novit*: o amor, dis o Sabio, he huma inclinação suave, emprende sem susto, vence sem custo; e em outro lugar accrescenta que he tão va- Idem. cap. 13. lerozo o affecto, que, tirando à difficuldade o difficil, o tudo reputa em nada: *Omnia gravia, & difficilia verus amor facit facilia, & nulla.*

73. Fora preciso volume separado, se houveramos de trasladar quanto lemos nos Padres, para a nossa Conclusão basta o dito, passar a mais he ociozo, quem se não contentar, lea, e acharà o que digo; e para contentarmos a todos, offerecemos remissivamente os Doutores, que tratárão o ponto; primeyramente o Mendonçã. grande Francisco de Mendonça, hum dos mayores Apostolos da Companhia, e que na exposição dos Reis he conhecido por Rey dos Expositores, lea-se no tomo 3. ao n. 13. do cap. 14. na Annotação vigesima, por toda a sessão segunda; tambem achàmos que tocou este ponto no segundo tomo dos seus Sermões Sylveyr. f. 36. n. 19. veja-se o Padre Sylveyra, que parece emprendeu toda a leytura dos Padres; em differentes partes toca este ponto, principalmente no tomo segundo aos Evangelhos no cap. 8. n. 93. 94. e no cap. 24. n. 9. no tomo 3. lib. 5. cap. 5. q. 8. n. 60. no tomo 4. lib. 6. cap. 19. q. 7. e no cap. 43. n. 85. no to-

mo,

mo 6. ao cap. 7. de S. Mattheus q. 1. n. 6. no tomo aos Actos dos Apostolos cap. 2. q. 6. n. 54. deyxando outros muytos lugares, que se pódem ver nos commentos do Apocalypse: recomendo com grande especialidade o agudo Novarino da Sagrada familia de Caetano, credito mayor da Divina Providēcia; he Author, em que nunca li cousa vulgar; tocou esta sentença citando o famozo Oleastro naquelle celebre tomo, que intitulou *Electa Sacra lib.* 1. *sect.*6. *n.* 364. e 365. o nosso Pontevel da minha Religiaõ dos Prègados, por quem sempre serey apayxonada, no commento a S. Mattheus no tomo 1. cap. 5. n. 37. no tomo 2. cap. 10. n. 93. e ahi mesmo no cap. 11. n. 132. o eruditissimo Jose Mansi da esclarecida Congregação daquelle Serafim abrazado o grande S. Filippe Neri, em cujos alumnos, como em outro Eliseu, vejo o seu espirito, não retratado, mas sim reprodusido; na sua Bibliotheca, verbo Amor, Tract. 4. discurso 17. o Padre Bento Pereyra da Cōpanhia de Jesus famosissimo Interprete das letras Sagradas, sobre o cap. 29. do Genes. num. 20. ahi mesmo o incansavel Cornelio Alapide, e todos os Expositores daquelle lugar; e porque não intento ser enfadonha, concluo que não haverá Author, que siga o parecer contrario.

Novar.

Pontevel.

Mansi.

Pereyra.

Alapide.

74 Entrára agora a examinar além dos lugares referidos os outros muytos, que se achaõ no Sagrado Texto, que comprovão esta verdade, mas alguma cousa havemos de fiar da curiosidade, sem que seja preciso como pela maõ guiar a quem le; só as finezas do amante Jacob naõ poderey passar em silencio, porque, ainda que a Reverenda Senhora as trouxe por exemplo para haver de provar os custos do amante, confeço que não ha Texto na Escritura, que prove mais claramente

mente que o amante na execução das finezas naõ ſente cultos; aſſim o deyxou eſcrito o Chroniſta Moyſés no cap. 29. do Geneſis: *Videbantur illi pauci dies præ amoris magnitudine.* Foy o caſo, que chegando
Geneſ. 19.
eſte Patriarca a caſa de Labaõ, aſſim o cativou a belleza de ſua filha Raquel, que lhe tributou ſem reparo o coraçaõ pelos olhos; iſſo provou o meſmo Jacob primeyro naquella temeridade, com que arrojado moveu a pedra, q̃ apenas podião mover os paſtores de Labaõ: logo nas lagrimas, que ſe bem nos olhos de Jacob não foraõ perolas, eraõ finas; depois no contrato de ſervir por Raquel 14. annos, ſoffrendo a cada paſſo os enganos do Sogro.

75 Entra porèm Moyſés a referir eſtes ſucceſſos, e parecendo-me que ſem tranſcender os preceytos de Chroniſta, deſcrevia com larga penna os trabalhos de Jacob, foy tanto pelo contrario, que reduſio a duas clauſulas toda a hiſtoria dos ſeus trabalhos: *Videbantur illi pauci dies præ amoris magnitudine.* Naõ cuyde alguem, dis Moyſés, que foraõ cuſtoſas a eſte amante as finezas, que obrou por Raquel, porque era taõ grande o ſeu affecto, que os annos, ſendo muytos, lhe pareciaõ dias breves: *Pauci dies*; aſſim o deyxou eſcrito o grande Moyſés, cuja penna guiava o Eſpirito Santo na prezente narraçaõ; mas, ainda q̃ por eſta circunſtancia merece credito, naõ deſmerece reparo: que Moyſés, duvido aſſim, reputaſſe em pouco os trabalhos de Jacob, expondo-ſe de noyte ás neves, de dia a os ardores? Que o meſmo Jacob tiveſſe por curto ſacrificio do ſeu affecto o continuo deſvelo nas couſas de Labaõ, chegando a tal extremo, que o ſono lhe fugia dos olhos? paſſaria ſem duvida, não ſem aſſombro; mas que o diſcurſo de 7. annos, em que havia de viver ſeparado de Raquel,

pare-

pareceſſem a Jacob não ſó dias, mas dias poucos: *Pauci dies?* Naõ o julgou aſſim o Parmenio, reputando por grande difficuldade a auſencia de tres dias:

Tandem ego, inquit, non illa caream,
Si ſit opus, vel totum triduum?
Hui univerſum triduum? Vide quid agas.

He o que dizia Hero por bocca de Ovidio.

Longa mora eſt nobis omnis, quæ gaudia differt. Ovid. Ep. 19

Chegando Ariadne a eſtimar em tal caſo por mayor morte a tardança della.

Morſque minus pœna, quàm mora mortis habet. Ovid. Ep. 10

76 POis, ſe o amor conſtante nos mayores trabalhos deſmaya nas demoras, reputando os inſtantes por annos, por eternidade os ſeculos, como pareceraõ a Jacob breves dias as demoras de 7. annos: *Pauci dies?* Santo Agoſtinho, reconhecendo a difficuldade, reſpondeu que falava Moyſés naõ do martyrio da auſencia, a que Jacob ſe expunha, mas dos trabalhos, que no diſcurſo de tantos annos padeceu por amor de Raquel, uſando o ſagrado Chroniſta daquella figura, a que os Rhetoricos chamaõ Metonymia. Sim, mas quem fes os trabalhos leves, ſendo graves, quem os fes poucos, ſendo tantos? O amor: *Præ amoris magnitudine:* porque a quem ama, como Jacob, as finezas, por mais arduas que ſejaõ, naõ trazem cuſtos: o Texto he taõ literal, que eſcuſava padrinho, mas de Agoſtinho nunca ſe enjeyta o favor, dis pois aſſim:

Quæ

Aug. q 88. in Genes. *Quærendum quomodo dictum sit, quòd videbantur ei dies pauci præ amoris magnitudine, cùm potius quantum libet breve tempus longum videri soleat amãtibus? Dictum est igitur ita propter laborem servitutis, quem facilem, & levem amor faciebat*; deste Texto, do Santo Doutor se colhem duas cousas, huma em favor da minha asserçaõ, e outra do Padre Vieyra, dis que a breve ausencia do amado he o mayor martyrio do amante; assim o defende o Reverendo Padre, dis que o amor facilita os custos, e desfas os trabalhos, e isto digo eu.

77 Se passarmos às Letras humanas, acharemos a cada passo bastantes exemplos desta verdade; passo pelas historias, e vou aos Poetas, que neste particular tem preferencia, senaõ pela verdade das suas narrações, pela authoridade dos seus conceytos; em huma carta, que Leandro escreveu a Hero, dis assim o Poeta engenhozo.

Ovid. Ep. 18

Nunc daret audaces utinam mihi Dedalus alas;
Icarium quanvis hic prope litus adest.
Quid quid erit, patiar: liceat modò corpus in auras
Tollere; quod dubia sæpe pependit aqua.

E mais abayxo, para encarecer a temeridade do amor no despreso dos perigos, dis.

Sit tumidum paucis etiam nunc noctibus æquor,
Ire per invitas experiemur aquas:
Aut mihi continget felix audacia salvo:
Aut mors soliciti finis amoris erit.

O mesmo tinha dito no livro 1. chamado do Amor.

Nox

Nox, & amor, vinumque nihil moderabile suadent; Ovid. 1. Amor. Eleg. 6.
Illa pudore vacat, liber, amorque metu.

He o que tambem dizia a incestuosa Biblis.

Jura senes norint, & quid liceatque, nefasque, Ovidius 9. Metam.
Fasque sit inquirant: legumque examina servent.
Conveniens Venus est annis temeraria nostris:
Quid liceat, nescimus adhuc: & cuncta licere
Credimus, & sequimur magnorum exempla Deorum.
Nec nos aut durus pater, aut reverentia famæ,
Aut timor impediet, tantùm absit causa timendi.

Vejam-se a este proposito a nona Elegia, do livro 1. do Amor, o livro segundo da Arte amatoria; a historia de Dido no Principe dos Poetas, e tambem os excessos de Eneas com Creusa: Seneca especialmente na Tragedia de Hercule Furente: Homero na sua Iliada, especialmente no livro nono, e se acharà que, expondo-se os amantes a perigos evidentes, romperaõ por difficuldades taõ grandes, que pareceraõ invenciveis, mas sem reparo, sem repugnancia, sem susto, e sem custo.

78 A razaõ natural desta verdade deu o Padre Bento Pereyra, taõ grande Commentador do Genesis, que se naõ he o primeyro, naõ tem segundo, o qual dis que he a preferencia, que o conceyto do amante fas da cousa amada, antepondo-a a tudo; daqui vem padecer sem queyxa, soffrer sem reparo, emprender sem susto, e naõ sentir oppressaõ em tudo o que obra; assim resolve, ou commenta as palavars de Moysés, falando de Jacob: *Secundùm judicium, videbantur Jacob pauci dies:* Bened Per. in Gen. 29. ℣. 20. 17.

siqui-

ſiquidem reputanti ſecum præſtantiam rei amatæ, ſeptenne illud ſervitium videbatur exiguum pretium, quo tantum illud bonum compararetur. itaque ſi Laban viginti annos ſervitutis poſtulaſſet, ne tam gravem quidem, & diutinam, atque iniquam conditionem recuſaſſet Jacob; a meſma razaõ, e no meſmo caſo de Jacob deu o Padre Alapide: *Verùm appretiativè, ideſt, pro re tam pulchra, pretium ſervitutis hujus ei videbatur exiguum, dieſque laboris tam longi ei videbantur eſſe pauci, & parvi, id eſt, labor ſuus ſibi videbatur eſſe parvus comparatus cum tanto præmio.*

Alap. ibi.

79 Venero a razaõ, mas naõ ſatisfas, porque aquella preferencia, ou verdadeyra, ou imaginada, q̃ o amante conſidera na peſſoa, que ama, ſerà efficàs para deſpreſar tudo fóra da meſma peſſoa, mas naõ para que deyxe de experimentar difficuldades nos exceſſos, que emprende, ſendo eſtes de ſi meſmos arduos, e difficeis: qual ſerá logo a verdadeyra razaõ, porque o amante naõ experimenta cuſtos nas finezas, que obra? Digo que he o goſto, com q̃ obra as meſmas finezas, emprende-as de ſorte obrigado, que vay livre, naõ violento, mas voluntario; e eſta meſma vontade, e goſto he taõ efficás, que facilita as meſmas difficuldades, naõ porque lhe mude a natureza, mas porque reforça o animo, e ſe eſte he ſuperior a tudo, vence tudo; aſſim o cantou o Poeta eſcrevendo do Ponto ao ſeu Attico.

Omnia deficiunt; animus tamen omnia vincit:
Ille etiam vires corpus habere facit.

Ovid. lib. 2. de Pont. Eleg. 7. ℣. 75.

E em outro lugar falando de Thisbe, dis que o amor à fazia ouſada, e reſoluta:

Auda-

Audacem faciebat amor. Idem 4. Metam.

80 Mas sobre tudo està a authoridade de Chrysostomo, que reparando naquella, ao parecer, antinomia das palavras de Christo, pois em huma parte dis que he suave o seu jugo, e em outra dis que he apertado o caminho do Ceo, salva este encontro com esta Sentença: *Quomodo igitur*, he a duvida, *quomodo igitur dixerit aliquis dictum est illud; jugum meum suave est, & onus meum leve? Nam, si angusta est via, & aspera, quomodo rursus eam levem facilem que vocat? Illud quidem*, vay a reposta, *dictum est propter naturam afflictionum, hoc verò propter spontaneam voluntatem adeuntium nam fieri potest ut quod naturâ est intolerabile, sit leve, si cum alacritate animi suscipiamus.* He em Latim quanto tenho dito em Portugues; de que tudo assim exposto se conclue que as finezas se naõ devem, nem pòdem medir pelos custos do amante, visto naõ lhe trazerem custo as execuções das finezas, como tem mostrado a Conclusaõ. Chryf. tom. 2. Hom. 3. de Lazar.

SEGUNDA CONCLUSAM.

Naõ se devem, nem podem medir as finezas do amor pelas utilidades do amado, e se mostrarà que as utilidades do amado desdouraõ de algum modo as finezas do amante.

81 A Primeyra parte desta Conclusaõ he manifesta, porque, se pelas utilidades do amado se houvera de avaliar o heroyco das finezas, seguirsehia que naõ foraõ grandes, e heroycas as finezas,

que

que Christo obrou com Judas, visto que a Judas naõ foraõ uteis as finezas de Christo; semelhante consequẽcia porèm he alhea do entendimento, quanto mais do coraçaõ: que importa que Judas se portasse obstinado para se reputar fino o coraçaõ do Verbo? Seria justo que a sua obstinaçaõ desfizesse naquelles prantos, com que ansiozo lhe lava os pès, naquella humildade, com que se prostra para renderlhe a Alma? Naõ por certo, porque na dureza se prova o amor, na obstinaçaõ o affecto; a ingratidaõ de Judas foy o sinzel, que lavrou o coraçaõ de Christo, este sempre amante, aquelle sempre ingrato, diga-se logo que as finezas do amor se naõ devem regular pelas conveniencias do amado, antes sim que em faltar este motivo mais ao amor, sobem a mayor grao as suas finezas; valha-te Deos por Vieyra, que em tudo discorreste acertado!

82 Repara elle nas lagrymas de David, e nas lagrymas de Raquel, aquelle chorando os perigos do primo genito, Raquel a morte dos filhos, e observando que o pranto de David cessou com a morte do filho, e que Raquel depois da morte dos Innocentes se desfazia em prantos, avaliou por mais finas as lagrymas de Raquel, que os prantos de David; e com razaõ na verdade, porque David chorou em quanto vio que podiaõ ser uteis à vida do filho as suas lagrymas; por isso, sabendo que estava morto, parou na dor, e sendo o mesmo que se sustentava das lagrymas, deyxou o pranto, e sentou-se à menza, proferindo com tanto descredito do seu mesmo coraçaõ: *Nunquid potero revocare eum?* Assim procedeu David, Raquel porèm, como exemplar de toda a fineza, taõ fóra esteve de suspender as lagrymas com a morte dos filhos: *Quia non sunt*, que ainda depois da morte soltou correntes, lendo-

Vieyr. Disc. 2. das Pedr.

2. Reg. cap.

Matth. 2. n. 18.

lendo-ſe para trofeo immortal da ſua rara fineza: *Et noluit conſolari.*

83 Contraponha-ſe agora aquelle *quia* de Raquel a o *nunquid* de David; porque ſe conſola David, e porque chora Raquel? Raquel chora, porque he tal a fineza do ſeu affecto, que ſe reſolve a eſtragar perolas pelos ſeus Innocentes: *Et noluit conſolari, quia non ſunt*; conſola-ſe David, porque he taõ tibio o ſeu amor, que naõ ſabe perder huma lagryma, nem por hum filho: *Nunquid potero revocare eum?* Fique logo immortal a fineza de Raquel, e ſayba-ſe para gloria do ſeu meſmo coraçaõ que excedeu tanto eſta mãy àquelle pay, que deveu mais a innocencia a Raquel, que a natureza a David; olhava eſte para as conveniencias do ſeu amado, Raquel para as finezas do ſeu amor; naquelle ſeria o amor fino, mas teve fim; neſta naõ terà fim, porque he mais fino: *Et noluit conſolari.*

84 Eſte foy tambem o fundamento, porque o meſmo Vieyra aſſentou com David que foraõ mais heroycas as finezas de Chriſto na ſua Reſurreyçaõ, que em todo o diſcurſo da ſua vida; porque no diſcurſo da ſua vida mereceu Chriſto para nòs a graça, e a Gloria, na Reſurreyçaõ naõ mereceu para nòs couſa alguma; e porque, reſſuſcitando, naõ mereceu nada para nòs, mereceu muyto mais de nòs: eu creyo q̃ eſte foy o penſamento, com que Chriſto, promettendo chamar amigos a todos os Apoſtolos, ſó graduou a Judas com eſte nome: *Amice*; nos mais aproveytava-ſe o ſangue, em Judas perdiam-ſe as finezas: aos mais eraõ uteis os prantos, porq̃ ſe lhes derretiaõ os coraçoẽs à viſta das lagrymas, em Judas perdiam-ſe os exceſſos, porque ſe obſtinava o coraçaõ à viſta dos prantos: o impreſſor, como nota o Padre Vieyra, molha o papel para imprimir as letras,

Vieyr. p. 6. fol. 488.

Vieyra nas Lagryr. de Heracl.

o lavrador rega as plantas para colher os fruttos, e, aindaque Christo regou as plantas de Judas com tantas lagrymas, como em lugar de fruttos colhia espinhos, nisso mesmo acreditava o amor.

85 Naõ sey verdadeyramente qual foy mais obstinado naquelle conflicto, se o coraçaõ de Jesus, se o coraçaõ de Judas; este obstinou-se na resistencia, aquelle na batalha; combateu-o por mar, e por terra, por mar na corrente dos seus olhos, por terra no abatimento da sua humildade; e como Judas se naõ rendeu, vendo a Christo prostrado, nem desistio, vendo-o em prantos, aqui mesmo acreditou Christo o seu amor, pois para trofeo, ou triunfo da sua fineza bastou saberse que o naõ pode esfriar toda a repugnancia de Judas: *Amice*. Se o amor paràra, vendo a Judas repugnante, medirsehia o amor de Christo pelas conveniencias do amado, estreytando se àquellas conveniencias o seu amor; mas porq̃ o verdadeyro affecto só se deve regular pelo coraçaõ do amante, claro està que entaõ provou Christo a fineza do seu affecto, quando amou a Judas, estragando finezas: pudera comprovar este pensamento com outros Textos, que se podem ver no mesmo Vieyra afima citado; a que ajuntaramos os exemplos de Samsaõ com Dalila, de David com Absalaõ, e passando às letras profanas, os excessos de Augusto Cesar com Bruto, cuja inconfidencia parece que obrigava ser fino ao mesmo Cesar; tudo porém omittimos por brevidade, assentando que as finezas do amante para serem heroycas se naõ devem regular pelas utilidades do amado.

86 E a razaõ vem a ser, porque o amor verdadeyro assim ha de nascer sómente do coraçaõ, q̃ naõ ha de buscar fóra delle frutto aos seus trabalhos, ou causa aos

seus

ſeus augmentos: *Amor*, dis S. Bernardo citado por Vieyra em muytas partes, *amor non quærit cauſam, nec fructum*; e como a regularſe pela conveniencia do amado, ceſſando a utilidade, podia ter termo, jà deyxava de ſer fino; aſſim o entendeu o Poeta, deſconhecendo no amor diminuiçaõ, ou exceſſo. D Bernard. Vieyr. tom. 2.

Tunc mihi præcipuè (nec non tamen ante) placebas. Ovid. Ep. 4.

O meſmo inſinuou Virgilo quando diſſe. Virg. Eglog. 2. ℣. 68.

Me tamen urit amor: Quis enim modus adſit amori?

O Evangeliſta Fenis o entendeu aſſim; por iſſo falando do amor do Verbo, ſendo eſte ſem termo, diſſe que amou no fim: *In finem dilexit*: porque amou de ſorte, que principiou por exceſſos; aquillo meſmo, que outro qualquer amante rezervàra para os ſeus extremos, fes o amor Divino nos ſeus exordios; ſempre o meſmo, e ſempre igual, os progreſſos naõ ſe diſtinguiraõ dos fins, e os fins pareceram-ſe com os principios, por iſſo ſe dis delle, ſendo eterno, que amou no fim: *In finem*. He expoſiçaõ do agudiſſimo, e doutiſſimo Zerda Biſpo de Badajòs, da famillia Benedictina, em cujas obras naõ ha palavra, que naõ ſeja agudeza; tratou eſta materia nos Commentarios a Judith, aonde moſtra em hum diſcurſo que o verdadeyro amor naõ ſe augmenta com o tempo, nem conſente diminuiçoes: logo, ſe o amor ha de ſer ſempre igual, mal pòde ter cauſa, que o poſſa ſuſpender. Zerda in Judith. tom. 1. in cap. 4. ſ. 7. per tot. & tom. 2. ad C. 10. ℣. 16. n. 131.

87 Quanto mais que a utilidade, que da fineza re-

ſulta ao amado, obriga-o a eſtimar a fineza pela conveniencia propria; logo naõ eſtima a fineza, ſenaõ o intereſſe; naõ olha para o amor, ſenaõ para a conveniencia; naõ ſe diga logo que a fineza do amor ſe deve medir pela utilidade do amado, porque neſta hypotheſi reſpeyta-ſe a utilidade, o amor naõ. Mais; aquella ſe deve reputar no amante fineza mayor, que obriga o amado a correſpondencia mais heroyca: logo pela utilidade do amado naõ ſe deve medir a fineza, porque a correſpondencia heroyca naõ he a que ſe obriga da utilidade, ſenaõ da benevolencia; ſaõ iſto couſas tão claras, que toda a allegaçaõ he ſuperflua, por iſſo tornando ao thema, digo que o coraçaõ ha de amar de ſorte, que as ſuas finezas ſejaõ effeyto da ſua propenſaõ; proceda não como David, que não perde lagrymas; ſim como Raquel a eſtragar finezas, que o amor póde medirſe pelos eſtragos do amante, mas não pelas utilidades do amado.

88 O que he tanto aſſim, que as utilidades do amado diminuem de algum modo as finezas do amante: eſta he a ſegunda parte da Concluſão, com aqual daremos mayor lus à primeyra; para intelligencia della ſupponho como couſa indubitavel que o amante verdadeyro reputa como proprias as utilidades do ſeu amado, aſſim o eſcrevia ao ſeu Proteſilao a amante Laodamea:

Ovid. Epiſt. 13. *Cura mei ſit tibi cura tui.*

O meſmo ſe collige do que à fermoſa Helena eſcrevia o Paſtor Paris.

Idem Ep. 16. *Hanc tibi Priamides mitto, Ledæa, ſalutem,*
Quæ tribui, ſola te mihi dante poteſt.

O meſ-

O mesmo Ovidio, que melhor que ninguem tomou o pulso ao coraçaõ humano, o deyxou escrito nos seus desterros.

Si tibi contingit cum dulci vita salute;
Candida fortunæ pars manet una meæ. Idem lib. 5. Trist. Eleg. 8.

89 Mas passemos a outra casta de amor, que quanto tem de Divino, se acredita de verdadeyro; fala David no Ps. 67. de Christo na sua Ascensaõ admiravel, Ps. 67. n. 19. e dis que voltando ao Ceo, recebera nos homens muytos dons: *Accepisti dona in hominibus*: o Texto he facil de construir, mas o atado delle he difficultozo de entender: se os homens na glosa de Paulo sobre o Texto de David he que receberaõ dons: *Dedit dona hominibus*, como, recebendo-os os homens, dis David que os recebera Christo: *Accepisti dona*? Porq̃ Christo era amante dos homens, e, como o verdadeyro amante tem por suas as utilidades do seu amado, julgou bem o Profeta que o mesmo era recebermos nòs os dons, que recebellos Christo, por isso disse com energia notavel q̃ Christo os recebera em nòs: *Accepisti dona in hominibus*; he o q̃ ponderou S. Bernardo quãdo disse q̃ o amor naõ rejeyta sociedade, nem conhece cousa propria: *Quia amor proprietatem abnuit, societatem non respuit.* A concordia dos Textos referidos se pòde ver no Padre Vieyra no segundo Sermaõ do Mandato, que corre no Tomo 4. das suas obras. Ad Ephes. C. 4. n. 8. D. Bern. S. 59. in Cant. Vieyr. tom 4.

90 Se descermos a ouvir o amante Pastor das Eglogas de Salamão, acharemos huma prova real desta mesma verdade; fala elle figurando a Sabedoria Divina, como expõe Zeno, e dis assim à sua Igreja: *Vadam ad montem myrrhæ*; os Setenta trasladàraõ: *Ibo mihi* Zen. l. 3. S. 6. Cant. LXX.

ad montem myrrhæ; eu hey de ir para mim, ou por amor de mim ao monte Calvario: jà se ve a difficuldade, que não he pequena. Christo foy ao Calvario dar a vida só por nos dar a Gloria; que se naõ fora a nossa conveniencia, não iria ao Calvario; pois, se foy por amor de nòs, como dis que por amor de si: *Ibo mihi*? Por isso mesmo, porque foy por amor de nós, estimando como propria a conveniencia dos amados: *Salutem nostram*, dis Sylveyra, *commodum suum reputat*.

Sylv. tom. 5. Evang. lib. 7. C. 5. n. 26.

91 Foy o amor de Christo para com nosco figurado com toda a propriedade no amor de Adaõ para com Heva; formou Deos a Heva do lado de Adão, bem como a Igreja do lado de Christo: *Ut de injuria lateris tota formaretur Ecclesia*; tiroulhe huma costa das mais costas, hum osso dos mais ossos, e formada desta materia a primeyra mulher, trouxe-a Deos à presença do primeyro homem: reparou Adaõ naquella copia, ou retrato de si mesmo, e proferio estas notaveis palavras: *Hoc nunc os ex ossibus meis, & caro de carne mea*: logo repararey na primeyra parte desta sentença, vamos agora à segunda: agora, dis Adão, he Heva carne minha, ou da minha carne: notavel dizer! Porque do Texto consta que o que Deos tiràra de Adão para Heva fora a costa, mas naõ a carne; como chama logo Adão à carne de Heva carne sua? Por isso mesmo, porque era de Heva.

Tertul. apud Vieyr. p. 11.

Genes. 2. n. 23.

92 Amava o primeyro homem a Heva com tanto extremo, q̃ naõ duvidava deyxar os paes, se os tivesse, para ser com Heva a mesma cousa: *Relinquet homo patrem, & matrem, & adhærebit uxori suæ, & erunt duo in carne una*; e, como os amantes reputaõ proprios os interesses dos seus amados, por isso julgou

Genes. 2. n. 24.

Adão

Adão que era sua a carne de Heva: *Et caro de carne mea.* Que serà ver no dia do Juiso dizer Christo aos justos que lhe saciárao a fome, e apagárao a sede na esmola, que derao ao mendigo? Este recebe a esmola, e Christo satisfas a sede; porque ama de sorte o pobre, que reputa propria a sua conveniencia: *Dedistis mihi manducare: dedistis mihi bibere*: he o mesmo, que nesta occasiao disse o Senhor: *Quandiu uni ex minimis meis fecistis, mihi fecistis*: aquillo que fazeis aos meus amados, mo fazeis a mim, porque no seu interesse està a minha cōveniencia, e na sua utilidade o meu lucro: desta sorte discorre o amãte verdadeyro; mas nao disse bem, porque nao dis corre só desta sorte; álem de reputar sua a conveniencia do seu amado, só a conveniencia do seu amado tem por mais sua: reparemos agora na primeyra clausula das palavaras de Adão: *Hoc nunc os ex ossibus meis.* Agora, dis elle, he Heva hum osso dos meus ossos: agora Adão: *nunc*, e atègora porque nao? Antes, se vay a falar rigorosamente, atègora he que o osso foy vosso, e agora jà o nao he; atègora foy vosso, porque o tinheis em vós, e comvosco, agora jà o não he, porque volo tirárao para Heva.

Matth.25.n. 35.

Matth.25.n. 40. Sylveyr. tom.3.in Evang l 5 c.2 q.4.n.29.

93 Que assim se engana quem assim discorre, responde Adão com toda a authoridade de primeyro homem; he meu o osso, e agora muyto mais meu que antes, porque de antes era meu por ser meu, e agora he meu por ser da minha amada, e aquillo, que he da minha amada, he muyto mais do amante: *Hoc nunc os ex ossibus meis.* E eu creyo que este foy o Divino pēsamento, com que o Verbo chamou carne sua à carne, que nos dà no Sacramento da Eucaristia: *Caro mea*; sendo assim que não lhe chama carne sua quando a tomou na Encarnaçaõ; e porque? Altamente o Capitulo

Firmiter de ſum. Trin, de quem parece o tomou Santo Thomás: porque na Encarnaçaõ tomou Chriſto a carne para ſi, e no Sacramento dà nos a nós a meſma carne; chame-lhe pois ſua no Sacramento, para que ſe ſayba que ſó tem por ſeu aquillo, que he noſſo, ou para nòs, que o verdadeyro amante, como Chriſto na Euchariſtia, ſó tem por mais ſeu o que he dos ſeus amados: *Accipiamus ipſi de ſuo quod accepit de noſtro*: e a Igreja: *Quod de noſtro aſſumpſit, totum nobis contulit.*

Cap. Firmiter de Sum. Trin.

94 Suppoſto pois que o amante verdadeyro tem por conveniencia ſua as utilidades do ſeu amado, ſegue-ſe que as utilidades do amado diminuem de algum modo, e em algum ſentido as finezas do amante, pois na utilidade alhea reſpeyta o intereſſe, e a cōveniencia propria; prova-ſe com a razaõ: o amor quanto he mais deſintereſſado, tanto he mais fino; a utilidade fas o amor intereſſeyro, logo naõ he taõ fino eſte amor: finalmente huma couſa he amar, outra couſa he amar-ſe; quem ama ſem reſpeytar a utilidade, ama; quem reſpeyta utilidades no amor, ama-ſe: logo aquelle amante, que ſem reſpeyto à conveniencia ſe moſtra fino, excede na fineza ao que reſpeyta a utilidade; porque aquillo he amar, iſto he amarſe, aquillo he querer, iſto he quererſe. Là notou agudamente com Seneca o Padre Vieyra que a excellencia do befinecio naõ conſiſtia em darſe, e perderſe, ſenaõ na certeza de perderſe, darſe: *Beneficium eſt non dare, & perdere, ſed perdere, & dare*; iſto, que paſſa nos beneficios, deve paſſar nas finezas, aquelles haõ de perderſe, e darſe; eſtas hão ſe de obrar, ainda que vaõ perdidas; paſſemos à terceyra Concluſaõ.

Tom. 2. fol. mihi 416.

TER-

TERCEYRA CONCLUSAM.

A fineza do amor universalmente considerada só se deve medir pela deliberação da vontade; e tomada singularmente só se deve regular pela difficuldade della em ordem à deliberação.

95 QUe a regra universal das finezas seja a delibaração voluntaria prova-se do Texto que allega a Reverenda Senhora: *Bonus pastor animam suam dat pro ovibus suis*; por este Texto, dis ella, se prova ser a morte a mayor fineza; seja assim, mas note-se não dizer Christo que a mayor fineza he padecer a morte, mas dar a vida: *Animam dat*; e que differença ha entre dar a vida, e padecer a morte? Muyta; a morte póde-se padecer a impulsos da violencia; dar a vida só póde ser por deliberação da vontade: logo pela deliberação da vontade he que se devem regular as finezas: ao menos assim as regulou Christo naquelle Texto, em que falou determinadamente das finezas mayores: *Maiorem dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis*; repare-se naquellas palavras: *ponat quis*, em que se mostra não avaliar Christo por fineza a morte, que se padece, senão a deliberação de padecer a morte, não chama fino ao que perde a vida, senão ao que se resolve a dalla; que importa que se padeça o martyrio, ou a morte, se o amor não se desapega da vida? A acção para ser fina ha de nascer do amor, e o amor só póde ser da vontade; não se deve attender a o facto, aquelle respeyto que elle dis à vontade, he que se deve attender, daqui nasce que em factos, e acções não só iguaes, mas identicas, humas são finezas, outras

não

não: moſtremos a practica deſta verdade em hum ſacrificio o mais raro, que vio o Mundo, que foy o de Abrahaõ.

96 Mandoulhe Deos ſacrificar a Iſaac em prova do ſeu amor, e reſoluto o pay a matar o filho naõ ſó obediente, mas amante, conſeguio Deos o intento de dar ao Mundo hum exemplar da mais rara fineza; he porèm de reparar que, ſendo Iſaac o que havia de perder avida, e Abrahaõ o que havia de tirarlha, naõ louvaõ, nem encarecem os Padres a Iſaac, ſenão a Abrahão, e, o que mais he, que, havendo Deos de premiar eſtes dous Heroes, naõ lemos que premiaſſe o filho, ſenaõ o pay: *Quia feciſti hanc rem, ... multiplicabo ſemen tuum*; qual ſeria pois o motivo deſta grande differença? Foy a deliberaçaõ da vontade, que houve em Abrahaõ, e faltou em Iſaac; em Abrahaõ houve vontade deliberada, porque a hum breve aceno da vontade Divina ſe preparou ſem demora, e caminhou ao monte: *De nocte conſurgens abit in locum*; em Iſaac faltou a deliberação da vontade, porque mal podia querer o meſmo que ignorava: *Ubi eſt victima holocauſti?* E como a fineza do amor ſó ſe deve regular pela deliberaçaõ da vontade, por iſſo he louvado o pay, e naõ o filho, porque no filho pela falta de deliberaçaõ faltou a fineza, no pay foy grande a fineza, porque foy grande a deliberação.

Genef. 22. n. 16.

Affectio non cadit in ignotum L. non ferendus D. de Tranſact Ferrer. Menoch. Fuzar.

97 Aſſim o entendeu com a ſubtileza, que coſtuma, S. Pedro Chryſologo, dizendo que naquelle ſacrificio toda a fineza foy de Abrahão: *Patris ibi erat tota paſſio, ubi filius immolabatur.* Iſaac ſim perdia a vida, mas Abrahaõ offerecia-o à morte, e a fineza naõ eſtá em padecer a morte, ſenaõ em offerecer a vida: *Animam ſuam dat, animam ſuam ponat quis: Patris ibi erat tota*

Cryſol. S.

ta passio, &c. Este foy o pensamento, com q̃ o celebrado Euripides falando de Ifigenia filha de Agamemnon, offerecendo-se a perder a vida por salvar a patria, advertio que a mesma Ifigenia para graduar de fina a sua rezoluçaõ declarou expressamente a sua vontade.

Et hocce corpus pro salute patriæ,
Proque universa Græcia trado volens;
Ut immolatum hinc ad dicatas Numinis ducatis
aras; Eurip.

Julgando hum, e outro discretamente que pela deliberaçaõ da vontade se devem sómente regular as finezas.

98 Agora se saberá huma verdade bem pouco advertida, e he, que muytas cousas parecem finezas, que o não saõ, e outras que o são, e não o parecem, ou naõ apparecem: quem visse a Jephthe cortar de hum golpe a sua posteridade na vida da filha só por satisfazer o seu voto, que louvores naõ daria a Jephthe? E quem visse a Abrahaõ, depois de preparar o sacrificio, e atar a Isaac, em lugar de descarregar o golpe embainhar a espada, que pouco conceyto faria de Abrahão? e com tudo Abrahão, que naõ executou o sacrificio, foy o fino, e Jephthe em sacrificar a filha naõ fes fineza, e porque? Porque em Jephthe não houve vontade deliberada para aquella acçaõ, em Abrahaõ houve deliberaçaõ da vontade para aquelle excesso; e, como a deliberação da vontade he que dà valor à fineza, faltou a fineza aonde não faltou o sacrificio, e aonde faltou o sacrificio, não faltou a fineza.

99 Mas como pòde ser que, faltando o sacrificio, a fineza não faltasse? Porque a fineza não se mede pelo

facto,

facto, senaõ pela vontade, antes, não podendo o facto por mais heroyco supprir a vontade, que se acha repugnante, basta a vontade a supprir o facto para a fineza: no mesmo caso de Abrahão o temos expressamente. Quando o Patriarca se retirou do monte, deyxando assombrado o Ceo, e suspensa a Terra, falou-lhe Deos por hum Anjo, e disse-lhe: *Nunc cognovi quòd timeas Dominum, & non pepercisti unigenito filio tuo propter me*; agora fis conhecer ao Mundo que me amas, pois por amor de mim não perdoaste ao teu unigenito: estas ultimas palavras saõ difficultosas, porque do Texto cósta que Abrahão naõ sacrificou o filho, como dis logo o Anjo que lhe não perdoara: *Non pepercisti?* Porque tratava o Anjo da fineza de Abrahão, cuja vontade resoluta bastou a supprir o facto na razão de fineza; fes como se o fosse, não o sendo: perca-se pois a memoria do sacrificio de Jephthe, em que a repugnancia tirou a fineza, retirem-se os excessos, que pela trombeta de Roma celebrou a Antiguidade, vendo sacrificados os seus Codros, Menecos, Hermodios, Epaminondas, e outros muytos; e até a dezesperaçaõ de Moab sacrificando o filho para terror dos contrarios fique condenada a perpetuo silencio, visto que para estes excessos concorreu a lisonja, o costume, ou o temor; porèm Abrahão viva na memoria de todos para exemplar de finezas, vista a deliberaçaõ heroyca da sua vontade, assim o deyxou escrito com palavras de ouro a eloquencia de Filo, concluindo o discurso com estas palavras: *Laudantur enim facta voluntaria; involuntaria autem referuntur ad necessitatem rerum, aut casuum, aut temporum.*

Gen. 22. n. 12.

Cic. 1. Tuscul.

Lib. 4. Reg. cap. 3.

Phil. lib. de Abrah.

90 Assim pareceme que este foy o escondido pensamento do Evangelista S. Lucas nos termos, com

que

que referio a Transfiguraçaõ do Thabor; acharam-se com Christo naquella occasiaõ Moysés, e Helias, e começárão a falar daquelle excesso, que Christo havia completar em Jerusalem: *Dicebant excessum ejus, quem completurus erat in Jerusalem*; mas ou poreste excesso se entenda a Ascensaõ, ou a morte, he sem duvida que huma, e outra cousa não só se completou, mas principiou em Jerusalem; como suppõe logo o Evangelista que em Jerusalem fora o complemento, e no Thabor o pincipio: *Quem completurus erat*? Porq já no Thabor ostentava Christo a resoluçaõ voluntaria para aquelle excesso, e como a vontade resoluta suppre o facto na razaõ de fineza, por isso o Evangelista a considerou no Thabor principiada, e em Jerusalem completa: *Quem completurus erat*: Naõ falava S. Lucas da morte como morte, falava da morte como excesso: *Dicebant exessum*; a morte como morte não só se cõpletou, mas tambem se principiou no Calvario; porém a morte como excesso, ou fineza da vontade, consummou se no Calvario, mas ostentou-se no Thabor, por isso já no Thabor se lhe chama fineza, ou excesso: *Dicebant excessum*.

Luc. cap. 9. n. 31.

101 Concorda nesta verdade o Evangelista do amor, ou a Aguia dos Evangelistas, que parece anticipou a hora da morte na Crus á hora das finezas no Cenaculo: *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc Mundo ad Patrem*; sabia Jesus que tinha chegado a hora da sua morte; porque, ainda que a morte havia de succeder dalli a muytas horas, já era chegada para as finezas, porque se naõ regula a fineza pelo successo, senaõ pela vontade; eu ao menos assim quizera entender hum famozo Texto do Apostolo S. Paulo, o qual escrevendo aos Hebreos sobre a vontade, com que o Filho

Joan. 13.

Ad. Heb. cap. 10.

Suar. de Incarn. dp 37. S. 3.

lho abraçou a morte ordenada pelo Pay, dis que naquella deliberaçaõ voluntaria fora o Mundo santificado, porque alli fizera Christo sacrificio de si mesmo: *In qua voluntate sanctificati sumus per oblationem corporis Jesu Christi semel*; como se dissera o grande Apostolo: He verdade que o sacrificio do Verbo humanado se effeytuou no Altar da Crus no monte Calvario, he verdade que com a sua morte ficou o Mundo remido; mas isso naõ embarga para que no instante da sua Encarnaçaõ deyxe de se considerar a fineza supprida pela deliberaçaõ da vontade; a morte succedeu na Crus, mas a vontade de dar a vida ostentou-se na Encarnaçaõ, e naõ está a fineza na morte padecida, mas na vontade deliberada, ella basta para a fineza, porque basta a supprir o facto: *In qua voluntate, &c.*

102 Puderame contentar com o que fica dito, mas não posso passar em silencio a ponderaçaõ de hum Texto dos mais difficultozos, que se achaõ nas Escrituras; fala o Evangelista no seu Apocalypse daquelles precitos, q̃ adoráraõ a fera, e dis que naõ estavaõ escritos seus nomes no livro da vida, que he o livro do Cordeyro, que foy sacrificado desde a origem do Mundo: *Quorum non sunt scripta nomina in libro vitæ Agni, qui occisus est ab origine Mundi*; nestas ultimas palavras consiste a duvida toda, e confeço que nas exposições, que tenho lido, sempre para mim ficaõ com a sua difficuldade: primeyramente Santo Ambrosio, Ticonio, Aretas, Alcazar, e outros muytos assentando que usára aqui Saõ Jeronymo da figura *Hyperbaton*; ajuntaõ as palavras *ab origine Mundi* com as outras: *quorum non sunt scripta nomina*; e constroem desta sorte o Texto: os nomes dos precitos naõ estão escritos no livro da vida desde a origem do Mundo, salvando-se nesta fórma a difficul-

Apoc. 13. n. 8.

Amb. Aret. Alcaz. Tic. & alii.

dade

dade,que resultava do Texto, dizendo que o Cordeyro fora sacrificado desde a origem do Mundo; por se referirem as palavras *ab origine Mundi* naõ ao sacrificio do Cordeyro, mas aos nomes dos precitos.

103 Nesta fórma confeça o Alapide que corre o Texto facilmente, mas quanto a mim se fas totalmente difficultozo, porq os decretos da predestinaçaõ, e cõdenaçaõ eternas saõ em Deos *ab æterno*, e naõ desde a origem do Mundo: *Elegit nos in ipso ante Mundi constitutionem*: logo muyto antes do Mundo, e da sua origem naõ estão escritos no livro da vida os nomes dos precitos. Em segundo lugar o mesmo S. Ambrosio, Santo Anselmo, Ansberto, Viegas, e outros; dizem que o Cordeyro Christo foy sacrificado desde a origem do Mundo,não real, mas figurativamente nos sacrificios da ley antigua, e nos Profetas, e Patriarcas, que o precederão, e assim se pòde dizer que foy sacrificado em Abel morto a sangue frio por Caim seu irmaõ, depois em Abrahaõ perseguido, logo vendido em Jose, em Moysés desterrado, continuando-se este figurado sacrificio nos mais Patriarcas, e Profetas, e nos cordeyros da ley antigua; esta exposiçaõ abraçáraõ como menos offensiva da letra S.Paulin. o Alapid.e o douto Fr.Heytor Pinto credito grande do nosso Reyno,e da sua sempre illustre Religiaõ de S. Jeronymo.

Ad Ephes. 1. n4.

Ambr. Anselm. Ansbert. Vieg.

Paul. cit. ab Alapid hic Pint.ad Dan. cap 8.

104 Porém, tendo esta exposição tão venerados fautores, ainda deyxa lugar a huma grande objecção, e vem a ser,que Abel conforme a chronologia mais ajustada foy morto 130. annos depois do Mundo creado, como com Pereyra, Torniello, e Caetano tem o mesmo Alapide: e sendo este o primeyro sacrificado, e fazendo-se naquelle tempo o primeyro sacrificio, que deu causa a este excesso, se não pòde dizer que Christo

Per. tom. Caet. apud Alap. in Genes. 4.

foy

foy figurativamente ſacrificado em Abel deſde a origem do Mũdo, pois a eſſe tempo já a origem do Mũdo tinha precedido não menos que hum ſeculo, e trinta annos.

105 Na conſideraçaõ deſtas difficuldades o Menoquio, Tyrino, la Hay, Ferrara, Hugo, e outros tomaõ por outro caminho, dizendo que a origem do Mundo, de que fala o Texto, naõ he a origem real, mas a intencional na mente Divina; favorece eſte ſentir o Texto Arabico, porque, aonde a vulgata tem: *Ab origine Mundi* tem o Arabico: *Antequam Mundus eſſet*; porém neſte ſentido torna, e com mais força a meſma difficuldade; porque, ſe o Cordeyro foy morto no fim dos ſeculos: *In conſummatione ſeculorum apparuit*, e a tempo o meſmo Apoſtolo: *Alioquin oportebat eum frequenter pati ab origine Mundi*; como ſe pòde entender q̃ já eſtava ſacrificado antes de todos os ſeculos, que aſſim falaõ da eternidade as Eſcrituras: *Ab initio & ante ſæcula*? Ainda os meſmos Autores referidos diſcordão huns dos outros na concordata deſta duvida; pelo que me reſolvo a ſeguir que o Cordeyro ſe pòde dizer ſacrificado deſde a origem do Mundo, naõ a reſpeyto do decreto, como ſente a opiniaõ proxima, mas a reſpeyto do dezejo, e vontade, que deſde a eternidade teve o meſmo Verbo de morrer pelo Mundo: naõ fala o Evangeliſta da origem real do Mundo no principio dos tempos, nem da morte real do Verbo: fala ſim da origem intencional, que foy *ab æterno*, e da vontade, e reſolução de morrer, que foy deſde a eternidade; porque aſſim como o Mundo teve a ſua origem *ab æterno*, como ſabem os Theologos, aſſim o Verbo *ab æterno* propendeu para mortal, como dis o Padre Vieyra.

Menoch. Tir. La Hay, Ferr. Hug.

Ad. Hebr. 9. n. 26.

Vieyr. p. 4.

106 Depois de abraçar eſta opiniaõ ſem Author, a achey gravemente authorizada pelo Padre Sylveyra

muy

muytas vezes erudito, porey as suas palavràs, que saõ Sylv. ibi cap 18 n. 137.
das mais elegantes,que se achaõ nas suas obras: *Ipse Agnus maximè gestiebat mori, & si compelleretur opportunum expectare tempus: occisus ergo refertur, quia ex propitissimo affectu mortem subeundi voluntas proditur; tempus retardabat studium,sed in voluntate consũmabatur tormentum; tempus expectabatur, ut impleretur decretum sed ipsam mortẽ tempore retardatam quodãmodo consummaverat votum: nisi tempus obstaret, Agnus ab origine Mundi mortem subiret;ergo de firmo animi proposito prædicatur occisus, etsi retardaretur ex tempore.* He verdade, dis este grande Expositor, que o Cordeyro foy morto no fim dos seculos, mas porque desde a eternidade estava o Cordeyro resoluto a dar a vida, por isso se dis morto na origem do Mũdo; o tempo sim retardava o facto, mas a vontade executava o tormento: para observancia do decretto o tempo naõ era chegado, mas a mesma vontade suppria o sacrificio; em fim,se o naõ impugnasse o tempo,ja desde a origem do Mundo fora o Cordeyro sacrificado: diga-se logo que foy sacrificado desde a origem do Mundo, porque o amor, que naõ soffre demoras, suppre o facto na razaõ de fineza;eisaqui como as finezas se devem regular pela vontade sem attençaõ a os factos, porque aquella os pòde supprir, e tomando della a razaõ de finezas.

107 Temos mostrado em commum poronde as finezas se devem regular, e, porque entre ellas humas saõ mayores, outras naõ tanto,serà preciso declarar por onde se deve medir a sua grandeza, e digo que pelas circunstancias concorrentes no facto, que difficultão mais à vontade a sua deliberaçaõ; de maneyra que reprezentado ao entendimento o facto,ou excesso, que se intenta obrar, no que menos repugna à vontade,

 não

não fica esta tão generosa resolvendo; pelo contrario no que lhe fas mais violencia fica a vontade mais fina deliberando: naõ se haõ de medir as finezas pelos custos do amante; porque já naõ sente custos a vontade resoluta; menos pelas utilidades do amado, porque naõ reparaõ em utilidades os olhos do amor, só sim pelas circunstancias, que difficultaõ à vontade a sua resoluçaõ, que rompendo por difficuldades taõ grandes sobe na fineza à sua proporçaõ; nas mayores mais fina, nas menores nem tanto: tenho por patronos deste meu pensamento o insigne Bento Pereyra falando das finezas de Abrahaõ: *Multæ quoque sunt prægraves circunstantiæ ejus facti; quibus ingens ejus difficultas ostenditur, & in ea difficultate superanda magnitudo animi, & virtutis Abrahæ declaratur*; e o Illustrissimo Bispo Almeyriense commentando este facto: *Et sanè justus, & sapiens Abraham pluribus, & rationalibus potuit medullitus agitari rationibus, ut immolationis non obsequeretur precepto, &c.*

Bened Per. in Gen. tom. 3. c. 22. ℣ 13. disp. 10. n. 56.

Zard. in Judith c. 8. ad ℣. 23. n. 276.

108 Isto supposto, continuemos agora o nosso argumento; e, como a morte naõ difficultava tanto como a ausencia a voluntaria deliberaçaõ de Christo, daqui se seguio ser a ausencia mayor fineza, que a morte: que a morte naõ difficultasse tanto a deliberaçaõ, como a ausencia, prova-se; porque na a ausencia sempre Christo se portou repugnante, e para a morte sempre Christo se mostrou prompto: logo em vencer as difficuldades da morte naõ fes tanto, como em vencer as repugnancias da ausencia; prova-se mais: na fineza da morte triunfou a vontade da mesma morte, na fineza da ausencia triunfou a vontade da mesma vontade: logo foy mayor a fineza da auzencia, em que a mesma vontade, sendo vencida, ficou vitoriosa; ainda mais: as difficuldades

Matth. 16. n. n. 41.

da morte combatiaõ a Alma pela parte inferior: *Spiritus quidem promptus est, caro autẽ infirma*; as repugnancias da ausencia combatiaõ a Alma na parte intellectiva, e quem naõ sabe que a razaõ apura o sensitivo, e que padece mais o racional sentindo, que o sensitivo padecendo: a morte atirava settas contra a vida, e embibia-as no mortal, a ausencia atirava flechas contra a Alma, e apontava as ao amor, e as feridas do amor, ainda que sejaõ mais pequenas, saõ mais perigosas; em fim a morte armada de toda a difficuldade, que a fas temerosa, oppunha-se a Christo empenhada a matar, mas achava o mesmo Christo resoluto a morrer; empregava o golpe, mas frustrava as forsas; a ausencia porém vestida do horror, que fas pasmar o coraçaõ, armava-se cõtra Christo resoluta a vencer, mas achava a Christo deliberado a vencella, empenhava as forsas, mas perdia os golpes; a morte frustrava as forsas, porque Christo estava prompto à morte, a ausencia empenhava-as, porque Christo resistia à ausencia: logo a ausencia foy mayor fineza que a morte, porque aonde he mais difficultosa a vittoria, fica mais avultada a fineza. Arist. Vieyr. p. 4.

109 Nesta consideraçaõ daremos intelligencia a humas palavras de Christo formalissimas do pensamento em que estamos: *Baptismo autem habeo baptizari, & quomodo coarctor, donec perficiatur?* He taõ grande, dizia Christo, o dezejo que tenho de morrer, que parece incrivel o quanto me aperta: a onde he denotar, dis Mendonça, chamar Christo à sua Payxão baptismo, e dizer que o dezejo de padecer o aperta demaneyra, que se naõ pòde explicar; mas assim foy; a morte para Christo foy baptismo, porque o gosto de banharse no mar vermelho do seu sangue lhe fazia suave a mesma Payxaõ; e apertava-o tanto este gosto, que morria de Lúc. 12. n. 50.

Mendonça ubi sup. não morrer: *Quasi non magis doleret suo sanguine perfusus, quàm jucundissimo balneo immersus; deinde coarctari se dicit, donec perficiatur, quasi non de Passione, sed de Passionis dilatione coarctaretur*; tal era o gosto, a ansia, o dezejo, e a vontade, que Christo tinha de morrer; porisso, como notou o Sylveyra, a Judas, que lhe maquinava a morte, ainda que aleyvosamente, Matth. 16. n. 13. tratou como amigo: *Amice*, e a Pedro, que o desviava Sylv. ibi q. 5 n. 36. della, tratou como traidor: *Vade Satana*. Em fim era hũ gosto, e hum dezejo, q̃ tinha lançado raises no coração do Verbo desde a eternidade: *Occisus ab origine Mũdi*.

110 Isto passava na morte, mas na ausencia pelo contrario, ainda o Verbo naõ era homem, nem havia homens, nem Mundo, e já o seu gosto, e a sua delicia era estar com os homens em tanto, que parecia esquecerse da Gloria, estimãdo esta assistencia por delicia sua. Deos no Ceo tem a sua bemaventurança em si mesmo, mas a sua delicia nos homẽs: *Deliciæ meæ esse cum filiis* Prov. c. 8. *hominum*: agora se perceberá o mysterio, com que o Profeta considerou no Verbo duas sahidas lá nessa eter- Vieyr. tom. 1. nidade: *Egressus ejus abinitio à diebus æternitatis*; *egressiones* tem o Grego; mas sahidas no Verbo? Huma sahi- Mich. 9. n. 2. da sey eu que foy quando o gerou a mente do Pay; qual seria logo a outra? Foy a que fes do Pay para vir ao Mundo: *Exivi à Patre, & veni in Mũdum*; e porque esta sahida quanto ao dezejo, teve o seu principio na mesma eternidade, por isso se attribue à eternidade esta segũda sahida; segunda sim, mas quanto ao dezejo igualmente primeyra, primeyra no dezejo, primeyra no gosto, primeyra no affecto, e por isso mesmo com Amad. apud. Zerd. Acad. 12. S. §. n. 12. primasia no coração de Deos: *Hoc fuit illi*, diz Santo Amadeu, e com elle a agudeza de Zerda *Hoc fuit illi egredi à Patre, quod tempora nostra suscipere*.

111 Naõ parava porèm o Verbo com este gosto, e com este dezejo, resolve-se a crear os Anjos, e a noticia, que lhes deu logo, foy do grande dezejo, q̃ tinha de fazerse homem para estar com os homens, de que resultou, como querem muytos citados por Vasques, a perdiçaõ dos Anjos, vendo preferida a natureza humana á sua natureza: passa mais adiante o Verbo, resolve-se a crear o primeyro homem, que tanta culpa teve das suas penas, e pegando cuydadozo no barro, formou huma estatua de elegante primor, a que soprando na face, com o mesmo sopro deu vida à estatua, e Alma à obra: nota porèm Tertulliano taõ profundo, como discreto que, sendo aquella estatua obra do poder, era prenda do amor: *Non tantùm Dei opus erat, sed & pignus*; as mãos pegavaõ do barro, e o amor pegava-se ao barro; as mãos pegavaõ do barro para a obra, e o amor pegava-se ao barro como prenda; rasgoulhe os olhos, alizoulhe a testa, affilloulhe o naris, abriolhe a bocca, torneoulhe a garganta, não havendo naquella obra acçaõ sem mysterio, porque cada feyçaõ do homem exprimia as tenções do Verbo: *Quodcumque limus exprimebatur, Christus cogitabatur homo futurus.*

Vasq. in 1. p. disp 233. c. 1.

Chrys. S. 148.

Tertul. de Res c. 6.

112 Em fim reveloulhe o altissimo segredo da sua Encarnaçaõ, não podendo conter no silencio hum gosto taõ grande, a mesma noticia deu depois a Abrahão, logo a Isaac, e tambem a Jacob, naõ só em hũa, mas em duas scenas, ambas mysteriosas; a primeyra foy naquella escada prodigiosa, que apontando o Ceo com a Terra, mostrava a uniaõ hypostatica entre a natureza de Jacob, e a natureza Divina: a segunda naquella luta celebrada, em que, medindo-se o mesmo Deos com Jacob braço a braço, prevaleceu tanto nelle o amor da

D. Thom. 2.2. q 2. a. 7.

Gen. 28.

natureza, que se deyxou vencer do seu mesmo amor, confeçando que o naõ podia vencer, nem vencerse: *Qui cùm videret quòd eum superare non posset*; por isso a onde a Vulgata tem: *Ecce vir luctabatur cum eo* tem o Hebreo: *Ecce vir pulverizabatur cũ eo* Estava-se o Verbo empoado cõ Jacob, faciando no pó da natureza o gosto, que tinha no barro da humanidade; em fim deyxou pelo mesmo Jacob em morgado a Juda este dezejo, e esta ansia, para que ficasse em memoria a toda a sua posteridade: *Non auferetur sceptrum de Juda, donec veniat qui mittendus est.*

Genes. 32. n. 25.
Ibi n. 24. ex Heb.
Gen. 29.

113 E pararia por ventura este desvelo com tantas expressões, e taõ repetidas? Nada menos; chega David, e communicalhe o segredo: *De fructu ventris tui ponam super sedem tuam*; passa depois a reprezentallo no Relogio de Acàs para mostrar que contava a momentos o tempo da sua esperansa: *Tempora si numeres, bene quæ numeramus amantes.* Amante em fim, e o q̃ mais he, impaciente abbrevia os tempos, como escreveu Daniel; e deyxando pela forma possivel o Pay, o Ceo, e os Anjos, desce à Terra, e pormodo jà mais visto, nem ainda imaginado unio para sempre em hum composto a natureza Divina com a humana, entrando esta a subsistir pela mesma subsistencia do Verbo; fes de duas naturezas taõ distantes huma Pessoa só; sendo Deos, se fes homem, sendo Espirito, tomou corpo, e naõ contente de estar com nosco, se fes como nòs, he inexplicavel o gosto, que lhe resultou desta uniaõ, o coraçaõ se lhe encheu de alegria: *Egredimini filiæ Sion, & videte Regẽ Salomonem in diademate, quo coronavit illum mater sua in die desponsationis illius, & in die lætitiæ cordis ejus.*

Ps. 131.
Vieyr. p. 7.
Ovid. Ep. 2.
Dan. 9.
Cant. 3. n. 11.
Hug. ibi.

114 Aqui cuydarà alguem que teve plena satisfaçaõ aquelle eterno dezejo de estar com os homens, mas não parou aqui, traça engenhosamente o mysterio da Eucaristia, para que se pudesse unir ao homem, como já estava unido cõ a humanidade, e extendendo, como dis S. Chrysostomo, no mysterio da Eucaristia a sua mesma Encarnaçaõ; assim conseguio unirse o homem a elle, accrescentando hum laço a outro laço, e huma uniaõ a outra uniaõ em complemento daquelle gosto insaciavel, que sempre teve de estar com os homẽs: *Ideo enim*, dis o Alapide, *Christus nasci voluit, vocarique Emmanuel, qui jugiter nobiscum esse manere, & versari volebat in Eucharistia, deliciæ enim ejus sunt esse cum filiis hominum.* Assim passava naquelle Divino coraçaõ, a morte naõ só lhe naõ era repugnante; mas conforme, a ausencia naõ só lhe era disforme, mas contraria; com o mesmo Verbo naceraõ o dezejo de estar com os homens, e a vontade de morrer por elles; qual seria logo a repugnancia que a ausencia lhe faria ao coraçaõ, se lhe tirava o gosto de toda huma eternidade? Alapid in Isai. 7. n. 14.

115 A mim naõ me admira que o Verbo se resolvesse a morrer por aquelles homens, que amava mais que a mesma vida, mas que morrendo por elles, acabasse comsigo ausentarse delles? De Narciso contaõ os Poetas que, chegando a huma fonte para apagar nos crystaes os seus incẽdios, como se visse copiado naquella inundaçaõ trãsparente, assim se deyxou prender da sua mesma belleza, que dezejou dividirse para poder amarse; repara Ovidio neste louco dezejo, e rompeu nesta grave Sentença: *Votum in amante novum est, velle quod amamus abesse*: nova fineza de amante dezejar apartarse daquillo mesmo, que ama; esta contradic- Ovid. Met.

 çaõ

çaõ porêm, que parecia estranha no entendimento de Narciso, coube no coraçaõ do Verbo; amou de sorte aos homens, que não se contentando com dividirse de si mesmo pela morte, resolveu apartarse delles pela ausencia; na morte era igual o interesse dos homẽs ao dezejo do Verbo, na ausencia foy preciso ceder o dezejo do Verbo ao interesse dos homens; pouco custou a Narciso morrer por si, como ao Verbo morrer por nòs; mas haver de separarse de si, querendo-se, haver de apartarse de nós amandonos, em Narciso foy a mayor novidade, no Verbo foy a mayor fineza.

116 Se as Almas no Ceo à vista do summo Bem, propendem para a uniaõ dos seus corpos: *Nolumus spoliari, sed super vestiri*; se Jacob naõ duvidava morrer para estar com seu filho no outro Mundo: *Descendam ad filium meum lugens in infernum*; que aperto naõ faria a Christo aquella precisa necessidade de ausentarse de nós? E se no tormento da ausencia escolheu Jacob a morte por partido, claro està que nenhũa comparaçaõ pòde ter a morte com a ausencia: pareceme que nos deyxou Salamaõ hum notavel testimunho desta verdade; fala elle do amor, e dis que he taõ valente como a morte: *Quia fortis est ut mors dilectio*; fala outra ves do amor, naõ ordinario, mas excessivo, e compara-o com o inferno: *Dura sicut infernus æmulatio*; mas, se he como a morte o amor grande, porque ha de ser como o inferno o amor excessivo? Porque o inferno naõ he outra cousa, que a ausencia do bem, e a morte hum exterminio da vida; na perda da vida prova o amor de grande, na ausencia prova o amor de fino: logo he mayor fineza ausentarse, que morrer, pois para morrer basta o grande amor, e para ausentarse he necessario hum amor muyto grande.

Epist. 1. ad Cor. 15. de quo Conimbric. de anima tr. ult. disp. 1. a. 3.

Gen. 37. n. 35.

Cant. 8. n. 6.

117 Eu bem ſey que quanto he mayor o amor, tanto ſe fas a auſencia mais difficultoſa, mas tambem he certo que eſſa meſma difficuldade vencida acredita a fineza; quem quizer avaliar as finezas do Verbo, olhe para a auſencia dos ſeus amados; Chriſto, que no dezejo de padecer excedeu a tudo, naõ permittio q̃ lhe deſſem a lançada vivo, e foy, como diſcorre o Sylveyra, porque do Lado aberto lhe haviaõ de ſair os homens figurados na agua; e repugnava tanto ao coraçaõ de Chriſto verſe ſeparado dos homẽs, q̃ por naõ ſentir hũa auſencia em figura, ſó no eſtado de impaſſivel conſentio a lança; a meſma natureza he o melhor interprete deſta dor, vedes os troncos diſtillando-ſe em aromas, pois naõ cuydeis, dis Safo, que ſaõ fragrancias, que reſpiraõ ſenaõ lagrymas, que choraõ: amanheceu o Inverno, que deſpojou as plantas da verde pompa de ſuas folhas; e vendome ſentir auſencias naõ podem conter as lagrymas. Sylveyr. in Evang. tom. 5. lib. 8. c. 10. q. 6.

Quin etiam rami poſitis lugere videntur
Frondibus. Ovidio Ep. 15.

He o que tambem conſiderou Virgilio nos meſmos brutos.

Diſceſſu mugire boves, atque omne querelis
Impleri nemus, & colles clamore relinqui. Virg. Æneid. 8. ℣. 215.

Horacio naõ duvidava morrer ſó por não experimentar as auſencias do ſeu Mecenas, o meſmo eſcolheraõ tantas vezes as Fedras, as Ariadnes, as Briſides, as Penelopes, e outras muytas na auſencia dos que amavaõ; e, como na auſencia a morte he remedio, qual ſerà o Hor. lib. 2. Ode 17.

acha-

achaque? Diga-se logo que entaõ provou de heroycamente fino o amor do Verbo quando por amor dos homens se resolveu a apartarse delles, esta foy a fineza das suas finezas, e o mayor extremo do seu amor; assim o entendeu o Cesar Portugues no livro, que intitulou
Joan. 13. *Sugillatio ingratitudinis*, dedusindo-o não só das palavras do Evangelista: *Ut transeat ex hoc Mundo*; mas
Ep. ad Phil. também das que escreveu S. Paulo aos Filippenses:
c. 1. n. 14. *Permanere autem in carne necessarium propter vos.*

118 Porey as suas palavras, e concluirey com ellas todo este discurso; saõ extensas, mas merecem ser muytas vezes impressas: *Morte sua Christus remedium*
Sugil. lib. 3. *nobis, Sacramento remedium adhibuit absentiæ: quia*
d. 8. §. 3. *Christo tormentum non erat pro hominibus mori, erat tamen plusquam tormentum absentem ab hominibus abesse: Ut transeat ex hoc Mundo ad Patrem: Si Christus priùs agonem mortis subivit, quàm trãsisset ad Patrem, ut potiretur cælesti gaudio, cur Evangelista faciens mentionem de discessu, mortem præterit silentio? Quia nobis voluit significare Christo fuisse molestius, acerbiusque à suis discedere, quàm mortem subire: quia amantem longè plus torquent rigores absentiæ, quàm tormenta mortis.*

Refuta-se a primeyra Confirmaçaõ do argumento precedente, e se mostra que a Encarnaçaõ foy mayor fineza, que a morte.

119 NA suppoſiçaõ falsa de que as finezas se devem medir pelos custos do amante, e utilidades do amado, confirma a Reverenda Senhora
Ep. od Cor. o seu argumẽto, reflectindo nas palavras de Christo na
c. 11. n. 24. instituiçaõ da Eucaristia: *Hoc est corpus meum, quod pro vobis*

vobis tradetur, hoc facite in meam commemorationẽ; em que se ve, dis ella, não pedir Christo memorias da Encarnaçaõ, senaõ da morte: porque a morte foy lhe penosa, a Encarnaçaõ de nenhum modo; da Encarnaçaõ naõ se seguio logo a redẽpçaõ do Mundo, da morte sim, e, como na morte concorreraõ os custos do amante, e utilidades do amado que elevaõ huma fineza ao summo grao, por isso pedio memorias da morte como mayor fineza: he verdade (continùa a mesma Senhora) q̃ a Encarnação foy mayor maravilha, mas naõ foy taõ grande fineza; foy mayor maravilha, pois nella se fes homem o mesmo Deos, que he mais do q̃ morrer Deos, sẽdo homẽ; naõ foy taõ grande fineza, porq̃ lhe naõ custou tanto encarnar, como morrer, porque na Encarnaçaõ naõ deyxou de ser Deos, na morte deyxou de ser Christo.

120 Pouca necessidade tinhamos de responder a este argumento, pois se não acha nelle contra a nossa asserção mais que a applicaçaõ livre da Reverenda Senhora: com tudo necessita de censura em muytas partes; primeyramẽte em dizer que a Encarnação a respeyto da morte foy a mayor maravilha, mas naõ foy tão grande fineza; são termos quasi implicatorios, porque ao mesmo passo que a fineza cresce na razão de maravilha, vay crescendo na razão de fineza: logo huma, e outra devem ficar em grao igual; provo: a fineza, se he ordinaria, não se reputa grande: logo o excesso da fineza consiste na razão de maravilha; de sorte que o ser huma fineza maravilhosa, e rara, he o mesmo que ser grãde, porque essa grandeza se deve medir pela singularidade, e hade o entendimento na avaliaçaõ das finezas pesar pela singularidade a grandeza: naõ he pensamento meu, mas de hum Anjo, porquem Deos falava ao Patriarca Gen. 22. n. 16.

triarca

triarca Abrahão: *Quia fecisti hanc rem, & non pepercisti filio tuo propter me, multiplicabo semen tuum sicut stellas Cæli* Abrahão, porque tu fizeste esta cousa, e não perdoaste por amor de mim ao teu unigenito: porque tu fizeste esta cousa? e que cousa he esta, que fes Abrahão? Já se ve que foy o naõ perdoar ao filho por amor de Deos, pois, se o Anjo exprime isto nas palavras seguintes: *Et non pepercisti*, a que proposito vem chamar primeyro a esta fineza huma cousa: *hanc rem?* se expõe, e declara a fineza, para que lhe chama primeyro unica? Por isso mesmo, porque quis explicar a fineza; naquelle excesso de Abrahão houve duas cousas ambas grandes, a primeyra ser hum acto de amor tão grande, como era sacrificar a Deos seu filho proprio: a segunda ser huma fineza tão rara, que atèlli não tinha succedido; e, como este excesso subia na grandeza pela razaõ de maravilhozo; e raro, por isso o Anjo, que sabia muyto bem como se avaliaõ finezas, pesou no facto de Abrahaõ o que tinha de maravilha, e depois o que tinha de grande: *Quia fecisti hanc rem, & non pepercisti.*

121 Como se dicera o Paranynfo da Gloria: He verdade que este facto de Abrahaõ considerado em si mesmo sem respeyto a outra circunstancia he tão heroyco, que para exaggerar a sua grandeza bastava sómente a sua expressaõ; mas, porque álem de ser tão heroyco, teve a circunstancia de ser raro, e unico; claro está que se naõ exprime bem a sua grandeza, se se deyxa de notar a sua singularidade; note-se pois a sua singularidade, paraque se chegue à comprehender a sua grandeza: *Quia fecisti hanc rem, & non pepercisti filio tuo propter me*: isto supposto, concluo assim: logo, se a Reverenda Senhora confeça que a Encarnaçaõ foy a mayor maravilha, da hi mesmo havia de inferir que

foy

foy a mayor fineza, porque as finezas sobem na estimaçaõ pela circunstancia de raras; quero ajuntar a authoridade ao Texto, e provar com ella esta mesma verdade: á ferida do Lado chamaõ os Padres commumente ferida do amor: *Vulnus amoris*, entendendo que foy mais fino o Sãgue, que sahio do Peyto, do que aquelle, que sahio das outras feridas; e porque? Porque sair sangue das outras feridas naõ era maravilha, porque Christo estava vivo, mas sayr Sangue do Lado foy maravilha, porque Christo estava morto: logo pela circunstanca de maravilha deve ficar em mayor graduaçaõ a fineza: altamente S. Bernardo, aquem cita o Padre Vieyra neste mesmo Sermaõ: Vieyr. p. 7.

122 *Dominus meus Jesus post cætera inæstimabilia erga me beneficia pietatis etiam dextrum propter me passus est Latus perfodi*: o meu Jesus, dis S. Bernardo, depois de obrar por mim tão excessivas finezas, Div. Bern. padeceu tãbem a ferida do Lado: e q̃ achais na ferida do Lado, meu grande Santo, que motiva mais o vosso assombro? Padecella Christo por amor de mim: *Passus est propter me*. Notavel dizer por certo! Por amor de vòs, e tambem por amor de mim padeceu Christo as feridas todas; assim he, torna o Santo, mas as outras feridas padeceu-as Christo estando vivo, a do Lado padeceu-a Christo, estando morto; padecer o vivo não he assombro, porque he passivel, padecer o morto, sendo impassivel, he maravilha, e esta mesma maravilha da fineza, esta singularidade já mais imaginada obriga muyto mais a minha correspondencia: *Etiam dextrum propter me passus est Latus perfodi*.

123 Este mesmo foy o pensamento dos Santos Padres, que falando do mesmo mysterio da Encarnaçaõ, o reputaõ pela fineza mais rara, e excessiva, e por

isso

isso mesmo excessiva, por ser rara; tem precedencia o Pro feta Jeremias naquellas notaveis palavras: *Quia creavit Dominus novum super terram: fœmina circundabit Virum*; aonde fala expressamente do mysterio altissimo da Encarnação, e para cohibir os excessos de Efraim lhe pro põe só esta fineza do Verbo, entendendo a reputarião por mayor pela razaõ de maravilha, ou de nova; ouçamos o douto Alapide sobre o mesmo Texto *Tertiò ut novam vitæ rationem in omni virtutum genere ineamus, cùm Deus tam novum propter nos miraculum effecerit, ut Virgo hominem Deum in utero gestaret; hoc enim postulat tanti operis, & beneficij, scilicet Incarnationis nobis collatæ, magnitudo*. E em outro lugar dis o mesmo este mesmo Author: *Porrò hæc Verbi cum carne nostra desponsatio fuit beneficiorũ miraculum, & prodigium sæculorum omnium maximum*. Santo Agostinho meu Padre depois de ponderar as causas, que teve o Divino Verbo para obrar huma maravilha taõ rara, assenta que a mayor de todas foy ostentar os excessos do seu amor, como se este se naõ pudera bastãtemente declarar senaõ com huma fineza tão nova: *Quæ autem maior causa adventus Domini, nisi ut ostenderet Deus dilectionem suam*: S. Joaõ Damasceno para exaggerar bastantemente a fineza da Encarnaçaõ pondéra muyto a sua novidade: *Novum omnium novorum, & solum sub Sole novum, per quod Dei apparuit infinita virtus, bonitas, & sapientia*; por este mesmo estylo falaõ os outros Padres, assentando que a Encarnaçaõ foy a mayor fineza, por ser a mayor maravilha.

Jerem. c. 31. n. 21.

Alap. ibi.

Alapid. in Prolog. ad Cantica.

D. Aug. lib. de Catholic. Rud.

Damasc. lib. 3. de Fide. c. 1.

124 Donde se cõclue que poreste principio fica a mesma Encarnaçaõ superior á morte, e o mesmo se ha de dizer no caso, que entremos a regular as finezas pelos custos do amãte, porq̃ ainda q̃ a Reverenda Senhora

diga

diga que a Encarnação naõ foy penosa ao Verbo, e a morte sim; pois na Encarnaçaõ não deyxou de ser Deos, e na morte deyxou de ser Christo, quem não haverà, que com escassa lus das Theologias deyxe de estranhar estas absolutas? Primeyramente S. Pedro Chrysologo falando da entrada do Verbo no Vètre da Senhora para tomar a natureza humana, pondéra muyto as angustias do mesmo Verbo: *Nemo miretur*, dis o Santo, *sic Conditor rerum Cælorum Dominus, Deum omnium patriam, locumque sortitur, quando se claudit utero; metitur cunis, uberibus occupat, arctat gremio, dat in ulnas, & ut angustias tollat humanas, humanis se dedit, atque aptavit angustiis: homo ad te Deus se per ista deponit, te per ista sequitur, per istas te perquirit angustias.* Chrys. S. 48.

125 Guarrico Abbade com não menos elegancia dis o mesmo: *Quod in utero novem mensium tempore Maiestas illa circunscripta passa est contineri, quando ita penitus à se met ipso defecisse visus est; tanto tempore nihil illa Sapientia loquitur? Nihil virtus manifestum operatur? Nullo signo Maiestas, quæ clausa est, proditur?* O mesmo sentem Affonso de Orosco, e Basilio Ponce da minha Sagrada Religiaõ, affirmando que as angustias do Ventre materno foraõ para o Verbo taõ penosas, que se devem regular por hum dos mayores tormentos, que padeceu em todo o curso de sua vida Santissima. Nem outra cousa se póde entender, se olharmos para a situaçaõ, para a fórma, e para a figura, que ao feto assignaõ os Fysicos no ventre materno, affetando todos com Avicena, e Hippocrates que o feto atè o tempo do parto se acha comprimido, o que tambem havemos de considerar na conceyçaõ do Verbo, que, segundo os Theologos com Santo Thomàs, se obrou naturalmente quanto à parte da materia:

Gnar S. 5. De Annun.

Alph. de Orosc. in lib. Cofel. cap. 13. Bas. supe. Loc Orosci notat. 13.

Avic. 21. 3. tr. 1. cap. 2. Hip. lib. de Nat. puer. D. Thom. 3. p. q. 33. art.

e, ainda,

e, ainda que alguns não admittão angustia afflictiva no feto, por ter impedido o uso dos sentidos internos, e carecer de perfeyta sensação nos exteriores; na Conceyçaõ do Verbo tem limitação esta regra, visto que a sua Alma santissima no seu primeyro instante se vio adornada da sciencia infusa, por meyo daqual conhecia tudo aquillo, que os homens podem conhecer: *Sine conversione ad phantasmata*, como dizem os Theologos; e tambem porque naquelle instante se formou o corpo do mesmo Verbo com a necessaria proporção.

D.Thom 3. p.q.11.a 4.c. 111.

D Thrm.Ibi q.33.a 1.

126 De maneyra que, ainda que faltasse no Verbo a sciencia acquisita, que influe naturalmente, como notou Vieyra, nos actos de sentimento; tinha a sciencia infusa, porque conhecia a compressaõ, em que estava, e juntamente da parte do corpo tinha proporcionado tacto para a sensaçaõ dolorifica: naõ se diga logo que a Encarnaçaõ naõ foy penosa ao Verbo, porque, ainda que o seu amor vencia os custos das finezas, não deyxavão as finezas de ser custosas. Bem sey que na morte deyxou Christo de ser Christo, e que na Encarnação não deyxou o Verbo de ser Deos; mas tão longe está isto de provar que a morte foy mayor fineza, que, reparando-se bem no que Deos fes na Encarnação, e no que a morte desfes em Christo, se conclue ser a Encarnação mayor fineza, que a morte: provo; mayor fineza he em Deos sumir, e quasi encolher a sua Divindade, doque sujeytarse Christo á morte, porque a morte privava a Christo da vida temporal, e aquella summissão coarctava a Divindade no mesmo Deos; *Sed sic est*, que, ainda que na morte perdeu Christo a vida, na Encarnaçaõ sumio Deos a sua Divindade: logo mais fes Deos encarnando, que morrendo.

Vievr. tom. 6. f. mihi 277.

127 A menor;

127 A menor, que só necessita de prova, não he menos que de S. Paulo em hum Texto, cuja versaõ não cabe na nossa lingua: *Qui, cùm in forma Dei esset, non rapinam arbitratus est esse se aequalem Deo, sed semet ipsum exinanivit formam servi accipiens*; sendo o Verbo igual ao Pay, e com elle o mesmo Deos, sumio, e encolheu a sua Divindade, tomando a naturesa humana. Pasmão, e com razão todos os Padres na consideração desta fineza; de sorte, que sendo Deos, como sobre o Texto pondéra o Padre Vieyra, puro Espirito, chegasse na Encarnação a fazerse corporeo! Que sendo Immenso, Infinito, e Eterno, chegasse na Encarnação a fazerse temporal, finito, e limitado! Que, sendo invizivel, impassivel, e immortal, se fizesse mortal, passivel, e vizivel! Tudo isto se predica do Verbo pela communicaçaõ dos idiomas, e que comparação póde ter com isto a morte, que proporção póde fazer a destruição deChristo com esta submissaõ da Divindade? Por certo que nenhũa: morrer o mortal muyto foy, mas naõ foy o mais, mas fazerse mortal o immortal, foy o mais, que podia fazerse; padecer o passivel com dezempenho do amor, fineza foy; mas fazerse o impassivel passivel foy do amor muyto mayor empenho: diga-se logo que a Encarnação excedeu a morte, pois, se na morte Christo deyxou de ser Christo, na Encarnação Deos se exinanio a si mesmo: *Semetipsum exinanivit, à semetipso defecisse visus est* dis Guatrico.

Ep. Phil. c. 2. n. 6. & 7

Vieyr. tom. 5. f. 133.

Guar. supra.

Refuta se a segunda confirmaçaõ, e se mostra contra a Reverenda Senhora que a Encarnaçaõ, naõ foy meyo para a morte precisamente considerada.

128 CONfirma a Reverenda Senhora em segundo lugar a sua asserçaõ, e dis que aquelles, que se elejem por meyos para algum fim, se tem por de menos preço, que o fin, a que se dirigem; a Encarnaçaõ foy meyo para a morte, pois para morrer he que Christo encarnou: logo a morte foy fineza mayor, do que a Encarnaçaõ: Respõdo a este Syllogismo, distinguindo a mayor, negando a menor, e tambem a consequencia. Quanto à mayor, que dis serem de menos apreço os meyos, que os fins, distinguo, se os meyos naõ saõ mais que puramente meyos para o fim, concedo, aliàs nego; ahi està a graça, que he meyo para, a Gloria, segundo a prezente Providencia, e
Vieyr. p. 5. com tudo a Gloria naõ he de tanto preço como a graça, por isso, como advertio o Vieyra, o Evangelista valido só procurava a graça ainda dentro na mesma Gloria:
Joan. 1. n. 14 *Et vidimus gloriam ejus, gloriam quasi Vnigeniti à Patre plenũ gratiæ*, e os dous Heroes Moysés, e Paulo não
Nieremb. duvidàraõ renunciar a Gloria por augmentarem a mesma graça; deste ponto trata o Padre Eusebio Nie-
Vieyr. tom. 5. S. da S. da Graça. rēberg. no seu tratado del Aprecio de la Divina gracia, e o Padre Vieyra no Tomo 5. dos seus Sermões, em que prova a excellencia da graça sobre a Gloria.

129 Quanto á menor, que affirma ser a morte o fim da Encarnaçaõ, não he proposiçaõ, que se possa sustentar, porque ainda na variedade de sentenças, que há sobre esta materia, naõ houve Theologo, que tal dicesse: Santo Thomàs assenta que o fim principal da Encar-

naçaõ

nação fora a Redempçaõ do Mundo de tal sorte, que se Adaõ não peccasse, o Verbo naõ havia de encarnar por forsa do prezente decreto, como restringem alguns, ou absolutamente como outros querem. Escoto, aquelle assombro da subtileza, e gloria eterna da Religiaõ serafica, tem para si que o fim da Encarnaçaõ fora a gloria do mesmo Verbo de maneyra, que, ainda no caso de Adaõ naõ peccar, o Verbo se havia de fazer homem para cabeça do genero humano. O grande Suares, a quem a Theologia naõ deve pouco, assentou que o fim principal da Encarnaçaõ fora a excellencia do mesmo mysterio; com este parecer vaõ Martinon, e muytos Theologos. Finalmente o Padre Antonio Vieyra, que nas materias Theologicas nunca discorreu vulgarmente, dis que o motivo, e fim primeyro da Encarnaçaõ fora a satisfaçaõ da honra Divina lesa impiamente pela culpa, e naõ tem menos padrinho que o Profeta Isaias, que apontando à Encarnaçaõ dous motivos, primeyro põe a satisfaçaõ da injuria, e depois a Redempçaõ do Mundo: *Ecce Dominus adducet ultionem retributionis*: eisahi o fim primeyro: *Ipse veniet, & salvabit nos* eisahi o segundo fim.

D. Thom.

Scot.

Suar. &c. Vieyr. tom. 2 S. da Senhora da Graça.

Vieyr. Pec. de David Disc. 4.

Isai. 35.

120 Assentando pois que o fim da Encarnaçaõ foy a Redempçaõ do Mundo, no que eu convenho mais facilmẽte, he de saber que a Redempção se podia effeytuar por qualquer acto meritorio de Chirsto, pois qualquer delles como de infinito valor bastava a remir mil Mundos; huma só lagryma sua podia affogar o peccado, e hum só suspiro bastava a abrazar os delictos; com tudo detreminou Deos naõ aceytar por satisfaçaõ da culpa senão a morte de Christo; e por esse motivo tomou o Verbo a carne no estado de passivel, como meyo proporcionado à morte; pelo que se fica já concluindo que

a morte naõ foy o fim da Encarnaçaõ quanto à subſtancia, mas quanto á circunſtancia, quanto à ſubſtancia naõ, porq̃ o fim foy remir, e o Verbo podia remir ſem morrer; quanto á circunſtancia ſim, pois com o fim de morrer he que o Verbo encarnou em carne paſſivel: de maneyra que a morte de Chriſto não foi Redempção por propriedade natural; ſenaõ por diſpoſiçaõ Divina, por iſſo nos remio com a morte, porque ſó com a morte he que eſtava determinado que o Mundo ſe remiſſe; e como a morte conſiderada preciſamente em ſi foy o meyo, porque ſe conſeguio a Redempção, claro eſtà que naõ podia ſer o fim da Encarnaçaõ, que teve por fim a Redempçaõ do Mundo.

131 Vem a eſte propoſito a doutrina do Padre Vieyra, que para tudo deyxou Theologia nas ſuas obras: *O myſterio da Encarnaçaõ do Verbo* (dis elle) *foy determinado* ab æterno *por dous decretos, hũ antes, outro depois da previſaõ do peccado de Adaõ; antes da previſaõ do peccado foy decretado que o Filho de Deos ſe fizeſſe homem ſem outro fim por entaõ mais que o da gloria Divina, e para q̃ foſſe ſuprema cabeça do genero humano, e cauſa final, e exemplar de todos os Predeſtinados, como dis S. Paulo*: Quos præſcivit, & prædeſtinavit conformes fieri imaginis Filii ſui, ut ſit ipſe primogenitus in multis fratribus: ut ſit in omnibus ipſe primatum tenens. *Depois da previſaõ do peccado eſtendeuſe o Decreto Divino a que o Filho de Deos ſe fizeſſe naõ ſó homem abſolutamente, ſenaõ homem em carne paſſivel, para que pudeſſe padecer, e morrer, e para q̃ por meyo da morte de Crus, e do preço de ſeu Sangue foſſe gloriozo Redemptor do meſmo genero humano, de que jà era Senhor; como dis tambem S. Paulo: Decebat enim eum, propter quem omnia, & per quem omnia, qui multos filios*

Vieyr. tom. 1. S. da Senhora da Graça.

Ad Rom. 8. n. 29. ad Coloſ. 1. n. 18.

In gloriam adduxerat authorem salutis eorum per passionem consummare. Ad Heb. c. 2. n. 10.

132 De sorte que, como bem dis o Padre Vieyra, aquelle decreto segũdo, porque se determinou com respeyto à morte, que o Verbo encarnasse em carne passivel, foy hum como additamẽto, ou hũa como extensaõ ao primeyro decreto, pelo qual já a Encarnaçaõ do Verbo estava determinada a fim de se remir o genero humano, sendo a Redempçaõ do Mundo o fim, e motivo da Encarnaçaõ quanto à substancia do mysterio: pelo que se naõ póde dizer que a morte foy o fim, e a Encarnaçaõ meyo, porque o Verbo naõ encarnou por morrer precisamente, encarnou para remir, sendo disposiçaõ Divina que a Redempçaõ se vinculasse á morte; a pouca distincçaõ destes termos confundio a Reverenda Senhora para concluir que a morte foy fim da Encarnaçaõ, o que naõ fizera, se distinguisse bem entre a Redempçaõ, e a morte.

Refuta-se a terceyra confirmaçaõ, e se convence que nem a ultima fineza he a mayor, nem a morte foy a ultima fineza de Christo.

133 REfutada a segunda confirmaçaõ, se offerece à mesma censura a terceyra, por ser de igual categoria, pois, supponde a R. Senhora que no conceyto do mesmo Christo fora mayor fineza morrer, que encarnar, accrescenta que este fora o motivo, porque ao espirar dissera: *Consummatum est*, porque a morte foy a consummaçaõ das suas finezas; nestas breves palavras suppõe a Reverenda Senhora huma cousa, e dis outra, mas ambas falsas, suppõe que a ultima fineza do amante he a mayor, e por isso dá essa

graduaçaõ á morte; e dis que a morte foy a ultima das finezas do Verbo, no que sem duvida se enganou fatalmente. Porque a ultima fineza do amante pela razaõ de ultima naõ tras vinculada a mayoria, antes em boa razaõ se infere q̃ as ultimas finezas nunca podem ser as mayores, as primeyras sim, porq̃ o amor quando principia começa com todas as suas forças, e ordinariamente saõ mais heroycas as suas empresas; naõ fes Jacob por Raquel taõ grandes excessos no fim, como no principio; e, sendo no mesmo Deos fineza taõ grande introdusir o seu Povo na terra de Promissaõ, muyto mayor fineza foy o tirallo do cativeyro do Egypto, e mais esta fineza foy a primeyra, e aquella a ultima: em fim Christo, que só sabe avaliar as finezas, teve por mais fina a Magdalena na primeyra, que na ultima uncçaõ: *Dilexit multum.* Luc. 7. n. 47.

134 Caminha o amor nos seus progressos ás avessas das outras cousas; as mais naõ ajuntaõ os excessos aos principios, nem a rosa no botaõ he fragrante, nem a planta rompe logo em frutos; pelo contrario o amor, que ordinariamente logo nasce com todas as suas forças, nos seus principios se vem os excessos, e as empresas saõ naturaes na primeyra idade; atē dentro no mesmo homem o amor adianta se mais à razão, primeyro ostenta a vontade os seus affectos, que o entendimento os seus discursos; mas não ha para que admirar esta differença, sabendo-se que o amor tem no coração as raises. Eu bem sey que no Verbo, cujo amor he invariavel, não tem lugar esta Filozofia; as suas finezas não respeytão o tempo, mas assim como as primeyras se não podem dizer mayores pela razaõ de primeyras, tambem as ultimas se naõ podem dizer primeyras pela razão de ultimas.

135 Mas

135 Mas demos que assim seja, demos que a ultima fineza sempre he a mayor, e por isso mesmo devo inferir que a mayor fineza de Christo não foy a morte, senaõ a ausencia: tudo temos em hum Texto, a que deu nova ponderação o Padre Vieyra, e creyo que os Doutos a terão por genuina; achava-se Christo gloriozo no Thabor entre Helias vivo, e Moysés morto, e dis S. Lucas que a pratica naquella occasião entre Christo, e os dous Profetas, fora sobre o excesso, que o mesmo Senhor havia completar em Jerusalem: *Et dicebant excessum ejus, quem completurus erat in Jerusalem*: toda a vida de Christo ou mortal, ou immortal em quanto andou neste Mundo foy hum excesso continuado por amor dos homens, e supposto digaõ muytos Doutores que o excesso, de que se falou no Thabor, era a morte do mesmo Christo no Calvario; o Padre Vieyra fundado no Texto tem para si que fo a a Ascensaõ no Olivete, donde Christo subio à Gloria.

Vieyr. tom. 7. S. 1. Cap. 9. n. 31.

136 Primeyramente porque a pratica do Olivete, donde Christo partio ao Ceo, era mais conveniente ao estado de Christo no Thabor, em que se ostentou de gloria: em segundo lugar porque aquella palavra, *Excessum* no seu natural sentido significa apartamento, e no Olivete se verificou partirse, ou apartarse Christo de nós para o Empyreo; em terceyro lugar, porque este excesso havia de ser o complemento das suas acções, e finezas: *Quem completurus erat*; e o complemento de todas as acções, e finezas de Christo naõ podia ser outra senaõ a ultima, que foy a sua Ascensaõ, e ausencia, que fes de nós. Segundo este Texto no sentido declarado, he muyto de notar o nome de excesso, que S. Lucas deu à ausencia: *Et dicebant excessum*; e paraque se naõ duvide que o excesso era de amor, trasladaõ os

Padres, que cita o mesmo Vieyra: *excessum amoris*: mas falou S. Lucas como illustrado, porque certamente foy excesso do amor de Christo acabar comsigo o ausentarsse daquelles homnes, que amava mais que a mesma vida: e, se prescindirmos deste sentido, naõ ha duvida que a ausencia foy a ultima fineza do Verbo, a medir logo a mayoria da fineza pela circunstancia de ultima, como quer a Reverenda Senhora, prefere sem duvida a ausencia à morte.

137 Naõ fazem contra isto as palavras *Consummatum est*, que senaõ referem ás finezas, senaõ às Escrituras, que tratavaõ das acções, e payxões de Christo atè à morte sim, mas com exclusaõ della, divinamẽte o meu grande Agostinho, a quem reconheço, não só Pay, mas Patrono: *Consummatum est, quid nisi quod Propheta tanto ante tempore prædixerat? Deinde quia nihil remanserat, quod ante quam moreretur fieri adhuc oporteret*; he tão legitimo, e natural do Texto este sentido, que, senaõ fora o meu grande Patriarca, me envergonhàra de citar Expositor; ponho o Texto todo, que para minha covenienciaõ naõ costumo troncar Textos: *Postea sciens Jesus quia omnia consummata sunt, ut consummaretur Scriptura, dixit: Sitio. Vas ergo erat positum aceto plenum. Illi autem spongiam plenam aceto, hyssopo circumponentes, obtulerunt ori ejus. Cùm ergo accepisset Jesus acetum, dixit: Consummatum est*; vejaõ agora se este *Consummatum est* concorda com o *consummaretur Scriptura*: mas eu doulhe que o Texto fale das finezas, mas naõ posso em tal caso dissimular a incoherencia da sua allegação, porque do mesmo Texto se mostra proferir Christo aquellas palavras antes de morrer: *Dixit: Consummatum est, & inclinato capite tradidit spiritum*: pois se antes de morrer já as finezas

D. Aug. tr. 119. in Joan.

Joan. 19. 28. 29. & 30.

estavaõ consummadas, e estava cõsummado tudo, claro està que a morte não cõsummou as finezas; este porem he o estylo, porque correm as Escrituras neste famozo papel.

APPENDICE AO ARGUMENTO,

No qual se mostra que ainda no caso negado de se haverem de medir as finezas pelos custos do amante, e utilidades do amado, a morte naõ prefere ausencia.

238 TUdo o que proximamente fica notado, involveu desnecessariamente a Reverenda Senhora para provar que as finezas se devem medir pelos custos do amante, e utilidades do amado; e supposto que deyxamos refutado este sentimento, com tudo no caso negado de se haverem de medir as finezas por esses dous termos, he certo que a morte naõ prefere à ausencia: provo; mais custou a Christo ausentarse, que morrer: logo nesta parte deve a morte preferir; demais, confeçando que foy grande a utilidade, que se seguio da sua morte, tambem não foy pouca a utilidade, que se nos seguio da ausencia, antes a ausencia foy hum como complemento das utilidades da morte: logo a morte naõ deve exceder; provemos por partes estas duas proposiçoes, e logo se verá a verdade na conclusaõ de ambas.

PRIMEYRA PROPOSIC,AM.

Mais custou a Christo ausentarse dos homens, que morrer por elles.

139 ASsim se prova não só neste discurso; mas tambem no ultimo do Sermaõ do Mandato, que o Padre Vieyra prègou em Roma, o qual peço com toda a instancia se lea, já que a Reverenda Senhora o naõ fes, pois he certo que, se chegára a vello, não rompera neste papel: sobre o que dis o Reverendo Padre naquelle eloquentissimo discurso não me resta que ponderar mais que a frase; porque falaõ os Evangelistas, tratando da Ascensaõ, que foy a despedida deste Mundo para o Ceo; he certo, conforme a Theologia, que Christo subio à Gloria por virtude propria, exercēdo neste caso o dote da agilidade; e com tudo falando S. Marcos desta despedida de Christo, dis que fora tomado para o Ceo: *Assumptus est in Cælum*; S. Lucas dis que fora levado: *Ferebatur*; concorda a versaõ de Tertulliano *Ereptus est*. Notavel cousa por certo! Mas, se o Espirito Santo, que governava estas duas Pēnas, naõ podia ignorar a virtude activa, porque Christo subio à Gloria, como dá a entender que na subida se houvera como passivamente, dizendo que foy levado, e tirado da Terra: *Ferebatur in Cælum: Assumptus est?*

Vieyt. tom. 1.

D. Thom. 3. p. q. 57. a. 3.

Marc. 16. n. 19.

Luc. 24. n. 51.

140 Porque quis o Espirito Santo não sómente descrever o mysterio, mas declarar a fineza, e porque a fineza do amor de Christo subia no triunfo das suas mesmas repugnancias, por isso as declarou para expressar a fineza; faziaõ força à vontade, e amor de Christo huma ausencia tão terrivel, e hum apartamento taõ

custo-

custozo; lutou com estas contradições quanto lhe foy possivel, primeyramente antes de se ausentar de todo neste dia, se foy nos dias antecedentes ensayando na ausencia; apartava-se huma hora, e apparecia na outra, retirava-se oyto dias, mas nos seguintes tornava logo para os Discipulos, assim foy costumando o coração nos encontros para naõ desfalecer na batalha; não menos que 40. dias demorou este apartamento, como se não coubesse na sua impassibilidade apartarse logo dos seus amados sem nenhum sentimento: e podendo fazer esta despedida do valle mais humilde, subio às imminencias do Olivete; andando pela terra quanto lhe foy possivel; e achãdo-se em fim naquella campina destinada para tão grande excesso, sendo a ultima raya da terra, depois de imprimir nas penhas as suas pegadas foy subindo pelos ares não velós, mas vagarozo não como quem voava, mas como quem subia: assim entrou no Empyreo ausentando-se dos homens aquelle mesmo Senhor, que morreu por elles. D. Bern. S. 2. de Asç.

141 Todas estas circunstancias, e as mais, que naõ acerto a ponderar, concorreraõ naquella ausencia; mostrando Christo as grandes repugnancias, que lhe fazia ao coração tão excessiva fineza; foy taõ grande, que, como bem pondéra o Padre Vieyra, chegou a ser sensitiva à mesma impassibilidade; assim discorre com toda a elegancia no Sermaõ primeyro do Tomo 7. e naõ duvidou o raro juizo de Ruperto entender deste apartamento o Texto do Apocalypse, em q̃ se dis que o Filho fora arrebatado para o Ceo: *Raptus est*; o mesmo dis a Glosa, e o dizem muytos: digame agora a Reverenda Senhora, ou alguem por ella, que comparação podem ter com estas repugnancias as demonstrações de Christo na morte? *Para subir ao Calvario*, discorre Vieyra,

Vieyr. tom. 7. S. 1. per tot.

Apoc. cap. 12 n. 5. Rup. lib. 7. cap. e in Apoc. Glos. in.

Vieyr. sup. Vieyra, *a Crus, aos Cravos, e à lança, offereceu as mãos, os pès; e o peyto desarmado, e nù; para subir porèm ao Olivete a se apartar de nòs, não se atreveu a fazer senão armado de impassibilidade; assim provou que para o seu amor o morrer era soffrivel, o apartarse intoleravel*: na morte desatou-se a união da Alma, e corpo; na ausencia porèm romperam-se os laços, que lhe apertavaõ o coraçaõ com os homens; no Calvario cortou a morte pela vida, no Olivete o amor rompeu as

Ps. 131. n. 7. pedras: *Adorabimus in loco ubi steterunt pedes ejus*. Em fim a morte para Christo foy huma despedida da Alma: *Emisit spiritum*, mas a ausencia foy hum arranco do coraçaõ: *Raptus est, ereptus est*.

142 Foy cousa notavel que neste saudozo dia, tendo o Senhor voado pela regiaõ do ar, se interpuzesse huma nuvem entre o Ceo, e a terra, formando hum tal eclipse, que dos olhos da Lua suspensa, e parada:

Habac. *Luna stetit*, apartava o Sol levado, ou elevado: *Ele-*

Div. Greg. Hom. 29. Act. 1. n. 9. *vatus est Sol, & nubes suscepit eum ab oculis eorum*. Estranho caso na verdade, e o mais proprio, em que as queyxas podiaõ chegar às nuvens, de sorte que, quando a terra põe os olhos no Ceo, e os homens em Christo, entaõ se mete huma nuvem, que lho apparta dos olhos? Sim, porque entendeu o Ceo, dis Cassiano, que Christo voltava à terra; tanta era a violencia, que ao coraçaõ do Amante fazia a ausencia dos amados, que cuydou o Empyreo que o amor, que todo he peso, inclinando a Christo para o Mundo, lhe impedia o subir à Gloria; este o motivo daquella interposiçaõ notavel, esta a causa daquelle eclipse; ouçamos a Cassiano:

Cassian. lib. 14. ad fin. *Nubes lucida suscepit eum non advehiculum, seu auxilium opportunum, sed ut includeretur in Cœlum, & excluderetur à Mundo*.

143 Naõ

143 Naõ pàra porèm aqui o temor do Ceo, e menos a expressaõ da fineza. Como os Discipulos persistissem olhando, naõ obstante a nuvem, que lhes escondia o Sol, bem como a flor Gigante para o seu Planeta; *Plin.* dous daquelles Espiritos da Milicia do Ceo, que desde *Vieyr. tom. 1.* as suas ameas olhavaõ para o triunfo, desceraõ muy depressa ao monte, e para fazerem melhor o papel, disfarçando na apparencia de mancebos a condiçaõ de Anjos, perguntaraõ aos Discipulos para que olhavaõ para o Ceo, accrescentandolhe que o mesmo Senhor, que viaõ subir, assim havia dedescer a julgar o Mundo: galante accrecentamento na verdade, como dis Vieyra, *Vieyr. p. 7.* e a huns homens, que antes estavaõ para perder o juizo, que cuydar nelle: mas, supposto que os Discipulos naõ podiaõ empregar melhor as suas vistas, que no Ceo; porque se queyxaõ os Anjos de olharem para o Senhor? *Quid statis aspicientes in Cælum?* Porque tinhaõ ex- *Vieyr. ibi.* perimentado, dis o mesmo Vieyra, que os olhos dos Discipulos eraõ cadeas, que atavaõ a Christo, tinhão experimentado que o seu olhar eraõ as remoras, que lhe impediaõ o subir; na tardança dos voos experimentavaõ a efficacia dos olhos; por isso se queyxaõ delles: *Quid statis aspicientes?*

144 A ave, que se lisonjea do laço, ainda que intenta o voo, reprime o impulso; Aguia foy Christo na sua Ascensaõ: *Ut Aquila volans super omnes Cælos* *Rupert. de Glor. Filij Hom. in princip.* *ascendit*; resolvera-se o seu amor a subir, mas arepugnancia não se pode dissimular; voou, que isso viraõ os olhos, mas, ainda que voou sobre pennas dos ventos, voou com penas: *Volavit super pennas ventorum.* Isto, *Ps. 17. n. 11.* e muyto mais que isto passava naquelle amante coraçaõ antes de romper em huma ausencia tão terribel, que para o coraçaõ do amante não ha caso mais cruel: *Nihil*

durius

Sylv. in Evãgel. tom 5. lib. 9. c. 2. n. 102. *durius amanti, quàm ab amato sejungi*: e como neste caso havia circunstancias, que difficultavaõ mais adeliberação, que na morte, claro està que por esta parte mayor fineza foy em Christo ausentar-se, que morrer.

SEGUNDA PROPOSIÇAM.

A nossa utilidade na ausencia do Verbo coroou, e prefe a mesma utilidade na sua morte.

145 COnfeçar a grande utilidade, que se nos seguio da morte de Christo, he obrigaçaõ não só do amor, mas da Fé; porèm, supposto que com os olhos fechados confeçamos as utilidades da morte, a olhos abertos se manifesta tambem a grande utilidade, que se nos seguio da ausencia; vamos ponderando humas, e outras ao lume da especulaçaõ, e da Fé. Primeyramente da morte de Christo se seguio a Redempçaõ do Mundo, que por Divinos decretos estava vinculada á morte; consistio a Redempçaõ formalmente em Christo nos livrar, e remir do cativeyro do demonio, a quem estavamos addictos pela culpa de consentir-mos no seu engano; e tambem em nos livrar da pena eterna, a que estavamos condenados pela Justiça Divina, em castigo da mesma culpa; nisto consistio formalmente a Redempção: e que he o que se seguio da ausencia? Primeyramente seguio-se destruir Christo não só o cativeyro, mas os tyrannos, levando maniatados no seu triunfo o demonio, e o inferno; assim o cãtou David figurativamẽte, assim disse expressamente o Apostolo S. Paulo, segundo o grande Jeronymo, Chrysostomo, Theofilato, Vatablo, e outros: *Ascendens in altum captivam duxit captivitatem.*

D. Thom. 3. p. q. 48. a 4. Suar. in 3. p. tom. 1. disp. 4. per tot.

Ad Ephes 4. n. 8. Hier. Chrysost. & alii apud A. lap.

146 Em

146 Em segundo lugar, se da Redempçaõ se nos seguio a saude, e salvaçaõ eterna, tambem a ausencia cooperou para a nossa saude, pois, como bem provaõ com S. Thomás os Theologos, a Ascensaõ de Christo foy causa da salvaçaõ dos homens: *Ascensio Christi est causa nostræ salutis*; em terceyro lugar, se pela Redempçaõ nos foraõ abertas as portas do Ceo: *Habentes itaque fiduciam in introitu Sanctorum in Sanguine Christi*, na Ascensaõ naõ só nos fes Christo o caminho para a Gloria: *Ascendit ante eos pandens iter*; mas dentro na mesma Gloria nos preparou os lugares, como disse o mesmo Senhor, quando se apartou de nòs: *Quia vado parare vobis locum*: Mais, pela Redempçaõ ficàmos capazes de todos os dons celestes, porèm esses naõ os podiamos receber sem Christo se ausentar; por isso disse o mesmo Senhor que, se elle naõ partisse, o Espirito Santo naõ havia de descer: *Si enim non abiero, Paraclitus non veniet ad vos*; entrando a repartir os dons na mesma Ascensaõ: *Ascendens in altum...: dedit dona hominibus*. Mais, pela morte nos reconciliou Christo com seu Eterno Pay justamente vingativo, e pela ausencia ficou sendo nosso Advogado, orando continuamente por nòs, naõ só *interpretative* fazendo prezentes os seus merecimentos, mas *formaliter, & expressè* pedindo, orando, e rogando como fundado no literal das Escrituras dis a melhor Theologia; finalmente pela Redempçaõ ficàmos livres da pena eterna, mas a nenhum ficou a salvaçaõ infallivel, que para isso, como dis com os Theologos o Padre Vieyra, naõ basta a Crus de Christo, se nòs naõ levarmos a nossa: na ausencia porèm com a descida do Espirito Santo sobre os Apostolos ficàraõ estes confirmados em graça, e seguros por isso mesmo da sua salvaçaõ; com a graça reparada

D. Thom. 3. p. q 48. a. 1. & 6. idem 3. p. q. 57. a. 6.

Ad Ephes. c. 10 n 19.

D. Thom. 3. p. q. 49. a. 5.

Mich. 2.

Joan.

Joan. 14. n. 2.

Ep. Ad Ephes c. 4. n. 8.

D. Thom 3. p. q. 49. a 4.

Suar de Incarn. disp. 45. S. 2 porto 1.

Vieyr. tom. 12. D. Thom. 3. p. 49. a 3.

Chrisost. Ambros. & Scolastic.

A lap in Acta Apostol. cap. 2. ✠. 5.

parada na morte; todos os Apostolos se podiaõ salvar; com a graça, que os confirmou na ausencia, nenhum Apostolo se podia perder: estas saõ em summa as utilidades, que se seguirão de huma, e outra fineza; quaes dellas fossem mayores eu não quero resolver, façaõ-no os Theologos, que pela melhor sentença estarey sempre, tenàs porèm em que as finezas do amor se naõ devem medir nem pelos custos do amante, nem pelas utilidades do amado.

Propõe-se o quarto argumento.

147 NA opiniaõ de que a morte foy a mayor fineza de Christo, argumenta a R. Senhora em quarto lugar, e dis assim: Aquella fineza, q̃ o amante dezeja se imprima na memoria do amado, he a que tem por mayor; Christo dis: Lembrayvos de que morri: *Quotiescumque feceritis, in mei memoriam facietis*; e naõ dis lembrayvos de que vos creey, de que encarney, &c. Logo a mayor fineza foy a morte. Galante Syllogismo na verdade! Na arte de Aristoteles para o Syllogismo ir direyto, ha de o sujeyto da mayor ser o predicado na menor; aqui senaõ observa tal cousa, antes contra toda a regra se tira huma conclusaõ alhea das premissas; naõ posso deyxar de desculpar à Reverenda Senhora na desordem do Syllogismo proposto, porque, se o quizesse reduzir à arte, necessariamente havia de ser heretica a proposiçaõ da menor; eu o mostro formando o Syllogismo segundo a figura: aquella fineza, que o amante dezeja se imprima na memoria do amado, he a que tem por mayor; Christo só dezeja que nos lembremos da sua morte, e naõ da sua Encarnaçaõ, nem da Creaçaõ, nem da Eucaristia, &c. logo a morte foy a mayor fineza de Christo. A me-

148 A menor deste Syllogismo bem se vè que he contra o sentir da Igreja, aqual em nos recomendar, e reprezentar cada anno as finezas, e mysterios de Christo, mostra q̃ o mesmo Christo dezeja, e se agrada igualmente de que nos lembremos da sua morte, que da sua Encarnaçaõ; e, se este he odezejo de Christo à cerca das mais finezas, não vejo eu porque deva darse preferẽcia à morte: mas vamos ao que podia intentar a Reverẽda Senhora fundada nas palavras de Christo, do qual se le que pedio especialmente memorias da morte, e advirto que naõ he no Texto, que ella refere: *Quotiescumque feceritis, in mei memoriam facietis*: porque aqui só pede Christo lembrança de si mesmo, *mei*, e não da sua morte, que para isso estão as outras palavras: *Quotiescumque enim manducabitis panem hunc, & calicem bibetis, mortem Domini annuntiabitis donec veniat*; assentando porem que Christo recomendou expressamente as memorias da sua morte, o que se não lé das outras finezas, digo que daqui se não infere bem que a morte he a mayor fineza de todas. Ep. 1. ad Cor. c. 11. n. 26.

149 De maneyra q̃ a R. Senhora esquecida da boa fórma de arguir em todo este papel, como se as suas proposições fossem principios, ou Axiomas, no las propõe simplesmente, destituidas naõ só da authoridade, mas da razaõ; pelo que entrey já no pensamento de lhe negar tudo sem ajuntar razaõ, nem allegar Texto: prove pois que aquella fineza, de que o amante pede expressamente a memoria, sempre he a mayor de todas, porque eu ainda nas letras Divinas não acho que a mayor he a que expressamente se recomenda à memoria, provo em termos. Duas vezes na opinião mais seguida dos Padres ungio a Magdalena a Christo, a primeyra no principio da sua converlão, a segunda seis dias antes da Dubitant aliqui an fuisset eadem. Luc 7. n. 26. Joan.

Payxão de Christo; ambas estas uncções forão filhas do seu amor, e finezas do seu affecto; com tudo avaliãdo o Senhor por mayor fineza a primeyra uncção: *Dilexit multum*, de sorte se empenhou na memoria da segunda, que igualmente pertendeu a extensaõ do Evangelho, e a memoria da fineza: *Ubicumque prædicatum fuerit hoc Evangelium in toto Mundo, dicetur, & quòd hæc fecit in memoriam ejus.* Aqui temos huma fineza cuja memoria recomendou Christo expressamente, e com tudo não foy tão grande, como a outra, que o Senhor avaliou por mayor: *Dilexit multum*: logo nem sempre he a mayor de todas aquella, cuja memoria expressamente se recomenda.

Matth. 16. n. 13.

150 Caso pòde haver, em que assim seja, mas dahi não se segue que sempre he assim, porque de huma particular não se infere huma universal; o tempo, as circunstancias, e talves o gosto do amado podem ser causa da expressaõ da fineza; tudo temos na Escritura: quando a Esposa mandou notificar ao seu Espozo pelas filhas de Jerusalem os termos do seu affecto, só lhe pedio a lembrança dos seus deliquios: *Adjuro vos filiæ Jerusalem ... ut nuntietis ei quia amore langueo*; e porque mais desta, que de outras finezas fas a Esposa memoria expressa? Porque esta entre todas, como dis o Alapide, era para o seu Espozo de mais agrado: *Languor hic Deo gratissimus est: unde Sponsa nil aliud Sponso nuntiari jubet, quàm amore langueo.* Como quer pois que a expressaõ das finezas possa ter causa ou no gosto do amado, como na Esposa; ou no credito da amante, como na Magdalena, não se deve inferir que a mayoria da mesma fineza he a unica causa da sua expressaõ; e muyto mais no caso, em que estamos, pois nos consta do dezejo de Christo que igualmente o tem da lembrança

Cant. c. 5 n. 8.

Alap. ibi.

brança da morte, que das outras finezas, em cujos termos tem lugar o Axioma de Direyto, que do tacito, e do expresso manda fazer o mesmo juiso.

L. cum quid D. si Certum pet. L. si filius fam. D. cod. L. ult D. de leg. 2. L. item quid D. de Pact. L. ult. C. qui bon. cedere possunt

151 Mas já nos chama à mais renhida batalha, a censura da Reverenda Senhora sobre a proposição do Padre Vieyra; dis este que Christo compra no Sacramento cada prezença com huma morte; ella porém dis pelo contrario; isto he, que compra a morte com a presença, porque tem a presença para lembrarnos a morte; no que parece mostra a Reverenda Senhora não profundar este ponto, como costuma: porque se naõ pòde duvidar que o intento de Christo na instituiçaõ da Eucaristia foy deyxarse com nosco para mitigar a nossa tristeza na falta da sua prezença natural: *Ut de sua contristatis absentia remedium singulare relinqueret: in mei memoriam facietis*: logo tudo o que se seguio á mesma prezença principalmente intentada, foraõ consequencias della; para melhor intelligencia desta materia he preciso recorrer a mais altos principios. Reparáraõ os Theologos, e Doutores nas significações, nos effeytos, e nas propriedades deste ineffavel Mysterio, e não podendo com hum só nome explicar tudo, lhederão differentes nomes; respeytando a materia precedente, lhe chamão humas vezes absolutamente Paõ, outras Paõ de vida, Paõ do Ceo, Manjar verdadeyro, e Sustento Espiritual, o que tirárão de David, de S. Joaõ, de S. Paulo, da Igreja, e de Santo Ignacio, q̃ lhe chamaõ Paõ Celeste, Paõ de Deos, Paõ dos Anjos, Sustento dos Viadores, pertencendo tambem aqui o nome de Cea do Senhor, que lhe dá o Apostolo, e o de Banquete, que lhe dá Tertulliano.

Ps. 77. n. 20. Ep. 1. ad Corint. c. 10. n. 16. Joan. 6. n. 31. D. Ignat. Ep. 14. e 15. Tertul. lib. ad Uxor. Math. 22. n. 4. Apoc. 9.

152 Respeytando a unidade da Igreja não só symbolizada, mas effeytuada por este Mysterio, lhe chamão

Ep. 1. ad Cor. 10. Act. Apost. c. 2. n. 42. Trid. S. 13. c. 8. Ignat. Ep. 14. ad Ephes. Cyprian. ad Cler. Rom. Ep. 10. 2930. Niceph. lib. 4 Histor. c. p. 39. Euseb. l. 5. c. 14. Damascen. lib. 4. c. 14. Aug. apud Bedam in 1. ad Cor. c. 10. c. Quia passus. Chrys. Hom. 45. in Joan. Aug. de pec. mor. c. 14. Damasc. supra. Ignat. supra. Div. Thom. 3. p. q. 73. a. 4. Iren. lib. 6. c. 34. Just. Apol. 3. Hier. in Amos 4. Cyr. Ep. 10. contra Nest. Cyprian. lib. de lapsis. Div. Thom. sup. Trid. S. 13. cap. 6. Carth. 4. cap. 27. & 78. Tol. 1. Can. 14.

Cōmunhão, tirando-o de S. Paulo, e do cap. 2. dos Actos dos Apostolos, e por este respeyto os Padres do Concilio Tridentino chamàraõ a este Sacramento sinal de unidade, vinculo da pàs, symbolo da concordia, o mesmo disseraõ Sãto Ignacio, e S. Cypriano, em cujas obras aquellas palavras *dare pacem lapsis*, valem o mesmo que dizer os admitaõ à Cōmunhão, donde naceu aquelle antigo costume de mandarem os Summos Pontifices a Sagrada Eucaristia aos Bispos, que chegavão a Roma, como reffere Niceforo, e se pòdem ver S. João Damasceno, Sãto Agostinho citado por Beda, e o capitulo: *Quia passus de Consecratione, distincção primeyra*: com attenção a outros effeytos, que saõ copiosissimos, lhe chamão muytos a fonte dos bens, vida, remedio da morte, e antidoto da mortalidade, como se pòde ver em Chrysostomo, Agostinho, Damasceno, Santo Ignacio, e outros: Alguns Theologos em razão da gloria futura, que o Sacramento symboliza, ou por conter a Christo, como outros querem, ou por ser instituido em acção de graças, ou pella conferir, e augmentar, lhe chamão *Eucharistia* palavra Grega, que significa boa graça, e acção de graças, como se pòde ver em Santo Thomàs, S. Ireneu, S. Justino, S. Jeronymo, S. Cyrillo, S. Cypriano, e outros muytos.

153 Tambem se chama Viatico em razão de nos alentar no caminho da Gloria, o q̃ se pòde ver em Santo Thomàs, e nos Concilios Tridentino, Carthaginense, e Toletano: em fim chama-se Sacramento, e Sacrificio; Sacramento pela real prezença de Christo, que alli està; e Sacrificio em razão da Payxão, e morte do mesmo Christo, que reprezenta, e symboliza, como dis Santo Thomàs, e se mostra do *cap. Multi caus. 1. q. 1. do cap. Omnia de Consecratione, dist. 2.* e o dis expressamente

a Igreja: *Passionis sua memoriale perenne*: *Recolitur memoria Passionis ejus*. De sorte que o mesmo Sacramento da Eucaristia, segundo os differentes effeytos, significações, e propriedades, tem differentes nomes; e assim que a razão de differença entre os dous nomes sacrificio, e Sacramento naõ argue no mysterio mais differença, que a da razão; isto supposto, se o intento de Christo na instituição da Eucaristia fora, como cuydou a Reverenda Senhora, a razão de sacrificio, isto he, lembrarnos a sua morte, dizia ella muyto bem que comprava a morte com a prezença: porèm, como o intento principal de Christo na instituição do Sacramento foy a razaõ de Sacramento, isto he, ficar prezente com nosco: *In mei memoriam*, dis melhor o Padre Vieyra que cada prezença lhe custa huma morte, porque naõ duvida sujeytarse ao sacrificio depois que consegue a prezença. D. T. Thom. sup. a. 4 cap. Multi, cap. Omnia.

154 Para Christo nos deyxar memorias da morte não era necessario Sacramentarse, por outro qualquer modo nos podia despertar a lembrança; mas para ficar com nosco partindo para o Ceo, havia de Sacramentarse necessariamente, por isso o fes, e não em outra occasiaõ, senão nas vesperas, e consideraçaõ da partida: *Ante diem festum Paschæ sciens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc Mundo*; este, e não outro foy o primario fim da Eucaristia supprir a prezença na sua falta, e remediar a falta na sua ausencia; profundamente o Apostolo S. Paulo: *Quotiescumque enim manducabitis panem hunc, & calicem bibetis, mortem Domini annuntiabitis donec veniat*, todas as vezes que comerdes este Paõ, e beberdes este Caliz, annunciareis a morte do Senhor atè que venha. Ep. 1. ad Corinth. c. 11. n. 16.

155 Nestas ultimas palavras he que reparo; se o

Apostolo, argumento assim, naõ póde negar que a memoria da Payxão he louvavel ainda depois da vinda de Christo, como a manda annunciar sómente atè Christo vir: *Donec veniat?* De sorte que havemos sómente de repetir a Eucaristia atè que tornemos a ter prezente a Christo? Sim, porque com a sua prezença natural tem cessado o fim principal do Sacramento, que não foy outro mais que huma substituiçaõ da quella prezença, e como a substituição na censura de Direyto, cessa em quanto a instituiçaõ dura, por isso, como bem inferem os Theologos, ha de acabarse o Sacramento com a vinda de Christo; a causa daquelle mysterio não foy outra que a sua ausencia; logo com a sua prezença ha de cessar o mysterio: *Donec veniat.* Vejaõ agora lá se o intento de Christo na instituição do Sacramento foy lembrarnos a morte, ou deyxarse prezente: se fora o lembrarnos a morte, não havia motivo para o Sacramẽto cessar depois de Christo vir, porq̃ ainda depois de vir tem lugar a lembrança da morte; como porém o motivo principal foy a substituição da prezença, por isso com razaõ á vista da prezença cessarà o Sacramento: quando a razaõ da ley cessa, dispõe o Direyto que cesse a ley; este foy o motivo, porque a Ley de Christo divulgada por S. Paulo à cerca do uso da Eucaristia obriga sómente até á vinda do mesmo Christo: *Donec veniat*, pois com a sua vinda tem cessado o fim principal, que ordenou a dita Ley: *Licèt enim*, dis o Amaral, *illam primò instituerit ad solatium eorum, quos relinquebat, suæque absentiæ remedium.*

Div. Thom. in Ep. ad Cor.

L. in omni. D. d. Adop. ubi Barthol. L. quòd dictum, D. de Pact. L. fin. ad Syllan. L. si marit. D. ad L. Jul. de Adult. L. Adigere, D. de Jur. Patr. c. Et si Christ. D. de Jur. jur.

Amar in Magn. ad V. 2. n. 77.

156 Que bem acreditou o mesmo Senhor esta verdade na segunda occasiaõ, em que se Sacramentou, que foy no castello de Emmaùs; em toda aquella jornada não tomou Christo a resoluçaõ de Sacramentarse,

tanto que chegou ao castello, toma o paõ nas maõs, e Sacramenta-se no paõ, e o que mais he; dizer o Texto q̃ tanto que Christo se Sacramentou, desapparecera logo na sua prezença natural: *Et ipse evanuit ex oculis eorum:* Senhor meu, esperay hum pouco, que agora se me acende mais o dezejo de praticar com vosco; não, naõ posso determe, dis Christo, porque quero dar lugar ao Sacramento da Eucaristia; he este Sacramento instituido para a minha falta, e se eu me detiver, por força ha de o Sacramento cessar; porisso me não Sacramẽtey em toda ajornada, senão no castello; na jornada naõ, porque era super fluo, estando com vosco; no castello sim, porque me aparto de vòs: *Et ipse evanuit ex oculis eorum.* Luc. 24. n. 31

157 As saudades de Bello, como notou o Padre Vieyra, introdusiraõ no Mundo os retratos; foy o Sacramento da Eucaristia, digamollo assim, hum como retrato sellado pelo Padre Eterno: *Hunc enim Pater signavit Deus*; paraque impresso no coraçaõ da sua Esposa a Igreja: *Pone me ut signaculum super cor tuum*, pudesse a mesma Esposa socegar as ansias do seu mesmo coraçaõ: diga-se logo que este foy o principal intento de Christo na instituiçaõ deste Mysterio, e sayba-se que só pór ficar vivo com nosco no Sacramento, naõ reparou em comprar a prezença à custa do sacrificio. Vieyr. p. 9. Joan. 6. n. 27 Vieyr. tom. 5. f. mih. 237

Refuta-se a primeyra confirmaçaõ deste argumento, e se mostra contra a Reverenda Senhora que a mayor fineza nem sempre he aquella, que se ostenta, e se repete.

158 AQuella fineza, dis a Reverenda Senhora; que o amante ostenta, e repete, he a que tem por mayor; Christo repete, e ostenta a fine-

za da morte, e naõ outra: logo a morte he a mayor fineza. Aqui temos a mayor sem prova, e hũa menor improvavel; contra a mayor deste Syllogismo argumento assim. Mayor fineza foy em Christo darnos no Sacramento a sua Divindade, do que o seu Corpo, e a sua Alma, esta he evidente; *sed sic est*, que na instituiçaõ do Sacramento calla Christo a fineza de nos dar sua Divindade, e só ostenta a fineza de nos dar o seu Corpo: *Hoc est Corpus meum*: logo a fineza, que se ostenta, nem sempre he a mayor; para refutar a menor, pergunto à Reverenda Senhora, aonde repete Christo a sua morte? Se me disser que no Sacramento, contra, que no Sacramento està Christo impassivel, e da morte, como de toda a Payxão, sómente se fas memoria: *Passionis suæ memoriale perenne*, havendo para este caso tambem o Texto de S. Paulo, pelo qual confeçamos todos que Christo huma só ves morreu: *Semel mortuus est Christus*.

Ep. Beat. Petri Ap. 1. cap. 3. n. 18.

159 E se me replicarem que a Reverenda Senhora só quer dizer que Christo no Sacramento nos repete a memoria da morte, tenho contra isto que no mesmo Sacramento nos tras Christo à memoria a sua ausencia na prezença vizivel, pois se deyxou invizivel naquelle Mysterio; e por este principio não leva a morte ventajem á ausencia, pois ao mesmo passo que se repete a memoria de huma, tambem se reitéra a lembrãça da outra; quãto mais que, se pela repetiçaõ da fineza se houvera de arguir a sua mayoria, claro està que só a ausencia, e o Sacramento puderaõ pleytear esta preferencia; a ausencia sim, porque antes de Christo subir ao Ceo repetio por vezes a ausencia dos seus amados, nas primeyras por horas, nas segundas por dias, e na ultima por seculos; o Sacramento tambem, porque

depois

depois de Sacramentarse na Hostia, se Sacramentou outra ves no Caliz, e, o que mais he, que em qualquer parte da Hostia se nos repete, porque alli o temos todo em qualquer parte, naõ só depois da divisaõ, como querem alguns Theologos, mas ainda antes della, como quer a melhor Theologia. D. Bonav. Alens. Altisiodor. Div. Thom. Goneth. et cæteri Thom.

160 De maneyra que nem sempre saõ mayores as finezas, que se repetem, ou se ostentão, e quando o fossem, naõ se verifica isto na morte, porque o Sacramento naõ he da morte mais que memoria, e o intento principal de Christo na instituiçaõ deste Mysterio naõ foy ostentar o sacrificio, mas supprir a prezença natural: passemos à outra confirmaçaõ.

Refuta-se a segunda confirmaçaõ, e se convence que no Sacramento da Eucaristia recopilou Christo as suas finezas, mostra-se ultimamente que o verdadeyro amor sempre dissimula o que fas.

161 AS mais finezas de Christo, dis a Reverenda Senhora, se referem, porém naõ se reprezentaõ; a morte refere-se, recomenda-se, e reprezentase, logo he a mayor: já naõ olho para a forma, nem para as consequencias, senaõ para as premissas. Primeyramente dizer que as mais finezas de Christo não se reprezẽtaõ no Sacramẽto he asserçaõ, q̃ encontra o Texto de David na sentença commua dos Padres; argumento de naõ ser muy segura a dita asserçaõ, como se colhe do Tridentino, e o reprova o cap. *Nè innitaris de Constitutionibus*; dis pois o Real Profeta que o Sacramento da Eucaristia he hum compendio das finezas, e maravilhas do Verbo: *Memoriam fecit mirabilium suorum .... escam dedit timentibus se* porq̃ na Thid. S. 4. cap. Nè innitaris Plas. 110. n. 6.

Euca-

Eucaristia, (expõe com os Padres o douto Lorino, q̃ na exposiçaõ de David melhor que todos profundou a letra) na Eucaristia, dis, incluhio Christo tudo quanto há maravilhozo nas suas obras: *In Eucharistia in esse*
Lor.ibi. *quidquid in aliis operibus mirabile est*; e o nosso Sylveyra discretamente concluhio q̃ na Eucaristia recopilou Christo todos os seus extremos: *In eo enim tanquã*
Sylveyra. *in compendio recapitulavit omnia sua magnalia.* Pudera começar pelo Testamento velho, e discorrer pelas finezas de Deos naquella idade; mas contento-me com mostrar o que digo, discorrendo sómente pelos mysterios da Ley da graça: vedes aquella fineza jà mais imaginada de unirse à humanidade o mesmo Verbo, resultando de duas naturezas taõ distantes, e taõ distinctas huma Pessoa só? Pois isso, que passa na Encarnaçaõ, he o que passa no Sacramento, ao qual chamou Chrysostomo complemento da Encarnaçaõ; lá fes-se Deos homem, cà o homem transforma-se em Deos; là subsistio a humanidade pela subsistencia do Ver-
Joan.6.n.58 bo, cá vive o homem pela vida de Christo: *Qui manducat me, & ipse vivet propter me:* mas naõ nos detenhamos em chegar a Belem a ver o que passa dentro em huma lapinha: sobre palhas quem merecia purpuras! Entre brutos o Monarca dos Anjos! e redusida toda a immensidade de Deos à limitada esfera de hum menino! Mas isto mesmo he o que se reprezenta no Sagrado mysterio da Eucaristia, aonde na breve esfera de huma Hostia se adora toda a Divina Immensidade.

162 Parece que o mesmo Ceo quis no Nacimento do Verbo introdusir o mysterio do Sacramento; por isso o determinou em Belem, que quer dizer caza de paõ figura da Eucaristia, e a mesma Igreja, como fiel interprete dos pensamentos Divinos, ajun-

tou

touhum, e outro mysterio, vendo a correspondencia, que faziaõ hum a o outro: *Nobis datus*, *nobis natus*; aquella resoluçaõ voluntaria, com que o mesmo Christo sem estar obrigado à Ley nos deu na Circuncisaõ o seu sangue; figura se exactamente no excesso, com q̃ instituindo a Eucaristia nos dà o seu Sangue em hum Calix; là tomou o nome de Jesus, a q̃ o Profeta chama memorial do Verbo: *Nomen tuum, & memoriale tuum*: Isai.26.n.8. porque viria tempo, em que recopilasse em hum mysterio toda a memoria das suas finezas: *Memoriam fecit mirabilium suorum*: passo pelos mysterios da Payxaõ, e da Crus, que Christo quis fazer lembrados no Sacramento, e passando ao mysterio da Resureyçaõ, quem poderà duvidar que se symboliza na Eucaristia? A mim me parece que este foy o pensamento de Christo, Sacramentando-se em paõ asmo, que se chamava Pascal, por ser do uso daquelles dias; e creyo que pela boa correspondencia deste dous mysterios logo que o Apostolo falou na Reusrreyçaõ falou juntamente da Eucaristia: *Etenim Pascha nostrum immolatus est Christus. Itaque epulemur....., in azymis syncerit atis, & veritatis*, por isso, aindaque no Sacramento deyxou Christo memorias da sua Payxaõ, ficou nelle segundo o estado, em que ressuscitou, isto he, impassivel, e immortal. 1. ad Cor. c. 5. n. [illegible]

163 Finalmente a Ascensaõ parece que teve por idèa o Sacramento; là sobe Christo da Terra ao Ceo para estar com os Anjos, assim como desce o Paõ dos Anjos do Ceo à Terra para estar com os homens; para o Ceo sobe Christo em carne, para a Terra desce Christo em Pão, mas Paõ, que he carne verdadeyra de Christo. O certo he que o Sacramento foy hum como-

teme-

remedio da Afcenfaõ, porque a fua Afcenfaõ ao Ceo foy a caufa de fe deyxar facramentado na Terra: mais me detivera na exornaçaõ defte difcurfo, fe o naõ tivera feyto muyto primeyro que eu o Padre Amaral da Companhia naquelle feu erudito Cõmentario ao Cantico da Senhora: Vejaõ-fe os Expofitores ao verfo de David já referido; o Padre Sylveyra em muytos lugares, principalmente no Tomo 3. fobre os Evangelhos; o erudito Manzi na fua douta Bibliotheca, e Saõ Cyrillo ao Evangelho de S. Joaõ, aonde facilita a crença defte Myfterio, recontando os prodigios da ley antigua, e efta foy a razaõ, porque o Real Profeta entrou a narrar todas as maravilhas, e finezas de Deos tanto que chegou à Menza da Eucariftia; porque de forte fe reprezentaõ naquelle prodigio os mais prodigios, que a fua efpeculaçaõ he hum compendio das maravilhas de Deos: *Circundabo altare tuum Domine, ut audiam vocem laudis, & enarrem univerfa mirabilia tua*; e aqui verá a Reverenda Senhora como naõ fó a morte, mas todas as finezas de Deos fe reprezentaõ, e recomendaõ no Sacramento.

Amar. in Magnif. ℣. 8. ex curf. 5.

Sylv. tom. 3.

Manz. Verb. Echarift. difcurf. 52.

Cyril. in Joan. lib. 4.

Pal. 25. n. 6. & n. 7.

164 Mas, cafo negado que Chrifto recomendaffe, e reprezentaffe na Eucariftia fómente a fineza da morte, naõ he efte o principio, por onde fe convence que a morte he a mayor fineza; fundome em huma advertencia do Profeta Sofonias, que falando de Deos, e do feu amor, dis que nefta materia obferva o mefmo Deos hum grande filencio: *Silebit in dilectione fua*. Eu ao menos fempre tive para mim que as finezas do amor haõ de fer como os rayos do Sol, quanto mais encubertas, mais intenfas, quanto mais disfarçadas, mais finas; haõ de fazer as finezas obrigando o que as fettas dos Parthos offendendo. Os Parthos tanto que atira-

Sophon. a c. 3. n. 17.

vaõ as settas voltavaõ as costas; finezas recomendadas parecem vendidas, e o amor naõ he para vendido; senaõ para vendado: *Murenulas aureas faciemus tibi, vermiculatas argento*, dizia o Espozo Divino à sua Esposa, hey de fazervos humas arrecadas de ouro com esmaltes de prata. Galante artificio por certo! Mas isto costuma o amor quando he heroyco, nos rebuços de huma prata sem liga encobre a fineza do ouro sem fezes, e taõ longe està de encarecer o que obra, que desfas no que fas. Aonde a Vulgata tem: *Vermiculatas argento*; tem o Hebreo: *adoreis argenteis*: obreas de prata; porque no rebuço da prata daquellas obreas consagradas, consiste huma grande fineza do Sacramento. Cantic. 1. n. 10. Aliqui ex Heb.

165 Tudo nos deu Christo no Sacramento da Eucaristia, deu nos o Corpo, Sangue, a Divindade, e a Alma; mas he de notar que, dandonos tudo isto, só fas memoria do Sangue, e mais do Corpo: *Hoc est Corpus meum. Hic est enim Sanguis meus*. E porque só do Sangue, e do Corpo fas Christo memoria? Duas razões me occorrem, a primeyra he, porque o Corpo, e o Sangue he o menos que nos dà no Sacramento, e o verdadeyro amãte ou nũca fala, ou naõ fala no mais: a 2. razaõ, e genuina he, porq̃ de tudo quãto Christo nos dà no Sacramento só o Corpo, e o Sangue recebeu Christo de nòs: *De nostro assumpsit*: quem torna o que recebe, ou paga, ou restitue, e disfarçar cõ a restituiçaõ a excellẽcia da data he artifficio de engrãdecer a fineza; por isso naõ fala Christo no que dá de si, senaõ no que recebeu de nos, encobrindo de sorte o amor, que naõ quis se percebesse a fineza: *Quod de nostro assumpsit, totum nobis contulit*. Agora se entenderá aquelle segredo verdadeyramente Divino, com que o Verbo tanto que por nosso amor começou a obrar finezas, se foy de cada Matth. 26. n. 26.

vez

ves escondendo mais, na Encarnaçaõ encobrio a Divindade com a nossa natureza, no Sacramento occultou a mesma natureza debayxo dos accidentes de paõ, affectando de maneyra este seu retiro; ou disfarce, que por bocca do mayor Profeta quis darse a conhecer pela Antonomasia de Deos escondido: *Verè tu es Deus* Isai.45.n.15.
absconditus.

166 O caso he, que assim como a excellencia da Rhetorica consiste em disfarçar a arte, assim tambem a prerogativa do amor consiste em dissimular a fineza; a fineza da Rhetorica consiste nas palavras, e a Rhetorica das finezas cõsiste no silencio: *Silebit in dilectione sua*: não se infira logo que a morte he a mayor fineza, por se recomẽdarem sómente as memorias da morte; ao menos he sem duvida que naõ foi este o prejecto de Christo naquella recomendaçaõ, porque o seu intento, fazendo a morte lembrada, naõ foy encarecer a fineza, mas segurar a confiança; naõ foy encarecer a fineza, porque só cuydava no nosso remedio, e quem trata do remedio, naõ olha para a despeza; foy segurar a confiança, porque naõ pòde viver desconfiado quem tiver na memoria a Christo morto; altamente meu grande Padre S. Agostinho exclamando nesta fórma com os olhos em Christo Crucificado: *Grande spectaculum! Si spectet impietas grande ludibrium, si pietas, grande mysterium; si spectet impietas, grande ignominiæ documentum, si pietas, grande fidei munimentum*: S. Boaventura dis o mesmo: *Vult semper à nobis amari, & confidentiam in eo collocari*; e eisaqui porque intenta Christo as memorias da sua morte, naõ para exaggerar a fineza, mas sim a piedade.

Aug.tr.117. in Joan.

Bon. in 1. dist. 17. dub. 4.

167 Porèm vamos à conclusaõ de todo este discurso, na qual dis a Reverenda Senhora hũa coysa taõ notavel,

que eu a passára em silencio a naõ ser taõ digna de nota: dis que só na morte senaõ reprezenta o Sacramento da Eucaristia, e que isso he pelo Sacramento da Eucaristia ser huma reprezentaçaõ da morte; a razaõ he divertida; como se todos os Sacramẽtos naõ fossem reprezentaçaõ da morte, como dis S. Thomas; mas vou ao que agora accrescenta, e isto mesmo, dis ella, prova ser a mayor fineza, pois, sendo o Sacramento huma fineza taõ grande, naõ he mais que huma reprezentaçaõ da morte; nestas ultimas palavras reparo. Se a Reverenda Senhora quer dizer que no Sacramento da Eucaristia naõ ha da morte mais q̃ a reprezẽtaçaõ, dis muyto bẽ; mas sequer dizer que o Sacramento he sómente reprezentaçaõ da morte, a tal proposiçaõ não só he falsa, mas heretica, porque o Sacramento da Eucaristia importa a prezença real de Christo, e eisaqui o que he, Deos taõ real, e verdadeyro como he em si; e tudo o mais, que no Sacramento se considera à lem deste prezença, ou he por effeyto, ou por significaçaõ, ou por Allegoria, ou por Meta fora.

Vid Suar. de Sacram. disp. 46. S. I.

Convencem-se as repostas, que às proposições do Padre Vieyra dà a Reverenda Senhora.

168 REfutados os argumentos, seguem-se as repostas; assenta a Reverenda Senhora primeyramente com o Padre Vieyra que Christo amou mais aos homens, que a sua vida, porque deu a vida por amor dos homens; nega porem o supposto de que Christo se ausentasse de nòs, e para provar esta negativa usa do mesmo argumento do Reverendo Padre, e dis assim: Christo sentio tanto a ausencia, e taõ pouco a morte, que, dilatando o remedio da morte atè o tercey-

terceyro dia, anticipou o remedio da ausencia hum dia antes; dilatou o remedio da morte até o terceyro dia porque no terceyro dia he que Christo resuscitou; anticipou o remedio da ausencia hum dia antes, porque antes de se ausentar instituhio o Sacramento; pois, se a ausencia jà estava remediada, claro està que naõ podia Christo sentilla, pois he certo que naõ houve instante, em que Christo estivesse ausente; esta he a reposta, daqual se està vendo que a Reverenda Senhora naõ entendeu o Padre Vieyra, e o caso he, que ao Padre Vieyra só quem o não entender o pòde refutar; mas para que se veja a facilidade, com que se resolve esta duvida, observem-se as duas prezenças de Christo, a natural, e a Sacramẽtal, e cõ essa reflexaõ està desfeyto o argumẽto.

169 De sorte que Christo na instituiçaõ do Sacramento remediou a ausencia, e naõ remediou a ausencia; remediou a ausencia quanto á falta, mas naõ remediou a ausencia quanto à ansia: remediou a ausencia quanto à falta, porq̃ alli temos a Christo prezẽte; naõ remediou a ausencia quanto à ansia porq̃ supposto està prezente, està escõdido; a sua prezẽça natural, em q̃ nos via, e o viamos, naõ ficou remediada, porq̃ a prezença Eucaristica naõ cõsente o uso dos olhos; e, como a prezença Sacramental naõ remedea a saudade da prezença natural, esta falta he que Christo sentiò, porque, segundo os seus decretos, naõ tinha remedio, pois estava determinado que se fosse: *Iterum relinquo Mundum.* Neste mesmo papel, como logo veremos, confeça a Reverenda Senhora que a dor, que hà na ausencia, he a carencia da vista do que se ama; diga-se pois que Christo remediou a ausencia, mas naõ socegou a dor; vamos com hum exemplo. Na tarde da Resurreyçaõ caminhavaõ com Christo dous Discipulos seus, e dis

Saõ

São Lucas, sendo hum delles, que hiaõ desconsolados, e afflictos pela falta de seu Mestre: *Ambulantes, & estis tristes*? Pois, se o Divino Mestre estava com elles, como choravaõ a falta? Porque o naõ viaõ: *Oculi eorum tenebantur nè eum agnoscerent*; viaõ aquelle homem em accidentes de peregrino, bem como nòs os accidentes daquelle Paõ; tinham no prezente, e choravaõ a falta; assim como nòs tendo-o com nosco sentimos a ausencia; porque Christo nem para nòs supprio a prezença natural, nem para elles se deu a conhecer na sua prezensa: mas vamos com o Texto a diante. Luc. cap. ult.

170 Chegàraõ os Discipulos na companhia de Christo ao Castello de Emmaùs, e Sacramentando-se o Senhor no mesmo paõ, que alli partio, e repartio com os Discipulos, dis o Texto que os Discipulos o conheceraõ no partir do paõ, isto he, como explica Maldonado, entaõ se lhes fes o Senhor patente: *Cognoverunt eum in fractione panis*; mas, ainda que o Senhor se lhes fes patente, nao dis o Texto que os Discipulos ficàraõ alegres, ou deyxàraõ a tristeza; e porque? Porque a esse tempo jà naõ viaõ o Senhor: *Evanuit ab oculis eorum*; ou, como tem o Grego, *invisibilis factus est*, ficou Christo invizivel; e como o amor naõ fica satisfeyto senaõ ve o que ama: *Amor quod amat non potest non videre*, que muyto continuassem os Discipulos na sua tristeza, ausentando-se o Amado da sua vista? Atè alli choravaõ a Christo morto, porque o naõ conheciaõ, agora porque o naõ viaõ estavaõ mortos: *Amor nisi ad desiderata pervaserit, necat amãtem*; aquelle *invisibilis factus est*, que se acha no Texto Grego, vem com toda a propriedade para Christo Sacramentado, porq̃ no Sacramento està Christo invizivel; temollo prezente, e ausente tambem; prezente quanto à existencia real Maldon. ibi. Ex Græco. Chrys. S. 147. Chrys. ibi.

debayxo dos accidentes de paõ, e ausente quanto à prezença natural, que subio ao Empyreo; e, sendo grande tormento estar ausente daquillo que amo, muyto mayor pena he naõ ver o que amo, estando prezente.

171 Aquillo (como bem discorre o Cesar Portugues, e com elle o Padre Vieyra) he sentir a ausencia na ausencia, isto he sentir a ausencia na prezença, e se atè nas palavras parece isto contradicçaõ, que violencia serà na vontade? *Non videre in præsentia, & non videre in absentia, quanvis sit eadem privatio, non est idem dolor, esse absentem, & non videre, est pati absentiam in absentia, at non videre, & esse præsentem est pati absentiam in præsentia; quòd si hæc in verbis contradictio est, quæ violentia erit in voluntate?* Que bellamente exprimio estes affectos a peregrina Agar nas soledades de Bersabè, olhava ella para o filho, que hia perecendo de sede, e lançando-o à sombra de huma arvore, dis o Texto que se apartàra delle pello naõ ver morrer: *Non videbo morientem puerum.* Esperay Agar, que estranho muyto esta vossa resoluçaõ, de sorte que vos ausentais de hum filho só pello naõ ver morrer? Para isso he escusada a ausencia, ficay com elle, e fechay os olhos, que assim poderà morrer sem que vòs o vejais: isso naõ, dis Agar, fechar os olhos para naõ vello, estando com elle, cousa he, que me naõ soffre o amor; haverá resoluçaõ para naõ vello, estando ausente, mas estando prezente deyxar de vello naõ he possivel; elle morrerà na minha falta; mas, se ficar com elle, he a morte minha: *Amor, nisi ad desiderata pervaserit, necat amantem.*

Vieyr. tom. 7.

Cæsar. Sugil. Ingrat. Ibib. 3. n. 694.

Genes. 21. n. 16.

172 Mas quero apurar mais esta reposta para refinar mais a pena do Verbo, he sentença commua dos

Padres que depois da cea atè a tarde da Resurreyçaõ faltou no Mundo o Sacramento, e dizem com Santo Thomàs os Theologos que, se algum dos Discipulos consagrasse naquelle triduo huma Hostia, poria nella a Christo morto, como na realidade estava: o que supposto, he sem duvida que por aquelle triduo esteve Christo ausente de nòs, e não só quanto à prezença natural, mas tambem quanto à Sacramental, porque em todo esse tempo faltou a Eucaristia; veja agora a Reverenda Senhora se chegou a verificarse em todo o sentido que Christo se ausentou: dirmehaõ que foy por taõ pouco tempo, quanto he o que vay da tarde da seista feyra atè à madrugada do Domingo; mas da hi mesmo se infere quanto he sobre todos terribel o mal da ausencia, pois, sendo de hum espaço taõ breve, foy tão sensivel ao amor de Christo. D. Thom. 3 p. q. 81. a 4.

173 Desvanecida esta reposta, segue-se outra da mesma farinha. Confeço, dis a Reverenda Senhora, que Christo se vay, porque nos importa, mas, sendo certo que se vay, he falso que se ausenta; e porque? Porque bem sabemos a infinidade das suas prezenças: discreto modo de responder na verdade. Eu bem creyo que a infinidade de prezenças, de que fala a Reverenda Senhora, he a Sacramental, porque a entenderse a proposiçaõ da prezença natural, tinhamos quasi resuscitada a seyta dos Vbiquetarios, que affirmavaõ ser immensa a humanidade do Verbo; mas, se a prezença, que se considera infinitamente multiplicada, he a Sacramental, a que proposito vem esta reposta para hum Texto, que fala da prezença natural? Se Christo se vay, como dis o Texto: *Expedit vobis ut ego vadam*, he certo que se ausenta, porque ir, e ficar naõ se pòde predicar da mesma prezença de Christo: logo naõ vem a proposito

responder com a prezença Sacramental à falta da prezença natural; em fim Christo ausentou-se quanto a esta prezença, e desta falaõ os Textos, os S. Padres, e o Padre Vieyra.

174 Convindo porém a Reverenda Senhora em que Christo se ausentou, intenta provar que he mayor o tormento da morte, que o da ausencia, para o que dis que com a mesma prova da Magdalena, de que usa o Padre Vieyra, quer provar o contrario do que elle prova. Chorou a Magdalena ao pè do Sepulchro, naõ vendo a Christo, mas naõ chorou junto à crus, vendo-o morto, e daqui se segue; dis ella, naõ q̃ a ausencia he mayor dor que a morte, senaõ o contrario, que a morte he mayor dor que a ausencia; prova o nesta fórma. Quando se recebe algum grande pezar, acodem os espiritos vitaes a soccorrer a agonia do coraçaõ, que vay desfalecendo, e desta retracçaõ dos espiritos provem a geral suspensaõ de todas as acçoes, e movimentos, que entaõ se termina quando a dor se modèra, porque, cobrando o coraçaõ novos alentos, entraõ a resolver se pelos olhos em pràtos aquelles mesmos espiritos, que dantes o confortavaõ, em final de que jà naõ necessita de tanto fomento como ao principio; donde se prova por natural razaõ que he menor a dor quando dà lugar ao pranto, do que quando o naõ permitte em razaõ de necessitar dos espiritos para o seu alento.

175 Muy boa razão na verdade: Mas naõ lhe posso dissimular a incoherencia: atè qui consideravamos o Padre Vieyra refutado pela razaõ de naõ entendido, agora pello não lerem; naõ dis o Padre Vieyra que a Magdalena não chorou ao pè da Crus, nem da Senhora o dis Santo Ambrosio quando dis: *Stantem lego, flen-*

tem non lego : porque isto seria aggravar os extremos destes dous corações amantes na causa da mayor dor; Santo Ambrosio sómente dis que naõ lè que a Senhora chorasse,e o q̃ dis o P.Vieyra he que a Magdalena naõ chorou tanto ao pé da Crus, como ao pé do sepulchro; inferindo daqui mesmo que foy mayor a sua dor no sepulchro, naõ vendo a Christo, do que no Calvario, vendo-o morto,e o que mais he,q̃ isto mesmo se prova pela razaõ,que contra elle offerece a Reverēda Senhora; mostro-o assim. Dis ella que quando se recebe algum grande pezar acodem os espiritos vitaes a soccorrer o coraçaõ; de sorte,que quanto a dor he mayor, tanto he mayor a copia de espiritos,que entraõ a soccorrello: dis mais que desaffogado jà o coraçaõ da dor, que o opprimia, entraõ, ou sahem a resolverse em lagrymas aquelles mesmos espiritos, que de antes o confortavaõ; o que supposto, argumento assim. Quando he mayor a dor, tambem he mayor a copia de espiritos, que entraõ a soccorrer o coraçaõ; quando he mayor a copia de espiritos, saõ mais copiosas as lagrymas, em que os mesmos espiritos se resolvem: logo quãdo as lagrymas saõ mais copiosas, sinal he de que foy mayor a dor; e eisaqui como foy mayor a pena da Magdalena no sepulchro, que no Calvario, pois no Calvario chorou muyto mais, que no sepulchro.

176 Fomos atéqui com o que disse a Reverenda Senhora,que supposto escreveu o que soube,he certo q̃ naõ acertou no que disse: he de saber primeyramente, que a tristeza, ou o gosto só nascem de causas raras, ou novas, porque ninguem se pòde rir do que sempre ve, nem entristecerse do que vè sempre, por cujo motivo arguhia muyto bem o Padre Vieyra contra Democrito, dizendo que nunca ria, porque sempre se ria; sendo

Vieyra nas Lagrim de Heraclit.

 pois

pois o objecto raro, ou novo, que provoca a admiração; ou nos he conveniente, ou naõ, segundo a estimativa, a quem toca discernir a conveniencia, ou desconveniencia; no primeyro caso produs alegria, riso, e deleyte; no segundo pezar, lagrymas, e tristeza, o que tudo porèm saõ actos do appetite sensitivo, que nas causas de gosto se dis concupiscivel, e irascivel nas causas de pena: vamos agora ao ponto; supposta a causa contristante, de que se segue a pena, e o pezar, afflicta a Alma na parte sensitiva, se applicão os espiritos vitaes a confortar as partes affligidas, e desta nimia agitaçaõ dos espiritos vitaes, q̃ necessariamente produs calor, se vão liquidando algumas serosidades, e humores grossos, que transpirando pelo Corpo em suor, pelos olhos se resolvem em lagrymas; e eisaqui o que são as lagrymas, não, como dis a Reverenda Senhora, resolução de espiritos vitaes, mas sim de humores, causada da nimia agitação dos espiritos.

Neste sentido chamou S. Bernardo lagrimas ao suor de Christo apud. Vieyra p. 8. f. 25.

177 Estas lagrymas pois trasem, como dis o Poeta, algum alivio a quem chora, porque se vão excluindo nellas os mesmos humores, que ajudavão a afflicção: *Expletur lacrymis, egeriturque dolor*; mas ainda que tragão alivio, não deyxão de significar a dor que precedeu, tanto mayor, quanto saõ depois mais copiosas as lagrymas, por cujo motivo concluhio o P. Vieyra que foy mayor a dor da Magdalena no sepulchro, que na Crus, porque não chorou tanto ao pè da Crus, como chorou no sepulchro: sem que obste contra o referido dizer a Reverenda Senhora que as lagrymas não saõ indicio certo de pezar, ou pena, por muytas vezes de hum gosto resultarem lagrymas, porq̃ nisto veyo a cair em outro erro manifesto; para o que havemos de suppor com os Fisicos que, ainda que todo o pranto

Ovid.

dicat

dicat pro materiali lacrymationem, nem todas as lagrymas saõ pranto; e donde vem esta differença? Da origem das mesmas lagrymas, se as distilla a dor, saõ pranto verdadeyro, se procedem de outra causa, como da frialdade do ambiente, ou da compressaõ dos musculos oculares, entaõ naõ saõ pranto, pelo que as lagrymas, a que chamamos pranto, só podem provir de causa contristante, e dolorifica, e as que resultaõ de outra causa, formalmente não o saõ; toda este Filozofia he de Galeno, de Alexandre Afrodiseo, e a tocou peritamente o Doutor Vicente Molles Medico de Filippe 4. de Castella no livro, que intitulou: *Philosophia naturalis Corporis Christi*.

Gal. Aphrod. Mol. Philosoph. Nat. cap. 7. per tot.

178 Menos obsta a distincção, que fas o Padre Vieyra no Problema das lagrymas de Heraclito, dizendo que ha chorar cõ lagrymas, sem ellas, e com riso, porque falou neste caso do pranto por Analogia, estendẽdo a sua significação aquaesquer exterioridades lacrymosas; e, supposto que a firme tambem no mesmo papel que a dor moderada solta as lagrymas, e a grande as congela, não repugna esta asserção ao que temos filozofado, porque não ha duvida que, em quanto a dor està no seu augmento, estão as lagrymas suspensas: *Strangulat inclusus dolor*, e tanto que se vay moderando, vão correndo: *Expletur lacrymis, egeriturque dolor*; deyxo o mais, que a este proposito tras sem nenhum a Reverenda Senhora, querendo persuadirnos que, sendo mayor a pena de Christo na morte de Judas, por ser eterna, que na de Lazaro, por ser temporal, por isso derramou lagrymas na morte de Lazaro, e não na de Judas, porque melhor consequencia que ella tiraraõ os Fariseos vendo chorar a Christo: *Ecce quomodo amabat eum*; e, como dis o meu grande Agostinho: *Dolor*

Joan. 11. n. 36. Aug.

est

est sicut amor, de mais quem disse á Reverenda Senhora que Christo não chorou na perdição de Judas? E donde infere que as lagrymas de Christo forão pela morte de Lazaro, se o pranto não foy quando lhe derão a noticia da morte, senão da hi a quatro dias quando o vio na sepultura?

179 Mas agora parece que argumenta com nosco *ad hominem* a Reverenda Senhora, e lhe parece tem concluido que a morte he dor mayor que a ausencia, porque a dor, que ha na ausencia, dis ella, não he outra cousa que o carecer da vista do que se ama, e isto mesmo claro està que o tras a morte com mais grave circunstancia, porque a ausencia tras huma carencia da vista limitada, a morte porém tras huma carencia perpetua: bellamente, e não se pòde negar que com viveza exquizita corroborou a Reverenda Senhora a nossa asserçaõ, pois, sendo a morte dor tão grande, achou que para a fazer mayor se devia valer da ausencia, que a ella se segue; não he a morte em si a mayor dor, e o que a fas mayor he a ausencia, que della resulta, paraque se veja que he tanto mayor fineza a ausencia que a morte, que a mesma morte se fas mais sensivel pela ausencia, que resulta della: dado porèm que a Reverenda Senhora arguhio com primor, não lhe posso dissimular a confusaõ dos termos, pois vejo que confunde a morte com a ausencia, que a ella se segue. A morte considerada em si não he outra cousa, como dizem os Filozofos, mais que a separaçaõ da Alma, e corpo; no rompimento daquella uniaõ he que consiste a morte, e tudo o mais, que se lhe segue, ou precede, he fóra da substancia della.

180 Esta dor pois he a que entra no grande theatro a competir com a ausencia; porque a ausencia, que

se

se segue à morte, he cousa muy differente da mesma morte, e se por ventura se segue a ella, he *per accidens*, porque, como bem discorre o Padre Vieyra, aquelles que morrerem no ultimo dia do Mundo, padeceraõ hũa morte sem saudades, e os Martyres, que morrem por amor de Christo, acabaõ sem saudades, porque vaõ estar com Christo, por quem morrem, que era o dezejo do grande Apostolo: *Desiderium habens dissolvi, & esse cum Christo.* Assentando-se pois que o tormento de naõ ver o que se ama, he effeyto naõ da morte, mas da ausencia, pois quando esta começa já a morte tem passado, a questaõ, e o ponto principal della está em que caso andou Christo mais fino, se padecendo a morte por amor de nòs, se ausentando-se de nòs depois da morte? E porque na distincçaõ destes termos se confundio a Reverenda Senhora, não foy muyto seguisse as partes da morte; mas, ainda que a morte (com grande mágoa nossa) a tem da sua parte, está a ausencia de muyto melhor partido: nem aquella proposiçaõ de que a morte tras carencia da vista perpetua, se pòde adaptar à morte de Christo, de que falamos, sem se negar o mysterio da sua Resurreyçaõ, pelo qual recuperada a mesma vida, e a mesma vista, ficou cessando aquella carencia perpetua, que só pòde ter lugar na morte de outros amantes: e temos dito sobre a primeyra parte desta Questaõ.

§. SE-

§. SEGUNDO.

Propõe-se a opiniaõ de Santo Thomàs, e o parecer do Padre Vieyra sobre a mesma opiniaõ, que se defende, e confirma.

181 SAnto Thomàs, aquella Penna de ouro digna por certo de eterna adoraçaõ, discorrendo pela multidaõ de finezas, que Christo obrou nas ultimas horas da sua vida, assentou que a mayor de todas fora deyxarse no Sacramento comnosco quando se apartou de nòs; venèra, e adora o Reverendo Padre a opiniaõ deste Anjo, que não fora elle taõ grande prodigio, se faltasse ás venerações do Oraculo; e advertindo muyto primeyro que a Reverenda Senhora no encontro, que fazia o sentir do Doutor Angelico à ausencia do discurso passado, com attenta submissaõ, e discreta piedade resolve, que mayor fineza fora encobrirse Christo no Sacramento, ficando sem uso dos sentidos, que deyxarse no mesmo Sacramento comnosco; prova-o primeyramente com a razaõ nesta fórma: deyxarse Christo no Sacramento foy buscar remedio à ausencia, e isso he comodidade, o privarse do exercicio dos olhos foy renunciar os alivios da prezença, e nisso consiste a fineza.

182 Para total intelligencia deste ponto suppõe o Reverendo Padre com os Theologos que Christo no Sacramento do Altar, supposto està alli corporalmente, naõ tem uso, nem exercicio dos sentidos, porque assim como nòs o naõ vemos debayxo daquelles accidentes, assim elle nos não vé a nòs com os olhos corporeos; e que mayor pena, ou tormento para o a-

mor

mor de Christo, que estar com os amados sem ver a quem ama? Sabendo Abſalão que David o queria matar pelo fratricidio, ſalvou a ſua vida fugitivo em Geſſur fóra de Judea; paſſados alguns tempos, ſaudozo tal ves da patria acabou com Joab intercedeſſe por elle com David ſeu pay; concedeulhe este voltar à Corte, mas com a condição de não verlhe o rosto: *Revertatur*, dizia o decreto, *in domum ſuam, & faciem meam non videat.* Continuou na Corte o Principe Abſalão sem ver a David, até que canſado da ſua esperanſa, ou deſeſperado da ſua pena chamou a Joab, e diſſelhe com dezengano: A pena, que me afflige de não ver a David, me obriga a dizer que fora muyto melhor estar em Geſſur, que em Jeruſalem, rogo-vos que acabeis com meu pay verlhe o rosto, admittindome à ſua graça, e ſe acaſo ſe portar renitente, eſcolho antes a morte, que a falta da ſua vista: *Quòd, ſi memor eſt iniquitatis meæ, interficiat me.*

183 Este o caſo, ſobre que o Reverendo Padre fas duas reflexões, a primeyra em dizer Abſalão que melhor lhe fora estar no desterro que na Corte, e que trocaria Jeruſalem por Geſſur: *Melius mihi erat ibi eſſe*; no que parece não tem razaõ, porque, aindaque em Jeruſalem não via a David, menos o podia ver em Geſſur; alem de que Geſſur era desterro, e Jeruſalem a patria; porque dis logo que melhor lhe he estar auſente em Geſſur, que prezente em Jeruſalem? Porque estava prezente com ley de não ver a David, e prezença com interdicto dos olhos, prezença com privação da vista, he peyor que a auſencia: tal como esta he a prezença de Christo Sacramentado; alli está prezente, mas ſem uſo dos ſentidos, e ainda que o não ver, estando auſente, ou prezente, ſeja a meſma privação,

he differente dor; estar ausente, e não ver, he padecer a ausencia na prezença; e se isto atè nas palavras parece contradição, que violencia serà na vontade? Veja-se o numero 171.

184 A segunda reflexão está em que escolhesse Absalão antes a morte, que não ver a David: *Interficiat me*; de sorte que quando David o quer matar, foge, tomando a ausencia por remedio, e agora que está ausente, toma a morte por partido? Sim, porque estava prezente com ley de naõ ver, q̃ he hum genero de pena taõ estranha, que excede a mesma morte, por isso aquelle Absalaõ, que hontem escolheu a ausencia por partido para se livrar da morte, agora toma a morte por remedio para se livrar da prezença. He verdade, nota agora o Padre Vieyra, que em Absalaõ no primeyro caso querer antes a ausencia que a morte naõ andou fino, nem parecido a Christo, que sentio mais o ausentarse que morrer; mas em lhe parecer a Absalaõ no segundo caso que a prezença sem vista era mayor mal, que a ausencia, andou muy discreto, muy fino, e muy parecido a Christo, que assim o padece no Sacramento; bem que com huma notavel differença nesta mesma semelhança, que em Absalaõ toda esta fineza era por seu pay David, em Christo porèm melhor Filho de David, que Absalaõ, bem que no dia de hoje se partia para seu Pay, naõ fes esta fineza por amor do Pay, senaõ por amor de nòs: *Ut transeat, &c.*

185 Mas deyxando à parte exemplos estranhos, entra o Reverendo Padre a provar o excessivo desta pena com as experiencias do mesmo Christo, para o que repara dizer a Igreja fundada em São Paulo que o mysterio da Eucaristia he huma recopilaçaõ da Payxaõ de Christo: *Recolitur memoria Passionis ejus*; mas, se en-

entra a conferir a Payxão com o Sacramento, apenas se lhe vè semelhança: na Payxão tudo foraõ tormentos, e instrumentos da tyrannia, houve cordas, houve lanças, houve cravos, e houve Cruzes; o que se naõ encontra no Sacramento; so hum tormento houve na Payxaõ semelhãte emtudo ao que passa na Eucaristia, porque na Payxaõ cubriraõ os olhos a Christo, assim como no Sacramento està com os olhos cubertos: *Velaverunt eum*; mas, se no Sacramento da Eucaristia naõ ha mais que a semelhança de hum tormento da Payxaõ, como se chama compendio de toda ella? Ora aqui se verá, conclue o Reverendo Padre, quanto sente Christo estar sem exercicio dos olhos na prezença dos que ama, pois neste só tormento achou a Igreja se recopilavaõ os tormentos todos; nas mais partes da sagrada Humanidade atormentada esteve a Payxão por extenso, nos olhos esteve a Payxaõ recopilada, por isso o Sacramento, em que Christo se privou de nos ver, naõ só figurativamente, mas ainda na realidade he huma recopilaçaõ abbreviada, mas verdadeyra, de toda a Payxaõ de Christo.

186 Houverão-se neste caso o amor, e o odio com huma notavel differença, o odio valeu-se de todos os tormentos, e instrumentos da tyrannia, e tirou a Christo a vida, e esta foy a Payxaõ do odio; o amor sem tanto estrondo, nem aparato tirou a venda dos olhos, e cubrio os de Christo, e esta foi a Payxaõ do amor; mas qual mais rigorosa, mais tyranna, e mais cruel? Sem duvida que a do amor, que naõ foy a tirar a vida, mas a vista; pareceraõ-se estes dous affectos como os Juises de Samsaõ, os primeyros votárão que morresse, os segundos, que se lhe tirassem os olhos, e esta sentença se excecutou por se julgar mais cruel; assim foy em Sam-

Samsaõ, e em Christo, mas em Christo com grande excesso, porque executando-se em Samsaõ huma sentença só, em Christo executaram-se ambas, o odio tiroulhe a vida, o amor a vista, na Crus destruhio se o sensitivo, e tambem o vivente, na Eucaristia permittio-se o vivente para apurarse o sensitivo.

187 Todo este discurso porem, ainda que delicado, parece se arruina na falsa supposição, em que se funda, porque, ainda que seja mayor fineza em hum vivo não ver o que ama, que em hum morto não sentir o que padece; como Christo no Sacramento esteja impassivel, claro está que não pòde sentir como tormento carecer da vista dos seus amados. Confeçamos que he forte a instancia, mas, como dis o mesmo Vieyra em outra parte, podia-se estimar o reparo pela reposta, ou a ferida pelo reparo; he certo, dis o Padre Vieyra, que Christo no Sacramento sim està impassivel, mas essa impassibilidade não lhe tirou o sentimento de naõ ver aos homens, porque assim como o amor na privaçaõ da vista recopilou todos os sentimentos da Payxaõ, assim na instituiçaõ do Sacramento recopilou todos os sentimentos da privaçaõ da mesma vista: de sorte, que naquelle instante, em que Christo consagrou seu Corpo, se anticipou a padecer recopiladamente no estado passivel o que depois naõ podia padecer impassivel no Sacramento? O Texto dará clareza à reposta.

188 Fere hum soldado com huma lança o peyto de Christo depois de morto, e perguntão os Theologos se mereceu Christo na ferida da lança? E responde S. Bernardo não só que mereceu, mas que tambem padeceu a mesma ferida: *Dominus meus Jesus post cætera inæstimabilia erga me beneficia pietatis*

etiam

Etiam dextrum propter me passus est latus perfodi. Notavel dizer de S. Bernardo! Christo depois de morto ficou impassivel, pois, se estava impassivel, como podia padecer, ou como padeceu a lançada: *Passus est latus perfodi?* Porque, aindaque a padeceu impassivel, e morto, tinha-a aceyto vivo, e passivel, e bastou esta aceytaçaõ, paraque a lançada se pudesse dizer padecida no estado da impassibilidade. Para firmeza desta reposta havemos de suppor, como disse já o Padre Vieyra, que *ab æterno* propos o Pay ao Verbo tudo quanto queria que padecesse por salvar os homens; isso quis dizer o mesmo Verbo por bocca de David: *In capite libri scriptum est de me * ut facerem voluntatem tuam.* E a esta proposta do Pay que responderia o Filho? O mesmo David o deyxou escrito: *Deus meus volui, & legem tuam in medio cordis mei*; eu aceyto tudo não só como vossa, Pay meu, mas como preceyto, que desde agora ponho no meyo de meu coraçaõ, *Et legem tuam in medio cordis mei.* E já daquelle instante ficou o coraçaõ de Christo sujeyto à lançada, como notou no mesmo lugar o Texto Hebreo: *Corpus autem perforasti mihi*; e, como esta aceytaçaõ da lançada prevista foy de Christo vivo, e passivel; por isso a padeceu morto, e impassivel: *Propter me passus est latus perfodi.*

D. Bern. in Ps. Qui inhabitat.

Vieyra p. 4. f. mihi 360.

Ps. 39. n. 8.

189 Confirma-se este grande pensamento de Bernardo com as palavras de Christo à sua Esposa: *Vulnerasti cor meum, Sponsa, vulnerasti cor meum*; feristesme o coraçaõ, Esposa minha, feristesme o coraçaõ: mas, se o coraçaõ de Christo foy ferido huma só ves, como dis que lhe feriraõ duas vezes o coraçaõ? Porque a mesma lançada, que recebeu depois de morto, já a tinha previsto, e aceyto estando vivo, e por este modo padeceu entaõ o que depois naõ podia padecer,

Cant. cap. 4. n. 9.

supp-

supprindo a aceytaçaõ de vivo, e impassivel, a impassibilidade de morto, e impassivel. Corrobora finalmente o Reverendo Padre todo este discurso com a reposta de Christo ao reparo de Judas na unçaõ da Magdalena: *Mittens hæc unguentum in corpus meum, ad sepeliendum me fecit*; a Magdalena ungio-me como morto para a sepultura. Este dizer de Christo padece huma repugnancia grande, porque a Magdalena quando foy para a sepultura naõ o ungio, pois se o naõ ungio na sepultura morto, como o ungio para a mesma sepultura vivo? Porque o mesmo unguento, que o Senhor recebeu vivo, o aceytou como morto, e tanto valeu esta anticipada aceytaçaõ de Christo vivo, como se a Magdalena o ungira no sepulchro: *Ad sepeliendum me fecit*; troquem-se agora os termos, e as figuras; assim como Christo recebeu o unguento vivo, e o aceytou como morto, assim recebeu a lançada morto, e a aceytou como vivo; e se aquella aceytaçaõ bastou paraque a Magdalena fizesse o que naõ fes: *Ad sepeliendum me fecit*, assim bastou a aceytaçaõ da lançada, para padecer o que naõ padeceu: *Passus est latus perfodi*. Veja-se a este proposito o que discorremos desde o numero 95.

190 Volta agora o Reverendo Padre o discurso ao Sacramento, (depois de estabelecer a supposiçaõ necessaria em hũ ponto de tanto fundo) e falando com o mesmo Christo no Cenaculo antes de consagrar o seu Corpo, pergunta assim aos amorozos olhos do Divino Amante. E bem, Senhor, por parte dos vossos olhos vos requeyro que antes de correr essa cortina candida vejais bem o que quereis fazer; lembrame que quando no monte levantastes esses mesmos olhos, se enterneceraõ elles de maneyra, vendo a multidaõ do sequito,

que rompestes naquellas enternecidas vozes: *Misereor super turbam*; pois, se esses olhos se compadecerão dos homens, porque se naõ compadecem de si? Se no Sacramento haveis de estar em todas as partes do Mundo, se atè o fim do Mundo haveis de estar nesse Sacramento, resolvem-se esses olhos a naõ ver os homens para sempre? Que o amor vos renda os affectos bem está, mas que vos prenda os sentidos! Parece que naõ he justo: que se sacrifique o coraçaõ pelos olhos excesso pòde ser do amor, mas que o amor vos feche os olhos, e vos renda o coraçaõ, antes parece violencia, que justiça, antes tyrannia, que vontade.

191 Mas sim he, sim he vontade, responde o amorozo Senhor, porque a tenho grande de padecer violencias; bem sey que se condenaõ os meus olhos a hum grande tormento, mas o gosto de me deyxar com os homens todo em qualquer parte fas cessar todo esse martyrio; ou naõ hey de estar com os homens, ou hey de deyxar de vellos, que o modo Eucaristico naõ soffre a extensaõ para o exercicio dos olhos; mas em tal caso padeçaõ embora os olhos a mais tyranna violencia, com tanto que eu faça pelos homens a fineza mais extremosa; quero privarme para sempre da vista, com tanto que me logrem sempre: que bem comprovou esta verdade o amante Senhor quando ao Sacramentarse levantou ao Ceo os olhos: *Accepit panem, & elevatis oculis in Cælum.* Mas agora os olhos ao Ceo quando os devieis empregar nos homens? Sim, porque se em consagrarse consistio o Sacramento, em naõ ver os homens consistio o sacrificio, e taõ grande, taõ penozo, e taõ sensivel à Divina vontade, que na fineza de naõ ver tes excesso à fineza de se deyxar. Estes saõ os fundamentos, porque este subtilissimo Enge-

nho julgou que era mayor fineza ficar Christo no Sacramento sem uso dos sentidos, que deyxarse com os homens no mesmo Sacramento; o que supposto, ouçamos agora a Reverenda Senhora.

Propõe-se a censura da Reverenda Senhora ao parecer do Padre Vieyra, e mostra se a falsidade da mesma censura.

192 MUyto se persuade neste ponto a R. Madre q̃ tem convencido o P. Vieyra na fórma de arguir. Se Santo Thomàs, dis ella, affirma q̃ a fineza mayor de Christo fora Sacramentarse, como replica o Author que fora mayor fineza deyxarse no Sacramento sem uso de sentidos? Isto sem duvida he argumentar da especie para o genero; em Santo Thomàs dizer que fora mayor fineza deyxarse Christo no Sacramento, incluhio o Santo todas as circunstancias desta mesma fineza, huma das quaes he estar no Sacramento sem uso dos sentidos; e, se o Santo incluhio nesta affirmativa a mesma fineza, como lha dá o Padre Vieyra naõ só por mayor, mas differente? Se hum dicesse que a mais nobre categoria era a substancia, e respondesse outro, que naõ era senão o homem, naõ diriamos que o argumento era sofistico, e peccava na fórma, visto que o homem por ser especie do genero da substancia estava incluido nella? Claro está, pois assim se deve julgar a replica do Padre Vieyra.

193 Mas que culpa tem o Padre Vieyra della naõ entender a Santo Thomàs, e que culpa tenho eu de ella naõ entender o Padre Vieyra? E para vermos como os naõ entendeu, pergunto: dentro do mesmo homem naõ se pòde distinguir a razão de homem da

razaõ de ſubſtancia? Claro eſtá; e dentro do meſmo Sacramento não pòde diſtinguirſe a formalidade da invizibilidade, da formalidade da prezença? Tambem he certo; e aſſim vemos que no meſmo homem diſtingue o entendimento, o racional do animal, ſendo tudo a meſma couſa; e em Deos diſtinguem os Theologos, conſiderando-o metafyſicamente, os Attributos, e a Eſſencia, ſendo tudo o meſmo fyſicamente conſiderado: agora vamos ao ponto; em dizer Santo Thomás que a mayor fineza de Chriſto fora Sacramentarſe, deyxando-ſe comnoſco, ſó quis dizer que o eſtar comnoſco fora a mayor fineza, preſcindindo do modo, e circunſtancias, com que ſe deyxou Sacramentado, porque iſſo he o que importa *de formali* eſta palavra Sacramento, como confeça com Santo Thomás o Padre Suares: *Quartò ex re contenta dicitur Sacramentum Corporis, & Sanguinis Domini*: logo, como o Santo naõ involveu na ſua fineza a outra de Chriſto ſe deyxar invizivel, andou coherente o P. Vieyra, conſiderando-a differente, e moſtrando-a mayor.

Suar. de Sacram tom. 3. ad 3. p. q. 73 a. 4.

194 He verdade que no ſer fyſico a prezença de Chriſto no Sacramento inclue a circunſtancia da invizibilidade, mas no ſer metafyſico naõ, porque ſaõ formalidades diſtinctas, e diverſas; ſaõ implicitamente a meſma couſa, mas explicitamente naõ, e iſto baſta para que poſſamos conſiderar como differentes eſtas formalidades, e argumentar de huma para a outra. Convençamos a Reverenda Senhora com o meſmo, que ella dis; affirma que no ſeu juiſo mayor he a fineza de ſe expor Chriſto no Sacramento ao dezar das offenſas, que a de ter interdictos os olhos: contra; que eſſa meſma circunſtancia ſe inclue na outra de eſtar ſem uſo dos ſentidos, ou de eſtar prezente no Sacramento;

responde que saõ especies de finezas intellectualmente separaveis; bem está: logo tambem se podem considerar separaveis, e distinctas a invizibilidade, e a prezença, porque da mesma sorte que os Theologos distinguem hum attributo do outro, assim tambem distinguem os mesmos Attributos da Essencia; e, se a Reverenda Senhora entende que argumenta formal, naõ pòde desconhecer que o Padre Vieyra replica coherente; pois, assim como ella dentro no mesmo Mysterio distinguio o exporse Christo às offensas, do estar Christo sem uso dos sentidos, assim o Reverendo Padre distinguio o interdicto dos olhos, da prezença real de Christo. Eis aqui toda a maquina da sua censura, que parecendo edificio, foy ruina.

195 Mas jà nos está convidando à sua refutaçaõ o intempestivo do seu parecer, quando o Padre Vieyra dis que fora fineza mayor privarse Christo do exercicio dos olhos, he com relaçaõ à outra fineza de estar Christo prezente; donde se ve naõ negar o Reverendo Padre que pòde haver no Sacramento mayor fineza, que o interdicto dos sentidos, porque o seu intento naõ he provar que esta he a mayor de todas, senaõ que he mayor que a de Christo ficar comnosco; a que proposito vem logo dizer a Reverenda Senhora que se argumentasse com o Padre Vieyra, dicera que fora fineza mayor exporse Christo aos nossos aggravos, que privarse do uso dos sentidos: por ventura aquelle, que affirma ser o homem mais nobre que o Leaõ, nega que o Anjo he mais nobre que o homem? He certo que naõ, e se para refutar este, dicesse outro que o Anjo he mais nobre que o homem, procederia formal? Tambem naõ, pois isto fas a Reverenda Senhora, que atèqui arguhio de incoherente ao P. Vieyra. Se esta Senhora se

empenhasse em provar por parte do Doutor Angelico que o deyxarse Christo prezente fora mayor fineza, que privarse do exercicio dos olhos, entaõ arguhia bem contra o Padre Vieyra; mas dizernos que, se arguisse, diria que fazerse prezente para os aggravos he mayor fineza, que o interdicto dos sentidos, he Filozofia taõ errada na fórma, como he na materia: porque suppõe falsamente que o intento de Christo, deyxando-se comnosco, fora por estar prezente ao dezar das offensas; em fim o estar Christo prezente às offensas naõ he fineza, nem o podia ser, e no caso que o fosse, o privarse do exercicio dos olhos foy o mayor excesso; mostremos isto em duas Conclusoens.

PRIMEYRA CONCLUSAM.

Estar Christo prezente no Sacramento ao dezar das offensas; naõ he, nem póde ser fineza.

197 ANtes de entrarmos a provar esta Conclusaõ, ouçamos a Reverenda Senhora: *Privarse del uso de los sentidos es solo abstenerse de las delicias del amor, que es tormento negativo, pero ponerse prezente a las offensas, es no solo buscar el positivo de los zelos, sino tambien (lo que es más) sufrir ultrages en el respeto*; donde se ve que por aquellas palavras, *buscar el positivo de los zelos*, dà a entender a Reverenda Senhora que Christo se deyxou prezente a fim de soffrer as nossas culpas, e obrar a fineza de soffrer os nossos peccados, o que porém não só he falso, mas erroneo; tudo se verà na prova da nossa Conclusaõ, que he nesta fórma. Para qualquer acçaõ ser fineza, deve ser intentada por quem a fas, Christo não podia intentar a

prezença aos seus aggravos na instituiçaõ do Sacramento: logo estar no Sacramento prezente às nossas offensas naõ he fineza, a mayor he certa, a menor provase; se o intento, com que Christo se Sacramentou, fosse multiplicar as suas prezenças para nos soffrer criminozos, seguirsehia que procurava q̃ fossemos criminozos, para ter lugar a sua fineza: provo esta Conclusaõ, aquelle, que quer efficasmente alguma cousa, quer tudo quanto para a mesma cousa he necessario; para ser fineza o soffrimento das injurias, devem concorrer as injurias, e mais o soffrimento: logo quer as nossas injurias, para que hajaõ de ter lugar as suas finezas.

198 Pareceme que só quem tiver perturbada a Fé poderá admittir semelhante Conclusaõ; mas segue-se das premissas, que póe a Reverenda Senhora: porque senaõ poderà salvar que Christo procure por fineza o positivo dos zelos, sem que se entenda que tambem procura a causa dos mesmos zelos, que saõ as offensas; o que porèm he absurdo manifesto, e muyto mais no caso, em que estamos, porque nenhuma outra cousa recomendou Christo com mais cautela, que a pureza, e perfeyçaõ, com que devemos chegar à Menza da Eucaristia: *Probet autem se ipsum homo; & sic de pane illo edat, & de calice bibat*; purifique se o homem, dis S. Paulo, tenha limpa de toda a mancha a sua Alma, que só desta sorte lhe permitto que chegue àquella Menza. Que cousa, dis Chrysostomo, pòde haver no Mundo, por mais pura que seja, a que naõ deva exceder na pureza aquella Alma, que participa do Sacramento: *Quo non oportet esse puriorem tali fruentem sacrificio*; que rayo do Sol se deve comparar com aquella mão, que administra o Corpo de Christo: *Quo solari radio non splendidiorem manum Carnem hanc dividentem?* Pela mes-

Ep. 1. ad Corynt. c. 11. n. 28.

Chrys. Homil. 60. ad pop. Antioch.

mesma frase falaõ os Padres todos. Santo Agostinho, Santo Ambrosio, S. Gregorio, S. Cypriano, o Tridentino, e antes de todos S. Leaõ Papa na Epistola a Theodoro; isto mesmo prègou mudamente o Divino Mestre quando no Cenaculo antes de instituir o Sacramento; com assombro dos Anjos, e pasmo dos mesmos homens lavou os pès aos seus Discipulos, dando a entender quanta pureza dezeja em nós para havermos de chegar àquella Menza Sacratissima; os que tocavaõ a Christo na sua prezença natural, ainda que peccadores, naõ commettiaõ novo crime, os que se atrevem a receber Sacramentalmente a Christo no estado da culpa, commettem sacrilegio; donde se ve, dis Santo Thomàs, quanta mayor pureza he necessaria para tratar a Christo no Sacramento, que fóra delle.

Aug. S. 1. de Temp. Ambros. de Interp. Dav. Greg. lib. 4. Dial. 58. Cypr. S. de Lap. Trid. S. 13 Cant. 7. Leo Ep. 91. ad Theod.

Div. Thom. 3. p. q. 80. a. 4.

199 O mesmo Senhor deyxou escrito pelo Apostolo São Paulo como o Sacramento ha de ser fiscal contra aquelle, que indignamente o receber: *Itaque quicunque manducaverit panem hunc, vel biberit calicem Domini indignè, reus erit Corporis, & Sanguinis Domini.* E accrescenta o mesmo Apostolo que no Sacramento recebe o peccador a sua mesma condenaçaõ: *Qui enim manducat, & bibit indignè, judicium sibi manducat, & bibit*; desta Menza foy lançado para o carcere das trevas aquelle desgraçado, que chegou a ella sem decencia, por isso se figura na menza dos Principes, aonde se deve chegar com tanto temor, e reverencia, como o que està com o cutelo na garganta: *Quando sederis ut comedas cum Principe, diligenter attende quæ apposita sunt ante faciem tuam: & statue cultrum in gutture tuo*: muyto mais se pudera dizer nesta materia, basta porèm o referido, para que se sayba que naõ foy, nem podia ser o intento de Christo,

Ep. 1. ad Corint. c. 11. n. 27.

Ibid. n. 29.

Prov. 23. n. 1

multiplicando as suas prezenças no Sacramento, buscar o positivo dos zelos, pois se devia inferir que por lograr a fineza dezejava as injurias, o que naõ cabe em entendimento Christaõ.

199 Se a Reverenda Senhora me dicesse que he fineza grande da misericordia Divina soffrer as nossas culpas na sua prezença, dizia bem, porèm naõ dizia muyto; porque no Sacramento se ostenta Christo naõ só huma, mas duas vezes misericordiozo: *Misericors, & miserator Dominus*; mas dizer que por lograr a fineza de soffrer as nossas culpas multiplicára as suas prezenças, buscando desta sorte o positivo dos zelos na tolerancia dos aggravos, he cousa, que implica com a razaõ, com as Escrituras, e repugna illativamente à Fè; porque huma cousa he soffrernos culpados na sua face, o que Assuero naõ pode soffrer a Aman: *Etiam reginam vult opprimere, me præsente*; e outra buscar as offensas na sua face só por obrar finezas, o que ninguem disse já mais.

Psalm. 110. n. 4.

Lib. Esth. c. 7. n. 8.

200 Porèm ponhamos de parte este absurdo, e averiguemos agora os termos, em que se pòde verificar a fineza ideada pela Reverenda Senhora, e pergunto; ou esta fineza de multiplicar Christo as suas prezenças para soffrer aggravos se entende da prezença do mesmo Christo, em quanto homem, ou em quanto Deos? Da prezença de Christo em quanto homem naõ pòde ser; porq̃ em quanto homem nem o vemos, nem nos vè, naõ se podendo verificar neste caso o que dis a R. Senhora, deque he dor mayor ver aquillo que dá desgosto, pois em quanto homem naõ tem exercicio dos olhos; menos se pòde verificar da prezença he Christo em quanto Deos, porq̃ em quanto Deos he immenso, e está prezente a todos, e a tudo: *Quanvis non longe*

Actor. c. 17. n. 27.

longè si ab unoquoque nostrûm, e mal pòde ser nelle fineza do seu affecto o que he necessidade da sua grandeza, e temos dito da prezente Conclusaõ.

SEGUNDA CONCLUSAM.

Caso negado que o intento de Christo na multiplicaçaõ das prezenças fosse lograr a fineza de nos soffrer criminozos, mayor fineza era privarse o mesmo Christo do exercicio dos sentidos.

201 A Verdade desta Conclusaõ se prova por tres razões, todas tres efficacissimas, a primeyra he nesta fórma. Em Christo nos soffrer criminozos na sua prezença exercita a sua misericordia, em deyxar de vernos reprime o seu amor: logo mais fas em naõ vernos, que em perdoarnos, porque naõ nos vendo reprime hum dezejo, perdoando-nos ostenta hum attributo. Ovidio, aquelle singular Engenho do Parnaso, considerando queyxozo o seu Cesar em razaõ dos seus delictos, facilitou o perdaõ com esta sentença.

Sed, nisi peccassem, quid tu concedere posses?
Materiam veniæ sors tibi nostra dedit. Ovid. lib. 2. Trist. vers. 29.

Se em mim naõ houvera culpas, ò Cesar, que tinheis vòs que perdoarme? Os meus delictos saõ argumento da vossa grandeza, porque faraõ notoria em todo o Mundo a vossa grande piedade. Naõ saberey dizer se o Poeta aprendeu de Job esta grande liçaõ, o que sey he que muytos seculos antes a deyxou escrita aquelle grande exemplar da paciencia: *Peccavi, quid faciam tibi?* Job 7. n. 20.
Dizia elle falando com Deos, pequey, Senhor, e que

mais

Vieyr. p. 4. §. pen. mais vos posso fazer? *E q̃ fizestes*, argumenta o P. Vieyra, *e que fizestes vòs, Job, a Deos em peccar? Naõ lhe fis pouco*, responde, *porq̃ lhe dey occasiaõ a me perdoar e perdoandome ganhar muyta gloria; eu deverlhehey a elle como a causa a graça, q̃ me fizer, e elle devermeha a mim como a occasiaõ a gloria, que alcançar.* o mesmo pensamento descobrio S. Cyrillo citado pelo mesmo Vieyra nas outras palavras de Job: *Cur non tollis peccatum meum, & quare non aufers iniquitatem meam?* E

Job ibi n. 21

Ps. 24. n. 11. esta foy a idéa de David no Psalmo 24. *Propter nomen tuum propitiaberis peccato meo, multum est enim*; e, como a misericordia Divina na paciencia das injurias he mayor argumento da Divindade, como em outro dis-

Vieyr. p. 7. curso prova o mesmo Vieyra, e o dis a Igreja expressamente: *Deus, qui omnipotentiam tuam parcendo maximè, & miserando manifestas*; claro està que mais fas

Ex Eccles. Div. Thom. 1. p. q. 25. a. 3. Christo privando se nos olhos das delicias do seu amor, que soffrendo na sua prezença as suas injurias; porque lá reprime o gosto natural do seu amor, e cà ostenta hum attributo, que manifesta a sua grandeza.

202 He esta razaõ de tanto volume no caso, de que tratamos, que com ella resolvem os Theologos huma das mayores difficuldades, de que trata a Theologia; supposta a infinita bondade do Creador supremo, perguntaõ os Theologos porque motivo se resolve a crear aquelle mesmo homem, que sabe se hade perder? Naõ fora melhor deyxar de creallo para se evitar desta sorte a sua condenaçaõ? Naõ, responde o Mestre de todos elles Santo Thomàs fundado em S. Paulo, porque se deyxasse de crear esse homem, padeceria dezares na sua Omnipotencia, entendendo-se tal ves q̃ o naõ creou porque naõ pode: e caso que pela sua malicia, (porque sem duvida ha de ser condenado) deyxasse de o pro-

prôdusir; interirsehia tambem que a malicia humana reprimia a Omnipotencia Divina; crie-se pois esse homem, que se ha de perder, crie se o Anjo, que se ha de condenar, porque importa pouco a perdiçaõ do Anjo, e do homem, com tanto que ostente Deos os seus attributos; as palavras de Santo Thomàs saõ estas: *Si ergo Deus non fecisset quem sciebat esse damnandum, potuisset inscius, & impotens reputari; & quod plus posset malitia, quàm Divina potentia, vel sapientia, cujus contrarium scriptum est.* Sap. 8. Sapientia vincit malitiam. *Hanc rationem tangit Apostolus ad Rom. 9. &c.* D. Thom. tr. de Predest. in c. 7. habetur in calce 1. p.

203 Neste sentido tem facil exposiçaõ aquellas palavras do Apocalypse, em q̃ o Anjo convidava os Ceos, os Apostolos, e os Profetas a alegrarem-se na destruiçaõ de Babylonia: *Exulta super eam Cælum, & Sancti Apostoli, & Prophetæ,* palavras, que parecem estranhas na bocca de hum Anjo; e muyto mais sendo ditas aos justos, que naõ podem fazer da ruina alhea gosto proprio; como pede logo o Anjo que se alegrem os justos vendo a Babylonia destruida? *Quoniam*, dà a razaõ, *judicavit Deus*: porque no castigo de Babylonia ostentou Deos o ineffavel attributo da sua Justiça, e importa pouco a destruiçaõ do Mundo, com tanto que resplandeçaõ os attributos Divinos: felismente o Sylveyra sobre o mesmo lugar: *In subversione Babyloniæ lætantur Apostoli, & Prophetæ, quia tunc maximè declaratur Justitia Divina, & Dei gloria sublimatur, dum ejus inimicos, ac impios sic punit.* Apoc. c. 18. n. 20. Sylv. ibi q. 18. n. 122.

204 E se isto passa na Justiça, que será na Misericordia? Se como obrigado dissimula a Misericordia para ostentar o attributo da sua Justiça, claro está que em perdoar as offensas naõ acredita de todo a fineza, pois fas ostentaçao da sua Misericordia; a razaõ desta ra-

razaõ, e será a segunda, vem a ser; porque Deos soffrendo vay com a inclinaçaõ natural, deyxando de nos ver, violenta o amor: provemos huma, e outra parte; que Deos soffrendonos, e perdoandonos proceda segundo a natural propensaõ da sua clemencia, he expresso do Profeta Isaias: *Et revertatur ad Dominum, & miserebitur ejus, & ad Deum nostrum: quoniam multus est ad ignoscendum*; aonde a vulgata tem: *multus est*: traslada Vatablo: *Propensus est*; e quer dizer o Profeta: Converta-se a Deos o impio, porque a sua propensaõ natural he perdoar offensas; altamente profundou este ponto o Mellifluo Bernardo, o ser Deos misericordiozo, dis o Santo, he propensaõ sua, o ser justiceyro he culpa nossa: *Rectè non Pater judiciorum, & ultionis Deus dicitur, sed Pater misericordiarum, eo quòd miserandi causam, & originem sumat ex proprio, judicandi, vel ulciscendi ex nostro*; por isso Zacarias considerou a Misericordia entranhada em Deos: *Per viscera misericordiæ Dei nostri*, e Isaias, falou da Justiça como estranha à Divindade, chamandolhe capacete, capa, e vestidura: *Indutus est justitiâ ut lorica, indutus est vestimentum ultionis, & opertus est quasi pallio cæli.* O mesmo disseraõ S. Dionysio Carthusiano, S. Theodoreto, S. Lourenço Justiniano, Oleastro, Caetano, e outros muytos.

Isaias 55. n. 7. Vatab. ibi. D. Bern. S. 5. in Vigil. Nat. Luc. 1. n. 78. Isai. 59. n. 17. Carthus. ad Isai. 18. n. 21. Theod. Ezech. 27. n. 2. Laur. Just. lib. de Hum cap. 4. Oleast. in Gen. 7. ad illa verba: Reversæ sunt, &c. Caetan. in Exod. 20. n. 5.

205 Com este fundamento chamou o Real Profeta à Misericordia Divina attributo superior, considerando as acções de Misericordia sobre todas as obras de Deos: *Miserationes ejus super omnia opera ejus*; o mesmo entendeu S. Tiago, dizendo que a Misericordia sobresahe à Justiça: *Misericordia superexaltat judicium*; sendo finalmente o mesmo Deos taõ empenhado na misericordia das offensas, que naõ repara nas offen-

Ps. 144. n. 8. Jacob. 2. n. 3.

offensas só por ostentar a Misericordia; foy pensamento de ouro achado na fineza de Ambrosio; repara o Santo Doutor em que, creando Deos o Ceo, o Sol, a Lua, as Estrellas, a Terra, as flores, e as plantas, em cousa nenhuma destas descançou, e sómente descançou quando creou o homem: *Sed lego quòd fecerit hominem, & tunc requieverit*; parece que naõ devia ser assim; porque o homem havia de ser aquelle ingrato, que, desconhecendo as obrigações de creatura, provocaria a Justiça do Creador: *Delebo inquit, hominem, quem creavi*; e se Deos sabia isto muyto bem, como entra a descançar depois de crear o homem? Por isso mesmo, responde o Santo Doutor, porque nas culpas do mesmo homem previa as occasiões de ostentar o attributo da sua Misericordia: *Habebat cui peccata dimitteret*; e pelo gosto de ostentar este attributo, naõ reparou nas offensas; assim he Deos inclinado à misericordia; pelo contrario em deyxar de nos ver vay o Divino Amante naõ só repugnante, mas violento.

Div. Ambr. lib. 6. Examen. cap. 10.

Genes. c. 6. n. 7.

206 He verdade esta, que a não póde desconhecer quem souber que cousa he amor: *En ipse stat post parietem nostrum respiciens per fenestras, prospiciens per cancellos*: dizia a Esposa falando do Espozo Divino na sua Encarnaçaõ prodigiosa; la està pela parede da humanidade lançando os olhos sem os poder apartar de mim, este he o gosto, esta a ansia, e este o dezejo de quem ama; S. Paulo o escrevia a Timotheo, encarecendolhe o dezejo de vello pelo amor, que lhe tinha: *Nocte, ac die desiderans te videre*; de dia, e de noyte, dis o Apostolo, me està causando hum grande desassocego o dezejo, que tenho de vervos; pelo mesmo estylo falou David abrazado no amor de Deos, que não via: *Satiabor cùm apparuerit gloria tua*: o caso he, Deos meu,

Cant. cap. 2. n. 8.

Ep. 2 ad Timoth. c. 1. n. 3.

Ps. 16. n. 15.

meu, que só vendovos ficarey satisfeyto; este empenho, este cuydado, e esta sede de contemplarvos face a face entaõ se verà socegada, e satisfeyta quando chegar aos mananciaes da vossa vista: daqui veyo a dizer S. Pedro Chrysologo que o verdadeyro amante naõ póde deyxar de ver o que ama: *Amor quod amat non potest non videre.*

Chry.S 143.

207 Atè no amor humano tem lugar esta consequencia, taõ dependente he da vista, que parece reside nos olhos; por isso a Escritura descrevendo a affeyçaõ da mulher de Putifar, e do impio Holofernes, disse da primeyra que arremeçára a Jose os olhos: *Injecit oculos in Joseph*, e do segundo que os olhos foraõ laços do seu mesmo coraçaõ *Captus est in suis oculis Holofernes.* Com este pensamento naõ duvidou o engenhozo Ruperto entender da mulher de Putifar as palavras de Jacob: *Filiæ discurrerunt super murum*, andava taõ dada ao seu appetite, e taõ cativa do seu amor, q̃ estudava as occasiões de ver a Jose: *Quæ amore ejus capta*, dis Pereyra, *ubique eum videre gestiebat.* He o amor hum fogo, que ardendo no coraçaõ naõ respira senaõ nos olhos, por todos os sentidos diz ia Plataõ que reynava o affecto, mas a verdade he que nos olhos he que assenta o throno, por q̃ nos olhos he que acha socego. Suppostas estas duas verdades, vamos agora ao nosso argumento, e à nossa Conclusaõ.

Genes.c.39. n. 7.

Judith.c.13. n. 17.

Rup.

Pereyr. in Genes.c.49. n. 23.

208 Em Deos usar com nosco da sua misericordia, procede segundo a propensaõ natural, em deyxar de vernos violenta o seu amor: logo he mayor fineza a privaçaõ da vista, que a tolerancia dos aggravos; porque aonde a repugnancia he mayor, cresce muyto mais a fineza: por ventura he cousa digna de assombro que o fogo suba à esfera, a pedra desça ao centro? He cer-

Vieyr. p. 1.

certo que naõ, porque estes movimentos, saõ naturaes; pois isto mesmo fas Deos, usando do ineffavel attributo da sua misericordia, procede naturalmente segundo as propensoens da sua clemencia; quando porém por estar em toda a parte com nosco se priva de vernos, mortifica o amor, violenta o affecto, reprime o gosto, triunfando desta sorte naõ só de si, mas do seu mesmo amor: mas ainda neste caso acho eu da parte do mesmo Deos huma razaõ, que no exercicio da sua misericordia naõ deyxa penetrar o affecto. Confeça a Igreja, como jà vimos, que usando da misericordia ostenta Deos a sua Omnipotencia, sendo parecer de Vieyra no discurso referido, que a paciencia he o argumento mayor da Divindade; pelo que veyo a dizer o alto juiso de Origenes que o motivo formal, porque o Evangelista S. Joaõ callou a repugnãcia de padecer, que Christo mostrou no Horto, fora porque o assumpto do Evangelista era provar a Divindade do Verbo, e naõ provaria bem aquella Divindade, se escrevesse que repugnàra a paciencia: *Joannes autem propositum habens exponere Jesum Deum Verbum, sciens quòd ipse est vita, & resurrectio, nescit Deum impassibilem refugere Passionem.* Vieyr. p. 7. Greg. Hom. 35. in Matt.

209 Até os Poetas sem mais razaõ que a natural acertáraõ na verdade deste pensamento, ou no pensamento desta verdade: Virgilio tratou de vis aquelles animos, em que reyna o furor: *Sævitque animis ignobile vulgus.* Ovidio querendo louvar a Magestade do seu Cesar, fes o panegyrico à sua clemencia. Virg. 1. Æneyd.

Ergo illum demens in me sævire coegi,
Mitius, immensus quo nihil Orbis habet.

Lib. 4. Trist. Eleg 8. vers. 37.

E em

E em outro lugar dis o mesmo:

Vel quia nil ingens ad finem solis ab ortu,
Lib.5 Trist. Eleg 8. *Illo cui paret, mitius Orbis habet.*
Scilicet ut non est per vim superabilis ulli,
Molle cor ad timidas sic habet ille preces.

E em outra parte:

Ovid. 2. de Ponto. *Regia, crede mihi, res est sucurrere lapsis.*

Como na ostentaçaõ da sua Misericordia abona Deos a sua Magestade, quem lhe poderá conhecer a fineza? Pelo contrario, como na privaçaõ da vista reprime o gosto, quem lhe poderà desconhecer o excesso? Là fica Deos grande, cà ostenta-se fino, aquelle mesmo encolhimento da Davindade he o mayor aparato do seu amor, aquelle naõ vernos nos abre os olhos para confeçarmos sem duvida que este he o verdadeyro amor, e à mayor fineza; mas he tempo de descermos jà à terceyra razaõ.

210 As offensas feytas a Christo offendem a Magestade, a suspensaõ dos sentidos magoalhe o coraçaõ; logo mayor fineza he privarse do exercicio dos olhos, em q̃ o amor se vé magoado, que fazerse prezente às offensas, em q̃ se vè a Magestade offendida: la disse o Poeta que nunca podiaõ unirse a Magestade, e o amor Ovid. *Non bene conveniunt, nec in una sede morãtur maiestas, & amor*: O amor naõ consente soberanias, nem rendimentos à Magestade; mas, se acaso se encontraõ, quizera saber qual leva a palma? He certo que o amor, poderá o amante soffrer diminuições na honra, mas im-

Impulsos da affeyçaõ naõ se podem reprimir: tudo temos no mesmo Christo; fala o Evangelista de Christo na consideraçaõ daquella hora que por ser do nosso remedio foy hora sua, e dis que sabendo o Senhor que era chegada a mesma hora de partir para o Pay por meyo de huma morte taõ affrontosa, como expõe os Doutores, tendo amado os homens, entaõ os amàra mais: *Cum dilexisset suos, qui erant in Mundo, in finem dilexit eos.* Notavel cousa na verdade! Se dicera o Evangelista que na consideraçaõ daquella hora, em que havia de padecer as mayores affrontas pelo amor, que tinha aos homens; deyxára de os amar pelas naõ padecer, bem o entendia eu; mas dizerme que ainda considerando a sua morte, e as suas affrontas, continuára nos seus affectos: *Sciens quia venit hora ejus, dilexit!* Sim, porque deyxar de amar os homẽs era reprimir o amor, naõ reparar nas affrontas, era desattender à grandeza: e em semelhante batalha desattende o amante ao credito, mas o amor naõ reprime os impulsos; por isso taõ fóra esteve Christo de deyxar a affeyçaõ por se escusar às affrontas, que naõ reparando na Magestade offendida, continuou na affeyçaõ primeyra: *Cum dilexisset dilexit.* Joan. 13.

211 Que outra cousa foy, dis o nosso Sylveyra, promettarnos Christo que na menza da Gloria nos havia servir, senaõ transgredir os juros da Magestade, por observar as leis do amor; como Principe, e Filho do Padre Eterno, devia ser servido, e adorado; porque assim o pedia a sua grandeza como amante: porem dezejava servir, e ministrar: *Ministravit illis*; e neste conflicto da affeyçaõ, e da Magestade, por mais que a Magestade batalhou, levou a palma o affecto; pode Christo dissimular a grandeza, mas naõ o amor, pode Luc. 12. n. 27

Sylv. ibi. q. 13. n. 93. encobrir a Mageſtade, mas naõ o affecto: *Elegit enim legi amoris potiùs, quàm maieſtatis juri ſatisfacere*; por iſſo, como bem advertio S. Bernardo, ſe naõ acha em toda a Eſcritura que Deos ſe chamaſſe honra, ou

D. Bern. S. 38. in Cant. Mageſtade, ſenaõ caridade, e amor: *Iſte ſponſus non modò amans ſed amor eſt; nunquid honor! contendat quis eſſe, ego non legi; legi quia Deus charitas eſt, & non quia honor eſt, vel dignitas*; porque o nome de amor tem com elle preferencia a reſpeyto da Mageſtade, naõ he tanto o ſeu goſto quando ſe inculca ſobera-

Novar. Elect. Sacr. lib. 2. ex curſ. 36. no, como he quando ſe oſtenta amante: *Amoris nomine*, dis Novarino, *magis gaudet, quàm honoris.*

212 Dizem que a honra he filha do entendimento, o amor do coraçaõ; que muyto logo vença o amor a grandeza, ſe nos conflictos mais val ter coraçaõ, que juiſo, pois naõ triunfa quem mais ſabe, ſenaõ quem mais pòde: a melhor prova deſta verdade he David com Abſalaõ, portara-ſe eſte rebelde, e traydor; chegando a profanar as concubinas de ſeu pay, porque ſenaõ contentava de tirarlhe a vida ſem lhe offender a honra: empenhado porèm David na juſta defeza da ſua honra, e da ſua vida, manda exercitos contra os exercitos do filho, mas com ordem de lho trazerem illeſo: *Servate mihi puerum Abſalom*; ao retirarſe porèm Abſalaõ da campanha já desbaratado, o matou Joab com tres lanças. Chega a David a triſte nova, ſobe ao camarim interior do ſeu palacio, e dando lugar

Lib. 2. Reg. c. 8. n. 33. aos prantos rompeu neſtas vozes: *Fili mi Abſalom, Abſalom fili mi, quis mihi tribuat, ut ego moriar pro te?* Ay, filho meu, quem me dera que a minha morte foſſe reparo à tua vida!

213 Naõ foraõ taõ em ſegredo eſtas vozes, nem taõ occultas aquellas lagrymas, que naõ as eſtranhaſ-

ſem os ſoldados nos corrilhos, e o General na tenda; volta ao paſſo, encara com David, e dis-lhe: *Oſtendiſti hodie quia non curas de ducibus tuis, & verè cognovi quia ſi Abſalom viveret, & omnes nos occubuiſſemus, tunc placeret tibi*: ora, Senhor, hoje acabey de conhecer que pòde mais comvoſco o amor, que a honra, e que eſtimais em menos o credito dos voſſos Generaes, que a vida do traydor. Aſſim diſſe Joab, e aſſim foy; na perda do exercito ficaria a Mageſtade abatida, na morte de Abſalão ficou o amor magoado, e podendo David diſſimular detrimentos na honra, naõ pode cohibir as anſias do affecto; que o verdadeyro amante, dis Agoſtinho, fecha os olhos à Mageſtade, mas naõ os pòde cerrar ao goſto: *Anima amans Maieſtati oculos claudit, aperit voluptati*: e que naõ podendo o verdadeyro amante cerrar os olhos ao goſto, ſe privaſſe Chriſto do exercicio dos olhos? Sem duvida que foy hum exceſſo taõ grande, que à ſua viſta fica a perder de viſta o ſoffrimento das injurias; ao menos, Joſe aquelle celebrado do Egypto pode diſſimular a venda, mas fazendo por diſſimular o affecto, naõ pode deter as lagrymas: *Non ſe poterat ultra cohibere, elevavitque vocem cum fletu*; a venda profanoulhe a honra, porque o tratáraõ como ſervo, o rebuço como era de amor apertavalhe o coraçaõ, e as màgoas do coraçaõ, ainda que ſejaõ leves, ſempre ſaõ intolleraveis: aſſente-ſe logo que mayor fineza he em Chriſto privarſe do exercicio dos olhos, q̃ ſoffrer os noſſos aggravos; porque na toleraucia dos aggravos padece a grandeza por ſe ver deſattendida, no interdicto dos olhos padece o amor, pois ſe priva do mayor goſto.

Lib. 2. Reg. c. 19. n. 6.

D. Aug. in Man. c. 20.

Lib. Gen. 45. n. 1. e 2.

Responde-se ao argumento da Reverenda Senhora.

214 Contra o que fica dito naõ fas nada dizer a Reverenda Senhora que privarse Christo do exercicio dos olhos he tormento negativo, pelo contrario, estar prezente às offensas he buscar o positivo dos zelos, porque a razaõ de negativo naõ desfas na crueldade do tormento; mostra-se, porque no inferno, em que os condenados padecem duas penas, a de dano, e a de sentido; muyto mayor infinitamente que a pena de sentido he a pena de dano, como dizem as Escolas: e com tudo a pena de sentido he positiva, e consiste no soffrimento real do fogo; e a de dano negativa, que he a privaçaõ da vista de Deos: donde se infere que o ser o tormento negativo naõ lhe embarga a mayoria, e dizer o contrario he ignorar a filosofia das dores: devem-se medir as penas naõ, como cuyda a Reverenda Senhora pelo positivo, ou negativo dellas, senaõ, como dis Aristoteles, pela desconveniencia, que trazem ao sugeyto, que as padece, e como o negativo do gosto pòde trazer mais inconveniencia, que o positivo do mal, daqui vem que o tormento positivo pòde ser menor que o negativo. Assim se vè no inferno, aonde se o naõ ver a Deos he a mayor pena, sendo aborrecido, que será naõ ver Deos aos homens, sendo os homens os seus amados? *Suos, qui erant in Mundo*: e senaõ ver a quem aborreço, ainda que o aborreço, pòde ser o mayor castigo, naõ ver a quem amo por isso mesmo porque amo, porque naõ será a mayor fineza?

Vieyr. tom. 11.

215 Pois a authoridade da Escritura, com que a Reverenda Senhora pretende provar este pensamento,

he taõ alhea do nosso caso, que em nenhum sentido fas prova, antes tomando-a no seu legitimo sentido, se mostra fazer a nosso favor; repara pois em que, privando Jacob da primogenitura a Ruben por lhe ter violado o thalamo, naõ deu pena aos filhos, que venderaõ o seu Jose, e foy, dis ella, porque na venda de Jose priváraõ a Jacob do deleyte de o ver, e na injuria do thalamo offendeu Ruben o respeyto de Jacob, e menos custa carecer dos logros do amor, que soffrer desattençoes no respeyto: de sorte que naõ offenderaõ os filhos ao pay na venda de Jose, e taõ sómente o privaraõ das delicias da sua vista; pelo contrario em Ruben ter congresso com Bala concubina de seu pay lhe offendeu a honra, o credito, e orespeyto; ora seja assim, mas segundo as demonstraçoes de Jacob, antes devo inferir que a privaçaõ do gosto he pena mayor, que a injuria do respeyto; do que sentir com a Reverenda Senhora que a injuria do respeyto he pena mayor, que a privaçaõ do gosto; ora vejamollo ponderando os sentimentos de Jacob em huma, e outra offensa.

216 No caso de Ruben dis o sagrado Texto estas formaes palavras: *Abiit Ruben, & dormivit cum Bala concubina patris sui, quod illum minimè latuit.* Teve Ruben congresso com Bala, o que naõ foy escondido a Jacob, e naõ dis mais o Sagrado Texto sobre esta materia; na venda porèm de Jose encarece de sorte o mesmo Texto a pena de Jacob, que senaõ acha em toda a Escritura encarecimento igual; dis primeyramente que rompera as vestiduras, e se cobrira de cilicio, chorando por muyto tempo a falta de Jose: *Scissisque vestibus indutus est cilicio, lugens filium suum multo tempore.* Dis mais que, ajuntando-se os mais filhos com tençaõ cada hum de temperar a pena de Jacob: *Ut le-*

Genes. c. 35. n. 22.

Genes. 37. n. 33.

Ibid. n 34.

nirent dolorem patris, naõ quis o mesmo Jacob admittir consolaçaõ: *Noluit consolationem accipere*; e protestando abertamente que havia de descer ao inferno para chorar a perda do filho, foy continuando nas suas lagrymas: *Descendam ad filium meum lugens in infernum, Et illo perseverante in fletu*: logo mayor pena he carecer da vista do que se ama, que soffrer desattenções no respeyto, porque neste caso soube Jacob dissimular a injuria de Ruben, e no outro foy intoleravel a Jacob a falta de José.

217 Menos obsta a confirmaçaõ da Reverenda Senhora, reflectindo em que Jacob no ultimo periodo da sua vida désse castigo a Ruben pela offensa, que lhe fizera com Bala, naõ dando castigo aos mais filhos pela venda de José, no que parece sentio mais esta, que aquella pena; porque com boa venia da muyta authoridade da Senhora Dona Joanna, totalmente claudicou na intelligencia do Texto, e nem ainda os mesmos Expositores elucidaõ o lugar como he preciso por lhes faltar a lus do Direyto Civil, cuja ciencia se deve necessàriamente suppor para a verdadeyra exposiçaõ do lugar, direy o que me occorre no caso; primeyramente he de saber q̃ o instituidor do morgado, ou primogenitura, em que succederaõ Abrahaõ, Isaac, Jacob, e os mais, foy Deos, o qual lançou em Abrahaõ a primeyra pedra para fecundar a geraçaõ, de que elle havia de ser descendente as preminencias concedidas ao que succedia na primogenitura refere Joaõ Licerier, e constaõ da glosa ao cap. *Quàm periculosum 7. quaest. 1.* e do Texto sagrado em muytas partes; succedia-se nesta primogenitura não por herança, senão por eleyção Divina, como se vio no caso de Esau, e no nosso de Ruben, em que a idade naõ teve preferencia; e, suppos-

Licer. de Prim. lib. 2. q. 2. Glos. & Pereyr. in Genes. 49. ℣. 4. n. 14.

to que Jacob conforme a Direyto podia desherder da legitima a seu filho Ruben por lhe ter violado o thoro no congresso com a sua concubina, da primogenitura naõ o podia privar, porque conforme os Doutores o successor não pòde excluir o immediato do morgado, em que se succede jure sanguinis, ou por eleyçaõ do instituidor, ainda que o immediato lhe fosse ingrato.

Ord. lib. 4. t. 88. §. 10. Cov. Mol. e outros apud Glossat. ibi.

Carol. Molineo. Gom. apud Molin. de Primog. lib. 1. cap. 9. n 2.

218 Não diga logo a Reverenda Senhora que Jacob castigou a Ruben, privando-o da primogenitura, porque quem o privava era Deos, e Jacob naõ fes mais que profetizar aquella privaçaõ, que Deos tinha decretado em pena da sua culpa: *Illud porrò*, dis Pereyra no mesmo lugar: *Quod subditur non crescas, prophetia est ejus, quod futurum erat, dictum est enim non crescas pro non cresces*. Nem diga tambem a Reverenda Senhora que os Irmãos de Josè ficàrão sem castigo pela venda, elles mesmos reconheceraõ que as afflicçoẽs, que padeceraõ, hião em desconto do seu peccado, fazendo talves o arrependimento que o castigo não passasse a mais: *Merito hæc patimur, quia peccavimus in fratrem nostrum,.... idcirco venit super nos ista tribulatio*, sendo tambem certo que por este mesmo peccado foraõ desterrados para o Egypto, durando a peregrinaçaõ quasi hum seculo. E temos dito sobre este ponto, desçamos ao terceyro.

Genes. 49.

Pereyr. ibi.

Genes 42. n. 22.

§. TERCEYRO.

Expõe-se, e expende-se o parecer de S. Joaõ Chrysostomo, e o sentimento do Padre Vieyra sobre o mesmo parecer.

219 SAõ Joaõ Chrysostomo, aquelle Rio, se he que naõ foy o Mar da eloquencia, profundando o immenso pelago das finezas do Verbo

no fim da vida, avaliou por mayor a de lavar Christo os pès a seus mesmos Discipulos, fineza taõ grande, que atrebatou a penna do Evangelista, e os assombros de Pedro; depois que o Evangelista acabou de encarecer o amor do Verbo: *In finem dilexit*, entrou logo a referir com toda amiudeza o lavatorio dos pès, entendendo sem duvida que a fineza do lavatorio era a prova do amor; esta foy a acçaõ, que assombrou a Pedro, por isso admirado na combinaçaõ daquelles dous termos: *Tu mihi*; rompeu extatico: *Tu mihi lavas pedes?* He crivel, Senhor, que, sendo vòs quem sois, me haveis de lavar os pés amim? Serà força de ventura minha, ou falta de conhecimento vosso! Esta distancia infinita de mim a vòs, que eu naõ posso alcançar, só cabe na minha fé, e se me pasma sómente crida, que será vendo-a! Que será, Senhor, quando tiver huma noticia clara da Magestade, que encontro abatida? Mas, se na fé de quem sois cativo agora o entendimento, no excesso, que obrais, quero cativar a razaõ,

220 O mesmo Evangelista ponderando a differença entre os pès dos Discipulos, que haviaõ de ser lavados, e as mãos de Christo, que os haviaõ de lavar, adverte muyto que obrára esta fineza o Verbo, sabendo que o Pay lhe tinha posto tudo nas suas mãos; como se discorrera o amor antes de se arrojar á fineza: Eu tenho tudo nestas mãos, e que posso fazer nesta despedida para prova dos meus extremos? Dar tudo quanto tenho nas mãos he pouco, porque isso mesmo fizeraõ os meus amados, deyxando tudo: *Ecce nos reliquimus omnia*; pois, se he pouco tudo o que tenho nas mãos, quero com as mesmas mãos lavarlhes os pès: *Cœpit lavare pedes*.

Matth. 19. & 22.

221 Todo este discurso patrocina o parecer de

Chry-

Chrysostomo, mas com ser taõ bem fundado, dentro do mesmo lavatorio descobre o Reverendo Padre finezas mayores: grande foy o excesso de lavar Christo os pès aos Discipulos, mas naõ excluir a Judas do lavatorio, lavar tambem os pès a Judas: Esta foy a mayor fineza: prova o Reverendo Padre este parecer com o mesmo Evangelista, que depois de descrever o affecto entrou a provallo, e o que disse foy: *Et Cœnâ facta cùm diabolus jam misisset in cor ut traderet eum Judas, surgit à Cœna, & cœpit lavare pedes discipulorum*: feyta a Cea, tendo já o demonio persuadido a Judas a trayçaõ, se levantou o Senhor a lavar os pès aos seus Discipulos; e porque adverte o Evangelista a trayçaõ de Judas no acto do lavatorio? Porque nesta circunstancia consistio o mais profundo da humildade, o mais profundo da acçaõ, e o mais fino do amor de Christo; agora se alcançará o mysterio, com que o mesmo Evangelista disse do Verbo que amára os seus, que estavaõ no Mundo: *Suos, qui erant in Mundo*; estes seus eraõ os doze da sua Escola, mas com grande differença, que os onze eraõ seus, porque eraõ os seus amigos, o duodecimo era tambem seu, porque era o seu traydor, mas sem embargo da differença, e sem embargo da trayçaõ amado tambem neste fim: *In finem dilexit*. Joan. 13. n. 2.4. et 5.

222 O mesmo Senhor, que disse naõ necessitarem de outro lavatorio, que o dos pès os que estavaõ limpos de culpa grave: *Non indiget nisi ut pedes lavet*, accrecentou tambem: *Et vos mundi estis, sed non omnes*: porèm vòs, Discipulos meus, estais limpos, mas naõ todos, alludindo a Judas maculado com a culpa da trayçaõ: *Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum, propterea dixit: Non estis mundi omnes*. Pois, se Christo tes esta exceyçaõ entre todos: *Sed non omnes*, porq̃ naõ ex-

exceytuou tambem o traydor da fineza do lavatorio? Porque hoje dis o Padre Vieyra, naõ era o seu dia de Juiso, senaõ o do seu amor.

223 Amây aquem vos tem odio, e fazey bem aquem vos quer mal, dis Christo: *Vt sitis filii Patris, vestri qui in Cælis est*, paraque sejais filhos de vosso Pay, que está no Ceo; e que fas no Ceo o Pay do Ceo? Trata com igualdade a bons, e maos; a todos utiliza com a chuva, e a todos alumia com o Sol: injusta parece a igualdade, mas assim costuma proceder o amor, acreditando a sua fineza nos resabios de injustiça. Os operarios da vinha tiveraõ por menos justo o Pay de familias, premiando com igualdade aos que serviraõ menos, como aos que serviraõ mais, porque ignoravaõ sem duvida que o mesmo Senhor em credito da sua affeyçaõ costuma fazer outras, ao parecer, injustiças mayores; servir mais, ou servir menos tudo he servir, e se he assombro igualar no premio aos q̃ foraõ dos iguaes no serviço, que pasmo será igualar na fineza os maos, que offendem, com os justos, que servem?

Matth. 5. n. 45.

224 He verdade que no Egypto quando Deos castigou a Faraõ, cuja dureza naõ excedia a de Judas, o Sol allumiava os Hebreos, e os Egypcios viviaõ em trevas, nos campos dos Israelitas, e dos Hebreos sim choviaõ as nuvens, mas para os Israelitas crystaes, para os Hebreos rayos; entaõ procedia Deos como Juis severo, agora communica-se como Pay amorozo, e o amor fino (qual he o amor de Pay) quando he igual para benemeritos, e indignos, nessas apparencias de injusto se acredita de fino; mas ainda passou a mayor excesso a igualdade do Filho, naõ só distillou amante os beneficios do Ceo sobre justos, e injustos; mas desceu atè os pès de huns, e outros; para todos lançou agua

agua na bacia: *Deinde mittit aquam in pelvim*; a todos Joan.13. n.
lavou os pés: *Cæpit lavare*, a todos os alimpou cõ a to- 5.
alha: *Extergere linteo*: como Sol em fim que a todos, Ibi.
enxuga, e como agua, que a todos molha; e, ainda
que os outros Discipulos queyxozos da igualdade podiaõ dizer com os operarios: *Et pares illos nobis fecisti*, taõ longe esteve Christo de reprimir a fineza, que Matth.20. n. 12.
estimou o reparo, porque as queyxas, quando as houvera, da sua justiça, eraõ os panegyricos do seu amor.

225 Atè qui o R. P. reflectindo sobre o amor de Christo pelas clausulas do Evangelho, e considerando assombrados os Discipulos na mesma igualdade do favor, sem tomarem pé no mysterio, posto q̃ a agua da bacia lhes dava pelos artelhos, em nome de todos introdus o Evangelista que naõ só sabia da trayçaõ, mas do traydor, e dis assim na sua pessoa: Senhor, que igualdade he esta, de que usais com os amigos, e com o inimigo, o mesmo sois para o traydor, e para o fiel, para os que vos renderaõ a liberdade, e para o que ha de vender a vossa? Infausto na verdade tem sido para vòs este nome de Judas, pois em qualquer que se acha vos traça a venda, hũ a traçou em Canaan com huma figura vossa, que foy José, outro a està traçando naõ de José, mas de Jesus; muyto vay da figura ao figurado, e deste Judas àquelle Judas; aquelle traçou a vẽda para livrar o irmaõ da morte; este maquina a trayçaõ para vos pòr na Crus: e q̃ diraõ as Cruzes de Pedro, e dos outros, q̃ em obzequio vosso haõ de perder as vidas, de sorte q̃ tanto merece quem morre, como quem mata?

226 Se a mayor fineza do vosso amor no principio da sua vida foy tomar a natureza humana no mais bayxo grao de sua fortuna, qual he a de escravo, vede como no fim da mesma vida aceytaõ vossos Discipu-

los

los esse extremo de humildade vossa: Pedro teve igual resoluçaõ a sua fé, e aos vossos attributos: *Non lavabis mihi pedes in æternum*; eternamente disse naõ consentiria tal cousa, porque a hum acto de humildade infinita, era devido outro de resistencia eterna; assim se portou Pedro em nome de todos: chegastes porèm a Judas, e tremendo de assombro as paredes do mesmo Cenaculo, vendo senaõ sumiaõ as aguas, nem derretia o metal daquella bacia, só Judas mais duro que o mesmo bronze presistia na dureza, e na trayçaõ; naõ lhe desvaneceu a cobiça da prata o ouro dessas mãos arrojado aos seus pès, nem o rendeu a brandura, nem o enterneceu a fineza, antes mais insolente, e tyranno, vendo que lhe lavaveis os pès como escravo, como escravo resolvia vendervos, e que em tal caso aquelle coraçaõ, q̃ depois rebentou, senão visse sepultado, e tragado dos abismos! Para quando saõ, Senhor, os castigos, para quando os rayos? Aquelle, que merecia arder no fogo, ha de banharse na neve, ha de ter com Pedro igual fortuna, sendo no merecimento desigual a Pedro?

217 Sim, Discipulo naõ só amado, mas amante, que estas desigualdades naõ arguem o amor de injusto, senaõ de fino; concedevos que seja mayor para Christo o odio de Judas, que o amor de Pedro, mas o que da hi se segue, he que o amor de Christo para Pedro foy paga, a que se chama correspondencia, e o amor de Christo para Judas foy excesso, a que só se pòde chamar fineza; senaõ dizeyme, Evangelista amante, pois sois o mayor Theologo, Christo morreu por todos? Sim: *Pro omnibus mortuus es Christus*; e morreu tambem por Judas? Tambem. Pergunto mais, Christo lavou a todos com o seu Sangue? Sim, e vòs o escrevereis depois: *Qui dilexit nos, & lavit nos à peccatis nostris*,

Ep. 2. ad Cor. 5. n. 15.

Apoc. I. n. 5.

nostris in sanguine suo. E lavou tambem no mesmo Sangue a Judas? Tambem; pois, se Christo naõ excluhiu a Judas do lavatorio do seu sangue, como o havia de excluir do lavatorio da agua? Em hum, e outro caso a razaõ era a mesma, porque era o mesmo amor, e que se havia de esperar de hum amor sem differença, senaõ huma igualdade sem mudança; na Crus, em que apenas ha quem morra por hum justo, morreu Christo naõ só pelos justos, mas tambem pelos injustos, naõ só pelos bons, mas tambem pelos maos: e qual he mais, Evangelista amado, morrer por quem me ama, ou morrer por quẽ mata? Pois aquillo fes o amor de Christo com Pedro, isto fes o amor de Christo com Judas.

228 Là disse Agostinho que na Crus olhava Christo para os Algozes, naõ como para aquelles, que lhe tiravaõ a vida, senaõ como para aquelles, por quem elle a dava: *Non quòd ab ipsis, sed quia pro ipsis moriebatur.* Disse bem, mas naõ disse tudo, olhava Christo para todos, e para tudo; para huns como mais affectivo, e para outros como mais ansiozo; naõ quereis, Evangelista amado, que seja fino para com outro o vosso Amante? Ora ouvime (que gosto de falar com quem me entende) para comvosco naõ podia ser fino o amor do Verbo; porque era taõ alta a vossa correspondencia, que se lhe naõ engrossava as finezas, impedia que o fossem; e supposto que sabeis da trayçaõ, e do traydor, sabey tambem que naõ achou Christo menos motivos em Judas para o querer, que em vòs para vos amar; quereis a prova, ouvi-a.

Aug. tr 31. in Joan. circ. med.

229 Chorava David as mortes de Jonathas, e Saul, mas reparay no que dis de ambos: *Saul, & Jonathas amabiles.* Saul, e Jonathas ambos eraõ amaveis. Notavel dizer de David! Que Jonathas fosse a-

amavel mereciam-no as finezas, que obrou por David; mas que sendo Saul ao mesmo David taõ ingrato, diga David que era amavel? Sim, e por isso mesmo; porq̃ no peyto daquelle grande homem, faziaõ bataria igual as finezas de Jonathas, e às tyrannias de Saul, as finezas de Jonathas provocavaõ-lhe o amor forte, as crueldades de Saul provocavaõ-lhe o amor fino, eraõ as ternuras do primeyro como os rayos do Sol, que derretem favos de cera, era a crueldade do segundo como os rayos da nuvem, que escallaõ montes de diamante; valente sempre David, e pela mesma fórma no coraçaõ, que nos braços, porque se na campanha triunfava naõ só dos cervos, mas dos tigres, na Corte agradecido a Jonathas amava a Saul, e taõ heroycamente, que se apostou a vencer com as suas finezas as suas tyrannias, fazendo do mesmo odio motivos ao seu affecto: tal era a amabilidade de Jonathas, e de Saul para com David, e as mesmas foraõ para com Christo, a de Joaõ, que era o seu Jonathas, e a de Judas, que era o seu Saul; por isso o beyjou de pàs com o nome de amigo derivado da mesma amabilidade: *Amice.*

Matth. 26 n. 50.

230 Emfim conclue o Reverendo Padre todo este discurso com a reflexaõ, que já fizemos no num. 94. pela qual prova a mayoria da fineza no lavatorio de Judas; considera a Christo sentido porque começou lavando: *Cœpit lavare*; e acabou sem lavar. Os pès dos mais Discipulos ficáraõ lavados, os de Judas molhados sim, lavados não; nos mais logrou o intento, em Judas perdeu a obra; desgraça fora, se Christo o naõ soubera, mas, sabendo-o, Judas foy desgraçado, porèm Christo andou fino: Saõ Bernardo definindo o mais fino amor, dis que naõ busca causa, nem frutto, ama porque ama, e ama por amar. Nos mais Discipulos

pulos teve o amor de Christo causa, e taõ grande, como o grande amor, que a elle lhe haviaõ de ter atè à morte; em Judas não só naõ teve causa para o amar, mas muytas para o aborrecer. Dos Apostolos, entrando tambem Judas neste numero, esperou Christo frutto da sua eleyçaõ: *Ut fructum afferatis*; para este frutto regou hoje aquellas plantas, e só Judas foy a maldita, e esteril, que brotou em espinhos, esperando se fruttos: *Expectata est ut faceret uvas, fecit autem spinas.* E como Christo sabia o mao grado, que havia de colher desta sua diligencia; que devendo-a antes mandar lançar no fogo, a regasse com tanto amor, como as demais perdendo o trabalho das suas mãos, e tambem o regadio mais alto das suas lagrymas! Esta foy a fineza sobre fineza do lavatorio dos pès. Atéqui o Padre Vieyra em favor do seu parecer: ouçamos agora a Madre Joanna.

Joan. 15. n. 16.

Propõe-se, e refuta-se o que nesta parte escreveu a Reverenda Senhora contra o Padre Vieyra, e se elucîda o seu parecer.

236 AGora se verà expressamente como a Reverenda Senhora naõ chegou a ler o discurso do Reverendo Padre; porque, dizendo S. João Chrysostómo que a mayor fineza de Christo fora lavar os pès aos Discipulos, e replicando o Padre Vieyra que fora mayor excesso lavallos tambem a Judas; a Reverenda Senhora, escreve que o Padre Vieyra dis que naõ fora a mayor fineza lavar os pès aos Apostolos, senaõ a causa, que o moveu a lavarlhos, e tal cousa como esta, naõ dis o Padre Vieyra: he para ver agora os grandes alaridos, com que a Madre Joanna se põe

em

em desprezo desta asserçaõ, porèm, como naõ entenda, com nosco, nem cousa nossa; pòde buscar quem a soffra, que eu estou para defender o Padre Vieyra, mas para o que elle naõ dis, nem tenho payxaõ, nem me sobeja tempo.

232 E para que alguma critica naõ chege a censurar a resoluçaõ da Padre Vieyra, affirmando que em dizer Chrysostomo fora mayor fineza lavar os pès aos Discipulos, nisso mesmo incluhira o lavatorio de Judas, que era discipulo como os mais; respondo que Chrysostomo incluhio o lavatorio de Judas como discipulo, mas naõ o lavatorio de Judas como traydor; e aqui he que esteve o excesso; assombrou-se Chrysostomo de que, sendo Christo o Filho do Eterno Padre, e com elle o mesmo Deos, se abatesse aos pès dos homens, muyto foy; mas que sabendo ser Judas traydor, lavasse tambem os pés a Judas! isto foy muyto mais: abonemos esta precisaõ com as palavras do Anjo às Marias na felis madrugada, em que Christo ressuscitou: *Ite, & dicite discipulis ejus, & Petro quia præcedet vos in Galilæam.* Ide, e dizey aos Discipulos, e a Pedro que Christo os espera em Galilea. Reparaõ os Expositores em nomearem os Anjos especialmente a Pedro sendo Discipulo, ao mesmo tempo que falavaõ dos Discipulos todos; e responde com muytos, o Sylveyra na exposiçaõ literal, que por isso o nomearaõ separado, pela especial prerogativa de Princepe dos Apostolos, pela qual o mesmo Pedro se distinguia naõ só dos outros Disciplos, mas de si mesmo.

Marc. 16. n. 17.

Sylveyra.

233 Logo, ainda que Chrysostomo incluisse a Judas na razaõ de Discipulo, como Judas era traydor, replicou bem o Padre Vieyra que fora mayor excesso lavar Christo os pés a Judas como traydor; porque Judas

das traydor he couſa differente de Judas diſcipulo, aſſim como Pedro Principe dis mais alguma couſa, que Pedro Apoſtolo: os Anjos preſcindiraõ em Pedro a razaõ de Principe da razaõ de Diſcipulo, o Padre Vieyra preſcindio em Judas a razaõ de traydor da razaõ de Apoſtolo; os Anjos naõ comprehenderaõ a Pedro como Principe debayxo da razaõ de Apoſtolo por attençaõ à excellencia de Pedro, o Padre Vieyra naõ individuou o traydor na razaõ de diſcipulo por attençaõ à fineza de Chriſto; e, correndo eſte diſcurſo com o dos Anjos o meſmo parallelo, que havemos de dizer ſenaõ que o Padre Vieyra diſcorreu como hum Anjo: o Direyto Civil, e Canonico, como tambem as mais faculdades, reconhecem eſta fórma de arguir, conſiderando na meſma peſſoa direytos differentes, ſegundo as diverſas dignidades, que nella ſe encontraõ, ſendo trivial: *Quòd una perſona duplici jure conſiderari poteſt*; baſtando eſta meſma diſtincçaõ reſpectiva para ſe comporem, e conciliarem propoſições contrarias, de que naõ faltaõ exemplos na meſma Eſcritura, porque perguntando-ſe ao Baptiſta ſe era Helias, reſpondeu q̃ naõ; ſendo que o meſmo Chriſto affirmou que o Baptiſta era Helias; cuja Antinomia de Textos ſe ſalva nas differentes accepções do meſmo Baptiſta.

L. Singularia D si cer. pet. L. cum quidam. c de Administr. Tut. L. Labeo D. ad Municip. c. Cùm in Eccleſ. de conceſ Præb l. 6. c. ex literis de Prob. Arouc. ad L. 8. de legib. n. 4.

234 Porque, ſe olharmos para as peſſoas, diſſe bem que naõ era Helias, mas ſe olharmos para o eſpirito, quem póde duvidar que o era? Aſſim conciliou o meſmo Deos eſta contradicçaõ por bocca do Anjo: *Ipſe præcedet ante illum in ſpiritu, & virtute Heliæ.* O meſmo Chriſto, ſendo hũa peſſoa ſó, entra no predicamento da ſubſtancia em quanto homem, e naõ entra no meſmo predicamento em quanto Deos, por iſſo deſignado com o nome de JESUS q̃ *de formali* dis a natureza

Joan. 1. n. 21. Matth 11. n. 14.

Luc. 1. n. 71.

Vasq. 1.p.d. 67.c. 1. n.6. tureza humana, connotando o supposto Divino, entra no tal predicamento, e designado pelo nome Manoel, q̃ *de formali*, segundo o Hebreo, dis a natureza Divina, Fonsec.5. Metaph.cap 8. q.7.S.15. connotando a humana, naõ entra no predicamento da substancia: logo em dizer o Padre Vieyra que fora fineza mayor de Christo lavar os pès a Judas como traydor, que lavarlhos como discipulo, arguhio com differença à opiniaõ de Chrysostomo, porque Chrysostomo naõ se estendia a Judas traydor, e só se restringia a Judas discipulo: provo.

235 Naõ distinguio o Santo Doutor entre Judas, e Pedro, porque, dizendo que fora a mayor fineza de Christo lavar os pès aos Discipulos, comprehendeu nesta universal a todos naquella só razaõ, em que convinhaõ que era a razaõ de Discipulos: logo naõ olhou para a circunstancia da trayçaõ, que fazia avultar a fineza; e esta foy a que o Padre Vieyra ponderou, mas com tanta energia, e discriçaõ, que nos naõ fica mais lugar que taõ somente a declaralla, e seja com elle mesmo no Sermão das Tentações do Tomo 12. Vieyr. tom. 12. f.mihi 319.

236 Considera alli o Padre Vieyra a Judas naõ sô com o demonio no coraçaõ, mas transformado no mesmo demonio: *Unus ex vobis diabolus est?* E repara notavelmente que conseguira o demonio no Cenaculo o que naõ soubera negociar no monte; no monte prometteu a Christo o Mundo todo pello ver prostrado aos seus pès, cá, transformando-se em Judas, teve a seus pès a Christo: esta mesma reflexaõ se acha no Padre Mariana no seu Arsenal predicavel; e reparando nesta mesma circunstancia, quē poderá negar q̃ foy este muyto mayor excesso, que o outro de lavar os pès aos Discipulos; quando Christo lavou os pès a Pedro vio-se humilhado a hum Santo, quando os lavou a Judas,

Joan.c. 6.n. 71. Arsen.predic. Verbo Anima in fine.

pro-

proſtrou-ſe ao meſmo demonio: mais fes logo por Judas, q̃ por Pedro, pois para obrigar a eſte lavoulhe os pès, e para render a Judas proſtrou-ſe a Lucifer: quem poderia com os olhos, já naõ digo da razaõ, mas da fé dar aſſenſo a hum ſucceſſo taõ inaudito? Se pelo demonio pretender parelhas no Empyreo foy lançado no fogo, ſe por intentar adoraçóes no monte foy deſpreſado de Chriſto, que paſmo, e que aſſombro ſeria ver o meſmo Chriſto proſtrado aos pès do demonio? Alli ſevio a grandeza humilhada, a ſoberania abatida, paſſando a fineza naõ ſó a deſperdiços de perolas nas correntes de ſeus olhos, mas de ouro no aureo das ſuas mãos: quem aqui naõ paſma, ou lhe falta a razaõ, ou a fé; eu naõ ſó paſmo, mas páro, porque naõ acho mais expreſſivos termos, que o ſilencio, e o aſſombro.

§. QUARTO.

Propõe-ſe, e defende-ſe o parecer, e a opiniaõ do Reverendo Padre Antonio Vieyra, que tem ſer a mayor fineza de Chriſto naõ pedir para ſi, mas para nòs a correſpondencia do amor, que nos tinha.

237 REferidas as opiniões principaes dos Doutores, propõe a ſua o Reverendo Padre, dizendo que a mayor fineza de Chriſto neſta hora foy mandar que o amor, com que nos amou, foſſe divida de nos amarmos: *Et vos debetis alter alterius lavare pedes*; de ſorte que naõ dis Chriſto ſervime, pois eu vos ſervi, amayme, pois eu vos amey, ſenaõ, pois eu vos amey amayvos, pois eu vos ſervi, ſervi-vos huns aos outros: *alter alterius*: Oh fineza digna ſómente de hum homem Deos! O amor dos homens

dis; ameyvos, pois amayme, o de Christo dis, ameyvos, pois amayvos: ameyvos, pois amayme he voz de interesse: ameyvos; pois amayvos he voz, posto que nunca ouvida, do verdadeyro, e só amor; isto he amar, o demais amarse.

238 O amor humano, e muyto racional dis o que me deveis a mim, pagaymo a mim; o de Christo superior a toda a razaõ, e só igual a si mesmo, naõ dis o que me deveis a mim, pagaymo a mim, senaõ o que me deveis a mim, pagay-o a vòs; isto ordenou o Senhor nesta hora para credito do seu mesmo coraçaõ, por isso o grande Secretario daquelle Divino Peyto, conhecendo a altura desta fineza, recomendou-a à eternidade nos seus escritos: *Si sic Deus dilexit nos, &, nos debemus alterutrum diligere.* Amounos Christo em quanto Deos, e em quanto homem, ou como homem, e Deos juntamente; e o que daqui se segue, ou quis elle que se seguisse, he que nos amemos huns aos outros: traspassou Christo em nòs o direyto do seu amor, e pelas escrituras deste traspasso: *Et vos debetis, & nos debemus*; todas as obrigações de o amarmos a elle saõ dividas de nos amarmos a nòs, fes nos herdeyros das dividas do seu affecto, e seguio-se, que sendo elle o amante, nòs havemos de ser os correspondidos: o amor, e a correspondencia saõ dous actos reciprocos, que sempre olhaõ mutuamente, de que se segue que, sendo amor de Christo para nòs, devia ser a nossa correspondencia para Christo, porèm o Divino Amante trocou esta ordem natural de tal maneyra, que o amor, e a correspondencia tudo quis que fosse nosso, e para nòs; nòs os amados, e nòs os correspondidos; nòs os amados, porque elle foy o que nos amou, e nòs os correspondidos, porque nòs somos os que nos havemos, e devemos amar: *Et vos debetis.*

Ep. 1. Joan. c. 4. n. 11.

Este

239 Este he o parecer do grande Vieyra, a que confeça naõ achar exemplo nem na Escritura, nem fóra della, e de cuja fineza dis naõ haver outra mayor, nem igual; e a meu parecer disse muyto bem o Reverendo Padre naõ só na primeyra, mas na segunda parte da Conclusaõ; entra agora o mesmo Vieyra a provar o seu pensamento com as palavras de Christo proferidas nesta mesma occasiaõ: *Mandatum novum do vobis, ut diligatis invicem, sicut dilexi vos*, e repara com os Doutores chamar Christo novo ao preceyto de nos amarmos huns aos outros, sendo que jà na Ley antigua nos tinha mandado amar ao Proximo, e na Ley nova nos havia mandado tambem amar os inimigos; pois, se este preceyto ficava estabelecido em huma, e outra Ley, como chama Christo a este preceyto preceyto novo: *Mandatum novum*? Responde literalmente ao Texto com o mesmo Texto, deyxando quatorze opiniões, em que os Doutores se dividem para conciliar esta repugnancia; e dis finalmente assim o Padre Vieyra. Naõ só dis Christo: *Mãdatum novum do vobis, ut diligatis invicem*, mas accrescenta: *Sicut dilexi vos, ut & vos diligatis invicem*; douvos hum mandamento novo, o qual he que vos ameis huns aos outros, como eu vos amey a vòs, para que vòs vos ameis a vòs. De sorte que a novidade do mandamento, e do amor naõ està em os homens se amarem huns aos outros, està em que o amor, com que se amarem, seja paga do amor, com que Christo os amou: *Sicut dilexi vos, ut & vos diligatis invicem.* Este he o amor novo, e o mandamento novo: *Mandatum novum do vobis*: porque nem Deos deu nunca tal preceyto, nem Christo ensinou nunca tal doutrina, nem os homens imaginàraõ nunca tal amor. Esta he a asserçaõ do Reverendo

Joan. 13. 34.

Padre, ouçamos agora como a entendeu, e glozou a Reverenda Senhora.

Propõe-se a intelligencia da Reverenda Senhora à cerca da opiniaõ de Vieyra, que se refuta, e convence de erronea.

240 PRimeyramente depois de exposta a opiniaõ de Vieyra lhe levanta a M. Soror Joanna o mayor testimunho, que ainda se escreveu em papel; e he que o Reverendo Padre do Texto: *Et vos debetis alter alterius lavare pedes*, inferira que Christo não quer que o amemos, senaõ que nos amemos huns aos outros; Conclusaõ na verdade temeraria, heretica, e ridicula, digna sómente de Calvino, e Luthero, mas naõ da santidade, juiso, e letras do Padre Antonio Vieyra; lea-se, e muytas vezes, o discurso passado, e achar-se-ha que a asserçaõ do Padre Vieyra se resolve só em que Christo por fineza do seu amor naõ quis fazer da sua mesma fineza argumento para o amarmos a elle, senaõ para nos amarmos a nòs; isto he o que dis, e naõ dis mais; não dis que o não amemos a elle, senão que nos amemos a nòs para pagarmos o que lhe devemos a elle: nem aquella consequencia, ou absurdo se pòde seguir do que sobre o Texto notou o Reverendo Padre, e senaõ proponhamos distintamente as suas proposições.

PRI-

PIMEYRA PROPOSIÇAM.

Christo quis que o amor, com que nos amou, fosse divida de nos amarmos.

241 DEsta proposiçaõ o que se segue he: logo Christo não nos quis obrigar por meyo do seu amor a que o amassemos a elle, senão a q̃ nos amassemos a nòs; porèm não se segue a barbaridade: logo Christo não quer que o amemos? Sim quer que o amemos, mas não nos amou por essa razão, nem quis obrigar a nossa affeyção por meyo das suas finezas, o que tudo pòde estar com a vontade de ser amado. Agradece David a Berzellay o favor, que lhe havia feyto no tempo da sua perseguição, e convida o para a sua Corte, e para o seu paço; o bom velho porém, que já naquella idade larga tinha bastantes experiencias das grandezas do Mundo, recusou generosamente o valimento de David, pedindo para seu filho toda a boa correspondencia: *Est autem servus tuus Chamaan; ipse vadat tecum, Domine mi Rex & fac ei quid quid tibi bonum videtur.* Condescendeu David com a vontade de Berzellay, e disse assim ao bom velho: *Mecum transeat Chamaan, & ego faciam tibi quidquid tibi placuerit*, visto que tu, ó Berzellay, queres para teu filho a boa correspondencia, q̃ devo ao teu affecto, venha comigo para a Corte, e lhe prometto fazer o que tu quizeres; mas adverte que quanto me pedires, tudo has de conseguir: *Et omne, quod petieris à me, impetrabis.* Aqui reparo.

Lib. 2. Reg. c. 19. n. 37.

242 Se Berzellay pede para o filho a paga do seu amor, e David tem consentido nisso, como torna David

vid a proteſtar a correſpondencia com Berzellay? Porque entendeu muyto bem que a paga renunciada no filho naõ o desobrigava da correſpondencia ao pay: logo, ainda que Chriſto renunciou em nòs as acçoens do ſeu amor, nem por iſſo ſe deve inferir que recuſou o noſſo affecto; e a razão dá o meſmo Vieyra naquella diſtincção, que aqui meſmo obſerva entre o amor Divino, e o amor humano; *no amor dos homens*, dis elle, *em que o ciume ſe reputa fineza, hum amor leva ſempre por condiçaõ dous aborrecimentos, porque quando vos amaõ he com condiçaõ de naõ amardes a outrem, nem outrem amarvos a vòs: pelo contrario o amor de Chriſto leva por obrigaçaõ dous amores, porque nos ama com preceyto de que cada hum de nòs ame a todos, e de que todos amem a cada hum de nòs*; em cujos termos ſe deve obſervar muyto que, contrapondo o Padre Vieyra o amor humano ao Divino, falando do humano, dis q̃ quem ama, quer que o amem, e falando do Divino por contrapoſição, não dis que amando-nos Chriſto não quer q̃ o amemos, e o q̃ affirma he que nos obriga com o ſeu amor a amarnos mutuamente huns aos outros, porque, como aſima dizia, eſta he a differença de hum amor a outro, o humano naõ admitte companhia no querer, nem participação no amor. Raquel de tal ſorte queria q̃ Jacob a amaſſe, q̃ não amaſſe a Lia; Sara de ſorte zelava os affectos de Abrahaõ, q̃ excluhio a Agar: o amor Divino porèm não ſó quer, mas manda expreſſamente que amemos a Deos, e juntamente ao proximo, e com tal dependencia entre hum, e outro preceyto, que na falta de hum ſe quebraõ ambos.

243 Quando Moyſés deſceu do monte com a Ley eſcrita nas duas taboas dis o Sagrado Texto que, vendo o Povo idolatra, quebràra no pè do monte as

ta-

taboas da Ley: *Confregit eas ad radicem montis.* Estranha resoluçaõ de Moysés! Que quebrasse a primeyra taboa, em que se continhaõ os preceytos, que respeytavaõ o amor de Deos, bem está, porque contra este preceyto tinha procedido o Povo adorando o bezerro; mas a segunda, que continha os preceytos, que respeytavaõ ao amor do Proximo, quando no amor do Proximo naõ tinhaõ peccado os Hebreos? Sim, responde o nosso Sylveyra, porque saõ taõ dependentes estes dous preceytos, que na quebra hum perigaõ ambos; nunca o amor de Deos correu fortuna, que o do Proximo naõ padecesse naufragio, por isso Moysés vendo hum preceyto quebrado, quebrou ambas as taboas: *Confregit eas.* He o que dis Saõ Joaõ na sua Canonica: *Si quis dixerit quoniam diligo Deum, & fratrem suum oderit, mendax est.*

Exod 32. n. 19.

Sylv tom. 5. lib. 7. cap. 15. q. 3. n. 19.

Joan. Ep. 1. c. 4. n. 20.

244 Esta doutrina, que a Reverenda Senhora reconhece no seu papel, seria tal ves escondida ao Padre Vieyra? Poderia entrar no juiso do Reverendo Padre que Christo mandandonos amar ao Proximo, naõ queria que o amassemos? Só a Reverenda Senhora o chegou a dizer, sendo porèm a verdade do caso que o Padre Vieyra sómente dis que de amarnos Christo a nòs naõ quis fazer argumento para o amarmos a elle, mas sim para nos amarmos huns aos outros; amounos naõ com os olhos em si para ser amado, senaõ com os olhos em nòs para nos amarmos; naõ cõ os olhos em si para se ver correspõdido, senaõ com os olhos em nòs para nos ver affeyçoados; quis-nos amantes sem a conveniencia de ser amado: *Et vos debetis alter alterius, &c. Ut diligatis invicem, &c.*

SEGUN-

SEGUNDA PROPOSIC,AM.

Christo traspassou em nòs todo o direyto do seu amor, e pelas escrituras deste traspasso todas as obrigaçoens de o amarmos a elle são dividas de nos amarmos a nòs.

245 ESta he a segunda proposição do Padre Vieyra; e o que se segue della he: logo Christo com o amor, que me teve, naõ me obrigou a amallo, senão ao Proximo; de sorte que, se eu naõ amar a Christo porque me amou nesta occasiaõ, não pecco contra o novo preceyto, porque o preceyto naõ foy de amar a Christo pelo que Christo me ama, senão de amar ao Proximo em correspondencia ao amor de Christo. Explicou-se genuinamente o Reverendo Padre nas palavras, que se seguem: fes-nos Christo herdeyros das dividas do seu amor; naõ disse das dividas da sua Omnipotencia, com a qual nos creou, e precizou o nosso affecto como creaturas suas, no que claramente se deu a entender o Padre Vieyra depois de explicarse tanto: porque, concorrendo em Deos infinitos motivos para o amarmos, como era a sua Bondade essencial, a sua perfeyção, e o seu mesmo affecto, e tudo o mais, que nenhum entendimento pòde alcançar; nas ultimas horas da sua vida rezervou para si o nosso amor pelos outros motivos, que temos para o amar, e só da obrigação de o amarmos porque nos ama, cedeu finamente, querendo pela cessaõ deste direyto que pedissemos, e pagassemos huns aos outros o amor, que lhe deviamos a elle.

246 He isto huma cousa tão clara, que ainda quem

quem não quizer por forſa o ha de entender; eſtamos em ponto juridico, e aſſim com hũa roſolução de Direyto nos havemos de explicar. He certo, como enſina a Juriſprudencia, que á cerca da meſma couſa me podem competir varias acções para effeyto de a conſeguir, porque, ſuppoſto a couſa naõ poſſa ſer minha mais que huma ves, para havella poſſo ter muytos meyos, aſſim o dis o Juriſconſulto na Ley *Et an eadem* 14. *D. de exception. rei judic. Neque enim amplius quàm ſemel res mea eſſe poteſt, ſæpiùs tamen deberi poteſt.* E na L. *Non ut ex pluribus* 159. *D. de R. Jur.* e outras muytas: ve-ſe iſto naquelle, a quem a meſma couſa foy juntamente doada, legada, e vendida, porque a pòde pedir, e haver por meyo da acçaõ *Exempto, Legati*, ou por virtude da doaçaõ; mas, ſe eſte tal recuſar a doaçaõ, naõ he viſto recuſar a couſa, porque a pòde obter pela acçaõ de compra; os Cauſidicos eſtaõ a cada hora deſiſtindo da acçaõ já intentada, ſem que deſiſtão da cauſa, o que lhes he permittido, eſtando a cauſa *re integra*, como dis a ſua praxe: pois, ſe eu deſiſtindo de huma das acções para haver a couſa, naõ ſou viſto deſiſtir della, bem ſe ſegue que naõ deſiſtio Chriſtó do noſſo affecto, ainda que deſiſtio de huma das acções para obrigallo, que era o ſeu meſmo amor: Se na fraſe da Eſcritura, nota Vieyra, quando Deos dis que quer huma couſa, e naõ outra, naõ quer dizer que deſiſte da outra totalmente, mas que quer mais a primeyra; que juiſo ha de inferir que Deos naõ quer o noſſo amor, viſto que em ſatisfaçaõ do amor, que nos teve, nos manda, não que o amemos a elle, ſenaõ huns aos outros: *Ut diligatis invicem?*

L. poſſideri 3. §. Ex pluribus 4. D. de Acq. poſ. L. Pupilli 96 § cum eod. D. de Sol. L. Non eſt novum 10. D. de Act. empti. L generalit. 5. D. de Fidejuſ. L. hæres 21. D. eod. & ſimil.

Vieyr. tom. 9. f. mihi 116.

247 A renuncia nem em Direyto ſe preſume, havendo conjectura, que perſuada o contrario, e para

Barb. in collect. ad cap. 8. de Conſt. n. 3.

ſer

ſer prejudicial deve ſer expreſſa : logo de Chriſto mandar que em ſatisfaçaõ do amor, que lhe deviamos a elle, nos amaſſemos a nòs , naõ ſe pòde dizer que renunciou a noſſa correſpondencia, e muyto menos que a naõ quer ; naõ a pos em preceyto ſim , mas deyxar de querella não conſta. Neſta evidencia ſe fas digna de cenſura a muyta ocioſidade,com que a Reverenda Senhora ſe canſa em provar com demaſiada largueza, que o mel he doce, digo que Deos quer, e manda, que o amemos a elle primeyro que tudo , e ſobre tudo ; couſa he certa , clara , e evidente ; mas alhea do aſſumpto : porque para ferir o ponto devia a Reverenda Senhora provar que de Chriſto nos não pòr preceyto de o amarmos por nos ter amado , ſe ſeguia não querer que o amaſſemos , mas , como a prova he neſte caſo impoſſivel, todo o diſcurſo vem a ficar quimerico.

247 Paremos agora a ouvir huma diſtincçaõ, que fas a Reverenda Senhora , e em que cuyda ter convencido o Padre Vieyra ; verſa ella entre a correſpondencia, e utilidade da meſma correſpondencia; os homens, dis , querem a correſpondencia como bem proprio, Chriſto quis a correſpondencia para bem dos homens, não renunciou a correſpondencia do ſeu amor, ſenaõ a utilidade deſſa meſma correſpondencia , porque a correſpondencia quis Chriſto para ſi, e a utilidade para nós: eſta diſtincçaõ , dis ella , naõ percebeu o Padre Vieyra, ſuppoſto que andou perto da ſua percepçaõ; via a Chriſto deſintereſſado , e perſuadio-ſe a que naõ quis ſer correſpondido, ſendo que quis ſer correſpondido, e ſó naõ quis a utilidade deſſa correſpondencia : iſto em ſumma dis a Reverenda Senhora. Entremos porém a examinar ſe no que dis o Padre Vieyra eſtá fundada eſta meſma diſtincção ; para o que havemos de ſuppor

com

com os Jurisconsultos que quando Pedro cede em Paulo a acçaõ, que tem contra Ticio, Pedro cedente fica com a acçaõ directa, e Paulo cessionario com a acção util; isto he, com a utilidade da acçaõ de Pedro, pois por virtude da cessaõ recebe a paga: o que supposto.

249 Vamos agora à proposição de Vieyra, Christo traspassou em nós, isto he, cedeu em nòs (porque ceder, e traspassar tudo he o mesmo) todo o direyto do seu amor; pois, se Christo cedeu em nòs o direyto do seu amor, Christo cedente ficou com a acçaõ directa, e nòs como cessionarios ficàmos com a utilidade da acçaõ; percebeu logo o Reverendo Padre aquella escondida distinçcaõ, pois os termos, porque fala, se resolvem nisto mesmo: porèm o Padre Vieyra passou a mais, e disse taõ escondida, como engenhosamente que Christo quis para nòs a mesma correspondencia, que lhe devemos ao seu affecto, ordenando finamente que nos pagassemos huns a outros a divida, em que lhe estavamos por causa do seu amor, isto he o q̃ dis o Padre Vieyra, chamandolhe com razaõ a mayor fineza do amor de Christo: porque, ainda que o Divino Mestre naõ possa receber de nòs algũa utilidade, q̃ persuada interesseyro o amor, com tudo o seu amor pòde parecer mais, ou menos fino segundo os respeytos, que o movem; e porq̃ só o podia mover a amarnos a nossa correspondencia, o nosso merecimento, ou o nosso affecto, foy taõ generozo o seu coraçaõ, que para mais engrandecer a fineza cedeu da paga; amounos naõ para q̃ o houvessemos de amar, senaõ porq̃ quis amarnos, naõ porque o movesse a nossa correspondencia, pois cedeu da mesma correspondencia para qualificar o amor.

L. quis ergo in fin. & ibi. glos. D. de Pecul. cum multis Tiraq. A costa. Fab. et aliis apud Oleam de ces T. 3. q. 1. n. 3.

L. quòd si servos. §. Idem labeo D. de in rem vers. l. peu. l f c. manda l. in depositi D. de re jud. l. item cum l. sequ. D. de alien. jud l 2 c. de litig. &c.

250 *In hoc est charitas*, dizia o Evangelista Fenis, *non quasi nos dilexerimus Deum, sed quoniam ipse prior dilexit*

Epr Joan c. 4. n. 10. & n. 19.

dilexit nos. Sabeis em que esteve a summa fineza do amor do Verbo, esteve na prioridade do seu amor; naõ nos amou porque nòs o amavamos, ou para que o amassemos, porque sem respeyto ao nosso affecto, e com renuncia da nossa correspõdencia ostẽtou primeyro o seu ardor: *Ipse prior dilexit nos.* A esperansa de ser amado, dis Nisseno, acende o fogo, e a affeyçaõ do amante: *Spes enim, qua speratur fore ut redametur, amatorem ardentiori afficit desiderio.* Mas, se isto succede no amor humano, não passa assim no amor Divino; via Christo que entre os homens, a quem amava, havia hum Pedro, que havia de corresponderlhe, e hum Judas, que havia de entregallo, e que faria nesta batalha o amor? Cousa notavel por certo! Olhando para a correspondencia de Pedro renunciou-a para que soubesse o Mundo que a correspondencia de Pedro naõ era causa do amor de Christo; olhou para a trayçaõ de Judas, e à vista da trayçaõ reforsou o affecto, para que visse o mesmo Mundo que a nossa ingratidaõ he o flabello do amor Divino: *Odium Deo, est flabellum charitatis*; de sorte que assim como a ingratidaõ de Judas naõ fes com Christo q̃ o aborrecesse, assim a correspondencia de Pedro naõ foy causa para que Christo o amasse: do amor de Pedro naõ fes causa, e do odio de Judas naõ fes caso, amou a este a pesar do odio, e amou a Pedro sem pesar o amor; tudo isto quer dizer aquelle *Prior dilexit nos.*

Nisse. Hom. 1. in Cantic.

Alp. in 1. Ep. Joan. c. 4. n. 10.

251 Que bellamente decifrou este conceyto o Evangelista Fenis naquellas duas proposições do amor: *Cùm dilexisset suos, qui erant in Mundo, in finem dilexit eos.* A causa, porque Christo amou os homens no fim, foy pellos ter amado no principio, esta razaõ do Evangelista he a mesma, que ensinaõ as Escolas, porque

que, como em Deos naõ possa haver mudança, por força, havia sempre amar, visto que amou huma ves; mas eu reparo em dar o Evangelista por causa do amor no fim, o amor do mesmo Christo no principio: amounos agora, porque nos amou entaõ: *Cùm dilexisset: dilexit*? Sim, porque o amor de Christo naõ podia ter outra causa mais que a si mesmo; se nos amasse porque o tinhamos amado, degenerára em correspondécia, se nos amasse para que o amassemos, degenerára em esperansa; sayba-se pois que nem foy esperansa, nem podia ser correspondencia, porque naõ teve mais motivo para amarnos que amarnos; foy hum amor, que naõ teve porque, nem paraque, foy hum amor, que naõ teve causa, nem esperou satisfaçaõ; como amasse amou, dis S. Joaõ, e naõ dis mais, porque a causa do seu affecto, e a consequencia do seu amor foy o mesmo amor: *Cùm dilexisset*, eis ahi o antecedente: *dilexit*: eis ahi a consequencia: *Cùm dilexisset* eis ahi a causa: *dilexit*: eis ahi o affecto: *Cùm dilexisset* eis ahi o porque: *dilexit* eis ahi o para que.

252 E que à vista de hum excesso taõ grande se atrevesse a Reverenda Senhora a dizer que essa renuncia da nossa correspondencia naõ podia ser fineza do amor do Verbo? Sem duvida que isto antes parece contradizer a razaõ, que ceder à verdade. Quando Jonathas verificou a David por tantos argumentos a fineza do seu amor, solicitou juntamente a sua correspondencia, e he muyto de reparar no q̃ disse o mesmo Jonathas: *Et si vixero, facies mihi misericordiam Domini; si autẽ mortuus fuero, non auferes misericordiam tuam à domo mea*: se eu viver, quero q̃ me pagueis a mim o amor, que vos tenho, e se passar para a outra vida, respondereis aos meus descendentes com o mesmo affecto: de

Lib. 1. Reg. c. 20 nn. 14. & 15.

maneyra que só por morte resolveu Jonathas ceder da correspondencia de David, mas ainda neste caso trasspassou nos seus descendentes o seu direyto: poderá haver coraçaõ taõ fino, que ame sem nenhum interesse, mas que se resolva a amar renunciando a correspondẽcia, nenhum houve senaõ o de Christo; naõ foy como Jonathas, ainda que Principe, que com preferencia aos mais quis q̃ o correspondessem primeyro, foy como elle só, que chegou a empenhar o affecto naõ para nos ter amantes, senaõ para nos ver amados: *Ut diligatis invicem, sicut dilexi vos.*

253 Bem sey que na Filozofia humana he alhea da arte esta nova consequencia; pois amay-vos, visto eu vos amar, porèm como Christo discorria ao Divino superior a toda a razaõ, dos motivos de o amarmos a elle fes motivo para nos amarmos a nós; empenhe-se Jonathas em ponderar as suas finezas para ter a David amante, que o nosso Jesus todo està empenhado naõ em ser querido, mas em nos ter queridos, estranha fineza na verdade nunca vista jà mais em coraçaõ humano; atè os mesmos fabulozos, que com liberdade do juiso discorriaõ na vontade, tiveraõ por impraticavel esta nova fineza; consideràraõ a Dido louca nas màs correspondencias de Eneas, porque ver a vontade queyxosa he materia para perder o juiso; dizem mais que pela pouca correspondencia de Pico se convertera em rio a desvelada Canente, tal ves porque as màs correspondencias obrigaõ o coração a rios de lagrymas, finalmente mudàraõ em Gyrasol a Clicie, porque Apollo não respondeu com excessos, porq̃ era impossivel mudarse Apollo, e ficar Clicie sem mudança; isto escreveraõ os Poetas, assentando como impossivel que pudesse haver amor sem olhar correspondencia.

Porém

254 Porèm o amor de Christo foy fino taõ extremosamente, q̃ sobre naõ esperar a nossa correspõdencia chegou a renuncialla; todos aquelles excessos, que vimos no Cenaculo, todas aquellas finezas, que experimentàmos naquella hora, bem que canonizavaõ a Christo amante, mostravaõ a perpetuidade do seu affecto; naõ pedia como Jonathas a David que fosse seu amante, senaõ que fossemos os amados; Jonathas na condiçaõ de morrer pedio para os seus o amor de David, Christo na hora da sua morte perpetuou nos amados o seu mesmo amor, isso dizem com energia, não sey se ponderada, aquellas palavras do mesmo Christo: *Ut diligatis invicem, sicut dilexi vos*; amayvos como eu vos amey; e q̃ quer isto dizer? Nada menos q̃ por via da substituiçaõ fique eternizado aquelle amor singular: heyde morrer, dis Christo, e para que com a minha morte naõ cesse a minha fineza, suppraõ os homens a minha falta, continuem amando-se sem outro fim, que serem amados, pois eu os amey sem outro motivo que ser amante; veja-se que com o fim da minha vida não tem fim o meu amor, amey por amallos, pois amem-se para serem amados, que só desta sorte se veraõ o affecto mais fino, e o amor sem fim: *In finem sine fine dilexit.* Apud Sylv.

255 Mas reparemos nisto mesmo; amou Christo aos homens no fim, mas sem fim: bem sey que o pensamento de quem expos a palavra foy inculcar a perpetuidade do amor, mas eu tambem acho que ennobrece o affecto; amar sem fim he o mesmo, que naõ dirigir a algum fim o amor, e tal foy o amor de Christo, podia o mover ou a nossa correspondencia, ou o nosso affecto; se o nosso affecto, amaranos a nòs, porque o amavamos a elle; se a nossa correspondencia, pello

amarmos a elle, amaranos a nòs; e, para q̃ se visse que era alhea destes respeytos aquella affeyçaõ Divina, sobre se ver offendido renunciou a correspondencia, ficando desta sorte puro sem mistura de respeyto aquelle amor naõ só puro, mas singular; quem ama porque o amaõ, obriga-se da causa, serà correspondencia, mas naõ amor: quem ama para que o amem, persuade-se da correspondencia, serà interesse, fineza naõ; amor interesseyro degenèra de amor, amor que corresponde, nunca foy fino, áquelle a conveniencia o atta, a este a correspondencia o liga; amor com liga he ouro com fezes, amor atado he prata com liga; diga-se pois do amor de Christo que de sorte se apurou na fineza, que excedeu a toda a razão; a razão sempre obra com fim, o amor nunca o ha de ter: *Sine fine dilexit*.

256 Nada digo, que seja contrario à boa Filozofia; superior a ella sim, contrario não. Duas castas de amor distinguem as Escolas, hum, a que chamão *amor amicitiæ*, outro a que chamaõ *amor concupiscentiæ*; aquelle he mais nobre, porque pàra na bondade do objecto amado, este naõ tanto, porque se termina na utilidade do sugeyto amante; esta utilidade lhe affronta a nobreza, e por isso o outro amor dizem que aperfeyçoa a vontade em quanto affectiva, este he o mais nobre, e mais heroyco amor, que reconhecem as Escolas; mas nem ellas mesmas me poderaõ negar que foy muyto mayor a fidalguia, e nobreza do amor de Christo nesta hora por tantos titulos sua, pois o naõ moveu a bondade do objecto, senaõ a bondade do sujeyto, naõ o moveu o merecimento dos amados senaõ a fineza do amante: *Ratio enim amandi in Deo*, discorreu altamente o Alapide, *petitur, & fundatur non in objecto amato, sed in ipso Deo amante*; de sorte que

Abbas in c. Quoties 5. col. 2. ℣. est etiam, n. 5. de Testib. Alex. Cons. 78. apud Gracian. Discep. For c. 200. n. 14.

A lap. in cap 5 ad Rom. n. 8.

que a summa perfeyçaõ do amor Divino he a causa formal de taõ estranho excesso sem outro motivo, sem outra causa, sem outro respeyto: he o que tambem notou S. Bernardo: *Amat Deus, nec aliunde habet ut amet, sed ipse est unde amat.* D. Bern. Ep. ad Romam.

257 Quando a bondade do objecto he causa do amor, he o amor necessario, porque a vontade naõ se pòde negar ao que he bom; quando a utilidade do amante inclina a vontade, já o amor he interesse, porque o interesse funda a utilidade; isto concorre em qualquer amor, por grande que seja, porèm o amor de Christo, prescindindo destes respeytos, nesta hora do seu amor nem amou necessitado, nem amou interesseyro; interesseyro naõ, porque cedeu a paga, necessitado tambem naõ, porq naõ teve motivo; grande amor na verdade, e taõ grande, que excede toda a fineza: lá recomendava S. Ambrosio a Sisinnio que, pois o amava tanto, o amasse tambem a elle: *Et nos dilige, quia nos te diligimus.* Esta he a clausula, com que o Santo Doutor termina a mayor parte das suas Epistolas, porque naõ ha coraçaõ, que ame sem os olhos no amor; só em Christo se limitou esta regra, porque só de Christo havia de ser a fineza. D. Amb. in Epist.

Propõe-se, & refuta-se o argumento, com que a Reverenda Senhora quer provar que não pode ser fineza de Christo renunciar a nossa correspondencia.

258 A Correspondencia dos homens, dis ella, naõ tras a Christo nenhuma utilidade: logo na sua renuncia naõ pòde caber fineza, porque se naõ pòde dizer que fas muyto quem deyxa nada;

 assim

assim argue a Reverenda Senhora, mas he porque lhe esqueceu pesar (ao mesmo tempo que o estava provando) o quanto estima Christo o nosso amor; nos homens, em que a vontade respeyta o util, naõ será fineza deyxar nada, porque medem as finezas pela sua utilidade; em Christo, que só estima o bem, claro está que renunciando o nosso amor fas muyto; porque estima a bondade do nosso amor: o amor do que se ama, dis o Padre Vieyra, prova-se pelo amor do q̃ se deyxa: logo amando Christo sobre tudo o nosso amor para comsigo, que podia deyxar por amor dos homens mais que o mesmo amor, acreditando o ser amante com a renuncia de ser amado; confeço que as nossas finezas naõ trazem a Christo utilidade, que se dis interesse, e que todos nòs a seu respeyto, ainda depois de o servirmos bem, nos havemos reputar inuteis: *Servi inutiles sumus*; mas daqui mesmo podia a Reverenda Senhora entrar com muyta facilidade no verdadeyro conhecimento do que dizemos.

Vieyr. tom. 1.

Luc. 17. n. 10.

Vieyr. tom. 1. fol. 315.

259 He certo q̃ Christo estima muyto as nossas finezas, assim o deyxou escrito por Saõ Lucas, confeçando que se alegrava muyto com a penitencia dos peccadores; assim o mostrou em casa de Simaõ, reputando em muyto as finezas da Magdalena, o mesmo consta de toda a Escritura, em que se naõ acha pagina, que naõ persuada o amor de Deos: este gosto pois he sem duvida que ha de assentar sobre alguma qualidade das finezas, pela qual ellas se fazem agradaveis a Deos, e assim he, porque assenta na honestidade, e bondade moral das mesmas finezas; assim o disse o mesmo Senhor falando das finezas da Magdalena: *Bonum opus operata est*: agora ao ponto; a bondade da fineza a respeyto de Deos he o mesmo na estimaçaõ, que a utilidade della

Matth. 26. n. 10.

della a respeyto do homem, porque, se o homem julga boa a fineza pela razaõ de util, Deos respeyta como util a fineza pela razaõ de boa; logo o mesmo se deve entender que fas Deos renunciando a nossa correspondencia como boa, que o homem renunciando a correspondencia como util, e se he muyto fazer pouco caso da utilidade propria, como póde ser pouco renunciar a correspondencia alhea?

260 Para corroborar com alguma formalidade o que fica dito, havemos de advertir que estas palavras *utilidade, e conveniencia* significaõ cousa transcendente, e se predicaõ naõ só do interesse, mas do gosto; igualmente dizemos que he conveniente, ou util aquillo, que se conforma com a nossa vontade, que aquillo, que se conforma com a nossa ambiçaõ; nestes termos já podemos sem rebuço chamar uteis para Christo as finezas dos homens, saõ uteis naõ porque se conformem com alguma ambiçaõ, senaõ com a sua vontade; saõ uteis naõ porque dellas lhe resulte interesse, senaõ gosto; e que tendo-o Christo taõ grande em ser amado dos homens, cedesse deste gosto por ver os homens mais amados: *Ut diligatis invicem*? Naõ sey que possa haver coraçaõ taõ duro, que desconheça neste caso a fineza do amor de Christo.

261 Mas apertemos mais este argumento, e supposto que os homens cedendo da fineza renunciaõ a utilidade, e Christo renunciando a correspondencia cede do gosto, mayor he a fineza de Christo que a dos homens, porque mais fas quem renuncia o gosto, que quem renuncia a utilidade: diga-o o mesmo Deos que só sabe avaliar as finezas dos homens, quando Abrahaõ com espanto da natureza, tendo por espectador o Ceo, por theatro a terra, hia a descarregar o golpe

Genes. 22. n. 12. para sacrificar o filho, rompeu o mesmo Deos nestas
Alap. hic. notaveis palavras: *Nunc cognovi quòd amas Deum;*
assim os Doutores cõmumente: agora conheço q̃ me-
amas: notavel dizer por certo, e em Deos, que he ad-
vertencia summa, muyto mais notavel: pouco ha que
Abrahaõ deyxou a caza, os parentes, e a patria por obe-
decer a Deos, peregrino; fineza tão grande pelas cir-
cunstancias concurrentes, que naõ acabaõ de encare-
Phil. Mend. tom. 3. in 1. Reg cap. 14. n. 13. S. 2. n. 1 Annot. 10. cella os Padres: em que esteve logo o excesso do sacrifi-
cio para preferir ao desterro, e dizerse que nesta acçaõ
provou o Patriarca o seu affecto: *Nunc cognovi quòd
amas Deum?* Em que no desterro deyxou a conveniencia
cia largando a caza, no sacrificio porèm cortou pelo
Genes. supr. n. 2. gosto offerecendo o filho, que amava: *Tolle filium tu-
um, quem diligis*; e he tanto mais heroyca fineza re-
nunciar o gosto, do q̃ a utilidade, que à vista daquelle sa-
crificio ficou a perder de vista qualquer fineza: *Nunc
cognovi quòd amas Deum, & non pepercisti*, vay a razão
do Texto, *Unigenito filio tuo propter me.*

262 Por isso quando os Apostolos deyxàraõ tudo
por amor de Christo, naõ lhes premiou o Senhor a
Matth 19. n. 28. deyxa, senaõ o sequito: *Vos, qui sequuti estis me, sede-
bitis.* E quando se houve de apartar delles duvidou lhe
Joan. 14. n. 28. do amor: *Si diligeretis me gauderetis utique.* Pois
agora duvida Christo da affeyçaõ de huns homens, que
tem renunciado tudo por seu respeyto? Sim, porque
na renuncia dos bens cediaõ do interesse, e quem dey-
xa o interesse, naõ se calisica de fino, por isso Christo
premiando lhes o sequito, naõ olhou para a deyxa:
Vos, qui sequuti estis me, sedebitis; pelo contrario em
sacrificar o gosto proprio se acredita o amor, e como os
Discipulos na partida do Verbo senaõ resolviaõ a sacri-
ficar o gosto de o ter comsigo, por isso o Senhor lhes

duvi-

duvidou o affecto: *Si diligeretis*, quando deyxàraõ o Mundo por amor de Christo fizeraõ pouco deyxando muyto, quando Christo os deyxou por amor do Pay, nada fizeraõ, naõ reprimindo o gosto; acolá não se segurou o affecto, aqui duvidou-se delle: *Si diligeretis*.

263 Ponham-se agora de huma parte os homens renunciando as correspondencias do seu amor, e nisso mesmo a utilidade dellas; da outra parte o mesmo Christo cedendo do gosto, que tem com as nossas correspondencias; fazem muyto os homens? Sim, dis a Reverenda Senhora, porque desprezaõ a utilidade; logo mais fas Christo, porque sacrifica o gosto; que sendo tanta a sua complacencia em se ver correspondido; cedesse da nossa correspondencia! que nos amasse sem os olhos no nosso amor, mas no seu! que empenhasse as finezas de amante naõ por se ver amado, senaõ por nos ver amados! Naõ pòde subir a mais o ponto da fineza, nem se póde discorrer mais em materias de amor; fique logo para trofeo immortal do amor Divino estampada no nosso assombro aquella famosa letra: *Ut diligatis invicem, sicut dilexi vos*.

264 Temos provada a nossa Conclusaõ, e porque o Padre Vieyra accrecentou que em toda a Escritura senaõ achava exemplo de semelhante fineza como a de Christo renunciando nos homens a correspondencia do seu affecto, empenha-se a Reverenda Senhora em lhe dar prova, e exemplo; e creyo que correria toda a Escritura pelo empenho, que tinha; naõ tras porèm mais que hum só lugar, mas de qualidade, q̃ bastalerse para haver refutarse; o lugar he este, exposto nesta fórma. Matou Absalaõ a Amnon pelo estupro de Thamar, por cujo fratricidio intenta David matar a Absalaõ; rebella-se depois o mesmo Absalaõ contra Da-

vid

vid, e pondo-se este em campanha, passa o decreto de que ninguem mate a Absalaõ, e porque Joab contraveyo ao decreto, matando-o às lançadas, entra David a desfazerse em prantos: este o caso, sobre o qual discorre assim a Reverenda Senhora. No fratricidio aggravava Absalaõ a Amnon na rebelliaõ a David; e com tudo dissimula David o seu aggravo, e naõ pode dissimular o de Amnon, sentindo mais a crueldade do filho a respeyto do irmão, que a respeyto de si mesmo: logo, (infere ella) queria David a correspondencia do seu amor naõ para si, senaõ para Amnon, e aqui està a prova na Escritura da fineza, que se pondèra.

265 Bem tirada consequencia na verdade! Mas nesta fórma podia achar muytos Textos na mesma Escritura; de sorte que por David dissimular os aggravos de Absalão contra elle, e naõ a morte, que deu a Amnon, se infere que queria para Amnon as correspondencias do seu affecto? E como podiaõ ter lugar as correspondencias com Amnon, se elle jà estava morto? e donde se tira que este era o intento de David? Em fim eu confeço que não chego a perceber a viveza deste discurso, e creyo que o mesmo succederà a todos os que o lerem, para que fique mais authentica a asserção do Reverendo Padre, havendo-se por incontroverso que de semelhante fineza não hà prova, nem houve exemplo, e que de todas as finezas de Christo, sendo a ausencia mayor que a morte, a privaçaõ da vista mayor que a prezença; o lavatorio do traydor que o lavatorio dos Discipulos, a suprema, e mayor de todas no ultimo fim da sua vida Santissima foy o renunciar, e ceder em nòs as correspondencias do seu amor.

Propoe-se

Propõe-se, e convence-se o parecer da Reverenda Senhora, que tem ser a mayor fineza do amor Divino os beneficios negativos.

266 COm toda a brevidade trataremos este ponto, tanto por ser fóra do assumpto, como por naõ necessitar de muyto empenho a sua extravagancia; dis pois a Reverenda Senhora que a mayor fineza do amor Divino consiste nos beneficios negativos, isto he, em deyxar de nos fazer aquelles beneficios, e de dar aquelles auxilios, que sabe nos naõ haõ de aproveytar, antes se haõ de converter em nosso dano, porque nos haõ de servir de cargos no Juiso final, conforme o que disse o mesmo Christo falando com Bethsaida, e Corozain: *Væ tibi Corozain, væ tibi Bethsaida, quia, si in Tyro, & Sydone factæ essent virtutes, quæ factæ sunt in vobis, olim in cilicio, & cinere pœnitentiam egissent. Veruntamen dico vobis: Tyro, & Sydoni remissius erit in die judicii, quàm vobis*; o que tambem notou S. Gregorio Papa, dizendo que haõ de ser mais gravemente julgados aquelles, que neste Mundo receberaõ mais auxilios: concorrem nesta fineza, dis ella, aquelles dous termos, que elevaõ huma fineza ao summo grao, que vem a ser da parte do amante a difficuldade, que a naõ pòde haver mayor para Deos, que suspender a torrente da sua liberalidade, deyxando de nos fazer beneficios por nos serem perniciozos; e da parte dos amados a utilidade, pois no Juiso final naõ seraõ taõ severamente punidos aquelles, a quem senaõ conferiraõ mais auxilios: isto he em summa o que dis a Reverenda Senhora.

Matth. cap. 11. n. 16.

267 E desta sua doutrina se seguem tantas consequencias,

quencias, como absurdos; e a primeyra, que se segue; he que menos deve a Deos hum Christaõ, que hum Tapuya, e que mais beneficio fas ao Tapuya, a quem permitte a escassa lus do conhecimento natural, que ao Christaõ, a quem dá auxilios na prègaçaõ, e nas inspirações; he verdade que o Christão se perde, e que os auxilios desprezados haõ de ser mayor cargo no Juiso final, mas que fas a respeyto de Deos essa desgraça do Christaõ, se com elle se mostrou o mesmo Deos mais benefico, que com o Gentio? Segue-se tambem em segundo lugar outra galante consequencia, e vem a ser, que supposto he mayor fineza a subtracçaõ dos auxilios àquelle, que se ha de condenar; mais deve este a Deos que o outro, a quem deu o auxilio efficás para a sua salvaçaõ, porque esta, dis a Reverenda Senhora, naõ he fineza taõ grande, como a outra; segue-se finalmente que menos fino andou Deos com os Santos, q̃ reynaõ na Gloria, que com os Pagãos, que estão no inferno; porque, ainda que àquelles deu hum auxilio efficás, com que se salvàraõ, a estes naõ conferio muytos auxilios, que poderiaõ augmentar os seus tormentos, e esta dis a Reverenda Senhora que he a mayor fineza do amor.

268 Mas observemos os dous termos, que ella dis encontrarem-se nesta fineza para ser a mayor de todas; encontra-se o termo *à quo*, que saõ as difficuldades do amante, isto he, de Deos, que dezeja summamente fazernos beneficios; e contra isto está, que o naõ nos fazer beneficios he o mayor beneficio, e a mayor fineza, que Deos nos fas; logo nisto naõ pòde ter difficuldades; pois nos fas hum beneficio taõ grande: de sorte que a Reverenda Senhora tem q̃ a mayor fineza de Deos he não conferir aquelles auxilios, que depois

pó;

pódem servirnos de torcedores, e affentando que este he o mayor beneficio, e a mayor fineza, accrescenta que esta he para Deos huma grande difficuldade, pois o genio de Deos he fazernos beneficios; necessariamẽte havemos logo de dizer que ou nisto não póde haver difficuldade em Deos, ou que, se a ha, nos naõ fas beneficio algum; eu me explico mais clara, e brevemente. Para Deos só he difficultozo deyxar de nos fazer beneficios; quando Deos subtrahe os auxilios, que nos pódem augmentar a pena, fas-nos o beneficio, e fineza mayor; logo a subtracção dos auxilios naõ lhe fas difficuldade: se passarmos ao termo *ad quem*, que he a utilidade dos amados, dado que lhes possa ser util carecerem dos auxilios sufficientes, pois naõ seraõ tão asperamente punidos, mais uteis lhes foraõ os auxilios efficases para serem eternamente premiados.

269 Tudo o que Deos nos fas, ou dá he para bem nosso, as molestias, e os alivios, as miserias, e as abundancias, a infirmidade, e a saude; o ponto he que nós convertamos isto mesmo em utilidade nossa, pois no genero de auxilios sufficientes Deos he para todos igual, porque a todos os confere de sorte, que senaõ póde attribuir a Deos a perdiçaõ de cada hum; este ponto toca na materia de Auxilios, cuja disputa he hoje prohibida pelos Summos Pontifices, que a naõ permittem, nem ainda com o pretexto de commentar as Questões do Doutor Angelico, por isso nos naõ esprayamos mais nesta materia; tambem porque o que fica ponderado basta para desvanecer a extravangancia, com que sahio a Reverenda Senhora cuydando que avantejava o parecer de tantos Santos, e Doutores, que nunca proferirão proposiçaõ semelhante; mas o fim da obra responde aos progressos, e tudo ao intento; cada

hum formará o juiso, que lhe parecer depois de lido este papel; certos de q̃ naõ temos os olhos em applauso, quando vemos o mesmo Vieyra reprehendido: mas, se a nossa reprehensaõ se parecer com a sua, nós aceytamos a censura, Vieyra sempre tem o applauso.

Finis, laus Deo, Virginique Matri, nec non parentibus Augustino, & Monicæ, in quorum laudem scripta cedant.



